



COMPLEXO
CULTURAL
PARANGABA 

NARA GABRIELA MESQUITA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
NARA GABRIELA DE MESQUITA PEIXOTO
ORIENTADORA: SOLANGE SCHRAMM



OMPLEXO



ULTURAL



ARANGABA

FORTALEZA, 2016

COMPLEXO CULTURAL PARANGABA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Solange Schramm
Orientadora
Dau Ufc

Prof. Dr. Ricardo Fernandes
Convidado Dau Ufc

Luciano Guimarães
Arquiteto Convidado

FORTALEZA, 2016

Texto e Edição
Nara Gabriela de Mesquita Peixoto

Orientação
Solange Schramm

Capa, Fotografia e Ilustrações
Nara Gabriela de Mesquita Peixoto

Projeto Gráfico e Diagramação
Talita Késsia

Revisão
Débora Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca do Departamento de Arquitetura

P43c Peixoto, Nara Gabriela de Mesquita
Complexo cultural Parangaba / Nara Gabriela de Mesquita Peixoto. – 2016.
136 p. : il. color., enc. ; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2015.
Orientação: Prof. : Dra. Solange Maria de Oliveira Schramm

1. Arquitetura – Centros culturais - Projetos e plantas - Parangaba (Fortaleza, CE). 2. Patrimônio cultural – Parangaba (Fortaleza, CE). 3. Espaço público – Projetos e plantas - Parangaba (Fortaleza, CE). I. Título.

CDD 725.8042

*“A mente que se abre a uma nova idéia jamais
voltará ao seu tamanho original”
Albert Einstein*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me deram educação e suporte, acreditando no meu potencial e fomentando meios para isso.

À orientadora Solange Schramm, que sempre motivou a continuar essa jornada e incrementou meus pensamentos com conceitos refinados sobre aspectos diversos de arquitetura.

Ao professor Ivan Ary que me orientou em relação aos sistemas estruturais e aspectos técnicos do edifício, sempre apostando na integração entre engenharia e arquitetura. Também aos arquitetos Luciano Guimaraes e Renan Cid e ao engenheiro civil Codis que estiveram dispostos para explicar aspectos técnicos relevantes do projeto.

Ao grupo dos bestas: Bruno, Paulo, Francis, Priscylla, Rafinha, Chris, Rebeca, Carla, Renan e Daniel, por darem sentido aos 6 anos de uma graduação cheia de motivações e incertezas. Àquelas conversas nos bancos, momentos de desespero por projeto e mesmo assim sempre encontrar motivo para rir das besteras da vida.

Às amigas de longa data Manuela, Gisele e Lícia... e ao Roberto estrela, intruso no grupo. Que durante esses anos aguentaram e se divertiram com minhas loucuras e frases sem sentido.

À minha segunda família que fiz nas terras de fora, Carla, Raquel e Cláudio, que continuo sendo a caçula do grupo. Também não poderia faltar Fernando, Talita, Júnior e Rafael, que compartilhamos os mais empolgantes e difíceis momentos da vida.

À Carla, Eduardo e Igor que me ensinaram bastante na Habitafor, ajudando a entender as qualidades e descrenças da máquina pública.

À minha amiga Debs que ajudou na tradução dos garranchos que levaram à produção desse texto.

À Ingrid Peixoto, que me disponibilizou as plantas do CUCA Barra e prestou valiosas informações para o desenvolvimento desse trabalho. Também à todos os que trabalham na REDE CUCA e acreditam na missão de transformar a realidade cruel que os jovens da periferia enfrentam.

PRÓLOGO

Este trabalho parte de uma ideia de cidade na qual pulsa cultura em cada uma de suas veias. A cultura como forma de expressar nossas ideias e ações, de nos tornar capazes de participar e lutar por uma sociedade mais justa e digna. Encontrei no bairro de Parangaba um meio para expressar isso, pois é um local riquíssimo em recursos naturais, históricos e culturais, além do fato de ter muitas minhas vivências na região, como usuária de seus espaços.

Aprendi, durante intercâmbio de estudos em Lisboa, que a cidade não precisa ser cruel com as pessoas, que há vida nas ruas e que o espaço público precisa ser respeitado. Muitas vezes, o que falta é um meio para isso, um símbolo talvez. Passado um ano, quando voltei, a primeira impressão que tive foi quão rica é a nossa cultura. Que me perdoem os portugueses, mas nossa música é a melhor do mundo...

A proposta considera várias escalas de análise, aprofundando-se na escala do edifício, com a proposição de um centro cultural, associado a um teatro. Trata-se de uma renovação urbana do centro histórico Parangaba, contemplando a proposição de novos equipamentos públicos que podem induzir a revitalização de outros já existentes, de cunho esportivo, culinário, educacional e ou cultural.

Palavras Chave: Cultura, Lazer, Parangaba, Renovação Urbana.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

JUSTIFICATIVA 15

OBJETIVOS 15



PARTE I

1. CONCEITOS E CRÍTICAS 17

2. REFERÊNCIAS PROJETUAIS 29



PARTE II

3. SOBRE O LUGAR 43

4. DIAGNÓSTICO 59



PARTE III

5. PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO 79

BIBLIOGRAFIA 128

APÊNDICE 131

Este trabalho é dividido em três partes, semelhantes aos três principais atos de um roteiro de cinema:

PRIMEIRO ATO, apresentação

Trata-se das reflexões e conceitos gerados a partir das preocupações com o tema, sobretudo as categorias de cultura e espaço público. Depois, há a apresentação de referências práticas e teóricas que reforcem a ideia.

SEGUNDO ATO, confrontação

Definidas as principais ideias e conceitos, o estudo é direcionado à escolha do terreno e então começam os desafios, que não são poucos. A partir desse ponto, se realiza o diagnóstico mostrando potencialidades e divergências da área escolhida.

TERCEIRO ATO, resolução

A terceira parte é a proposta de intervenção. Primeiro, em escala urbana, onde, em linhas gerais, são definidas decisões de planejamento e integração de toda a área de intervenção. Depois, em uma escala arquitetônica, mais aprofundada, se desenvolve o projeto do edifício cultural.

* O norte-americano Syd Field elaborou o famoso "Paradigma dos três atos", um manual de roteiro baseado em muito tempo de análise onde buscou a aprovação para filmagem e concluiu que há uma certa base que é sempre seguida pela grande maioria dos roteiros.

APRESENTAÇÃO

[...] os arquitetos têm que pensar em projetos que deixem nossas cidades menos tristes e tragam o melhor do ser humano.
(Alain Botton)

TEMA

O tema da cultura surgiu por um interesse pessoal, já que é através da afinidade que se obtém os melhores resultados. Sempre fui interessada nas diversas artes, desenho e música sobretudo. O diagnóstico diria de uma vida, com as vivências em equipamentos culturais da cidade como BNB, SESC e CUCA.

Tendo em vista o meu interesse pessoal sobre o assunto, busquei compreender sua relevância e carências no contexto atual da cidade. As primeiras ideias surgiram na forma de um teatro ou um equipamento de bairro. No meu bairro, inclusive, há alguns anos atrás foi criado um espaço cultural anexo ao mercado público, no qual ingressei em um curso de música. Pouco tempo depois, o equipamento perdeu interesse dos órgãos públicos e o espaço se encontra abandonado até hoje.

Com isso questioneei a força que tal equipamento tem sobre uma comunidade. Poderia ser um elemento que congregasse as pessoas e fosse símbolo de orgulho do bairro, mas, para isso a sua escala talvez devesse ser diferente. Cheguei, então, à conclusão de que só a arquitetura, muitas vezes, não tem esse efeito transformador, carecendo de intervenção na escala urbana.

Lanço, então, um olhar sobre o meio urbano, que pode valorizar os espaços arquitetônicos e potencializar o melhor do ser humano. Pode haver uma integração com o meio natural e edifícios históricos, transformando o modo com que as pessoas enxergam e se comunicam com uma paisagem. De fato, acredito que o sucesso ou fracasso de uma arquitetura depende de como ela se relaciona com seus usuários.

JUSTIFICATIVA

Analisando a malha urbana de Fortaleza, procurei um local que clamasse por uma intervenção, não sendo um mero capricho. Foi escolhida a região da Parangaba, já que possui uma estrutura capaz de incorporar uma grande intervenção, porém seus espaços se encontram desintegrados e abandonados aos olhos do poder público. Muitos são os motivos da intervenção:

- Espaços públicos e livres abandonados;
- Carência de equipamentos públicos de cultura e lazer;
- Parangaba é uma centralidade que influencia bairros vizinhos;
- Mercado imobiliário servindo apenas o capital privado, gerando segregação social;
- Centro histórico em processo de abandono.

Por estar no lado oeste da cidade, Parangaba não teve o devido investimento ao longo de sua formação, carecendo de planejamento e equipamentos públicos que integrem seu centro histórico às novas transformações que o lugar vem passando nas últimas décadas. Como se observa no mapa, os principais equipamentos culturais da cidade não estão no seu raio de alcance (MAPA 1).

Para justificar a intervenção, uso como base principal o pensamento crítico de Jane Jacobs (2006) (ver pag 23), segundo a qual não adianta a cidade possuir praças meramente contemplativas e sem vida, pois são evitadas pela população e tidas como perigosas. As pessoas precisam se integrar com esses espaços e uma forma para isso é a diversidade de seus usos.

OBJETIVOS

O objetivo principal da intervenção é o desenvolvimento local da Parangaba com alguns objetivos específicos, dentre eles:

- Resgatar a identidade do centro histórico da Parangaba;
- Preservação do Patrimônio Material e Imaterial;
- Requalificar espaços públicos e livres;
- Criar uma aproximação com a Lagoa e seus recursos naturais;
- Proporcionar espaços de convívio onde se tenha difusão da cultura;
- Criar um edifício público simbólico.

PARTE I

1. CONCEITOS E CRÍTICAS

“Comer, sentar, falar, andar, ficar sentado tomando um pouquinho de sol... a arquitetura não é somente uma utopia, mas é meio para alcançar certos resultados coletivos. A cultura como convívio, livre-escolha, como liberdade de encontros e reuniões. Gente de todas as idades, velhos, crianças, se dando bem. Todos juntos.” (Lina Bo Bardi)

SOBRE CULTURA

“Cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (Edward Burnett Tylor, 1917)



1



2

Centro Cultural Vergueiro,
São Paulo. Fonte Fig 1:
[http://www. qualviagem.
com.br](http://www.qualviagem.com.br). Fonte Fig 2: [www.
centrocultural.sp.gov.br/](http://www.centrocultural.sp.gov.br/)

Segundo David Schneider, “*Cultura é um sistema de símbolos e significados. (...)*”, sendo o modo que o indivíduo se relaciona com a sociedade. É fator de mudança social, de servir não apenas para descrever a realidade e compreendê-la, mas também para apontar caminhos e contribuir para sua modificação.

O papel do centro cultural é dar meios ao indivíduo conhecer, desenvolver e criar novos olhares sobre o mundo. É um tipo de edifício polarizador que reúne vários equipamentos culturais em um só. Possui várias escalas, podendo agregar pequenas ou grandes atividades. Centros culturais podem ser considerados como “locais de conhecer, de pensar, de elaborar, de criar; espaços de ação contínua e não-linear, não-convencional, de fazer a cultura viva; espaço de fortalecer as individualidades para atuarem coletivamente, de maneira criativa, elaborando a cultura com as próprias mãos”. (RAMOS, 2007, p 77)

No Brasil, os primeiros centros culturais foram implantados em São Paulo, como o Centro Cultural em Vergueiro (Fig 1 e 2), com a finalidade de gerar estabilidade na política cultural em contraponto às ações eventuais no setor. Ainda hoje, os centros culturais são espaços que indicam permanências por sua estrutura física e simbólica, embora haja discontinuidades de investimentos e atividades de uma gestão de governo para outra.**

Quando públicos, geralmente são de grandes dimensões e pluralidade de atividades, espaços e equipamentos, contando com acervo próprio e relevante colocado de forma estável e acessível aos seus frequentadores. Quando pertencentes à iniciativa privada, geralmente mesclam algumas atividades culturais, exposições, apresentações teatrais ou musicais com atividades ligadas à instituição, palestras, lançamentos de livros, etc.

Algumas instituições bancárias fazem uso das leis de incentivo e renúncia fiscal, com parte de recursos públicos e parte de capital próprio. É o caso dos Caixas Culturais, Centros Culturais Banco do Nordeste, Centros Culturais Banco do Brasil, e Itaú Cultural, nos quais os dois últimos não foram instalados na cidade de Fortaleza.

* Laraia, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Zahar. Rio de Janeiro, 1986, pg. 63

** No município de Fortaleza, atualmente são investidos 1% do orçamento para a pasta de cultura, conquistados ainda mediante protestos de artistas e apoiadores em 2015. O maior valor de investimento foi 2,05% em 2012 durante a gestão de Luizianne Lins.

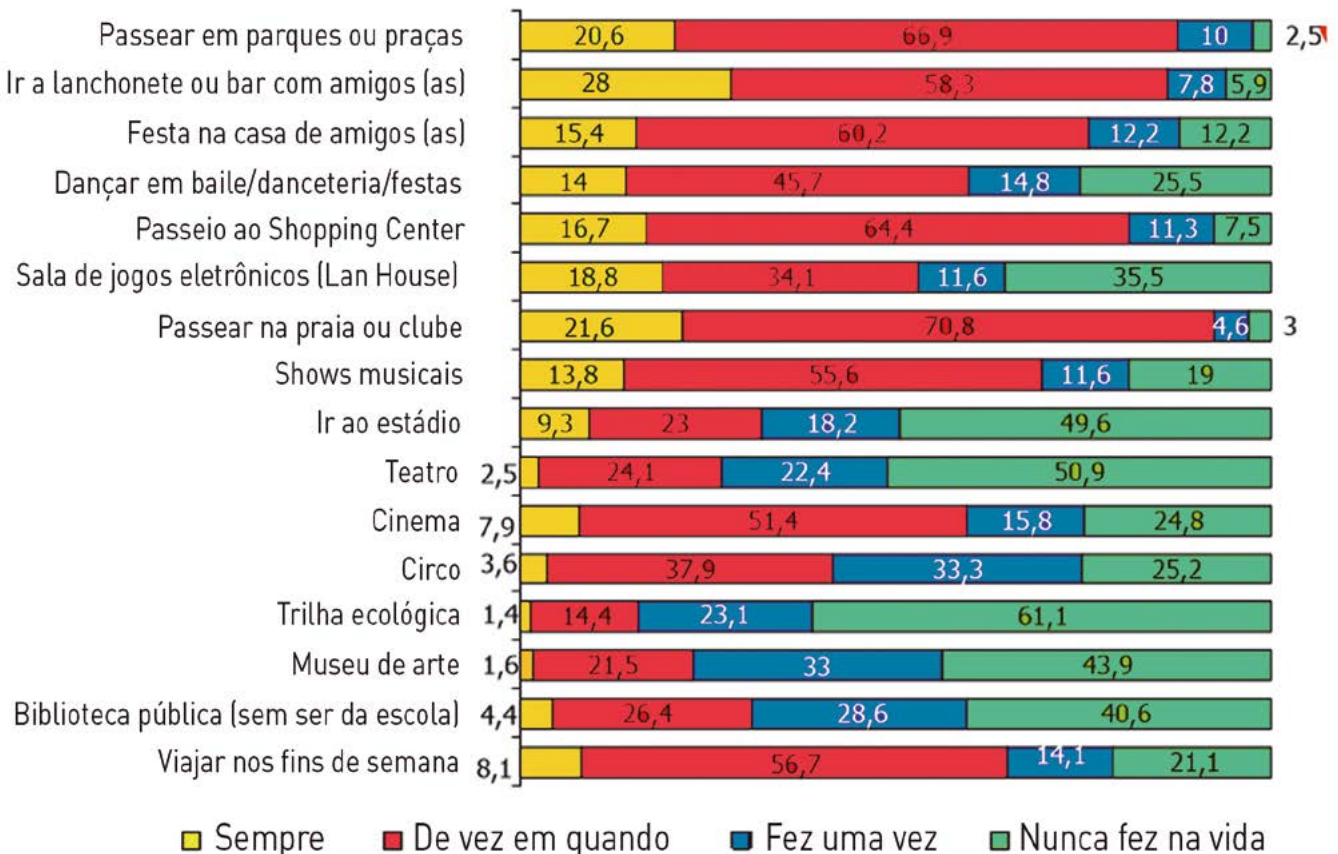
ALIENAÇÃO E ACESSO À CULTURA

A expansão espraiada da cidade prejudicou o acesso a equipamentos culturais já que esses se concentram na região do centro expandido. As famílias que moram em bairros distantes têm que percorrer longas distâncias para ver a cidade de Fortaleza que é estampada em capa de revista, como se não pertencessem a esse lugar.

“Mesmo sendo direitos, legalmente garantidos, uma parte da população brasileira, não tem acesso e não usufrui das atividades culturais e de lazer por causa da situação financeira e pela falta de efetividade das políticas públicas que são destinadas a este setor. Com isso, o que mais impossibilita que a população desfrute do lazer é sem dúvida o fator econômico” (SILVA, LOPES, XAVIER, 2009)

PESQUISA RETRATOS DA FORTALEZA JOVEM (PMF, 2007)

Frequência a atividades e lazer, cultura e passeios (estimulada em %)



Na pesquisa Retratos da Fortaleza Jovem, realizada em 2007 pela Prefeitura de Fortaleza, são levantados dados sobre os hábitos e vivências dos jovens na cidade. Somente 20% dessa população tem o costume de frequentar parques e praças e, o que é mais alarmante, quase 70% nunca foi ou somente foi uma vez a uma biblioteca pública ou a um teatro. Ou seja, o uso de espaços públicos e o aproveitamento de bens simbólicos são práticas minoritárias, o que não signifique que deva ser assim.

Hoje, parece claro que investir na democratização cultural não é induzir a totalidade da população a fazer determinadas coisas, mas sim oferecer a todos a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas, colocando os meios à disposição, combatendo o não acesso, no caso da produção menos vendável (BOTELHO; FIORE, 2005, p. 3-4).

Em busca de ofertar maior interatividade, alguns equipamentos culturais vêm ofertando uma maior disponibilidade e manuseio de seus acervos, abrindo lugar para a tecnologia informacional, virtual e visual. É o caso da rede Livraria Cultura, presente inclusive em Fortaleza, e da Hunt Library (Figuras 3, 4, 5 e 6).



3



4



5



6

Fig 3 Livraria Cultura Fortaleza
 Fonte: vejabrasil.abril.com.br
 Fig 4 Livraria Cultura São Paulo
 Fonte: iguatemi.com.br
 Fig 5 Hunt Library, Centro de pesquisas da Universidade da Carolina do Norte - US
 Fonte: http://www.world-architects.com/en/projects/42358_James_B_Hunt_Jr_Library
 Fig 6 Fonte: <http://www.esto.com/photographers/jeff-goldberg/hunt-library>

- Espaços para consulta à internet;
- Atividades infantis como leitura de histórias e espetáculos teatrais que articulem interesse pela literatura e leitura.
- Construção de espaços ambientados para faixas etárias e gostos diversos, como um espaço infantil com brinquedos e cores vibrantes, ou uma seção de empréstimo de livros relacionados a jogos eletrônicos.
- Encontros e palestras com escritores.
- Grupos de estudos.
- Salas climatizadas para pesquisa individual e grupal.
- Exposições permanentes e temporárias sobre autores e suas produções.
- Serviços de entrega de livros em domicílio ou consulta via e-mail.

O fato é que, em nossos tempos, busca-se um equilíbrio entre o modelo tradicional de bibliotecas, museus, teatros e cinemas e o modelo moderno do shopping. Os primeiros são vistos com respeito contemplativo e associados à alta cultura, gerando desinteresse e falta de interatividade com a população. O segundo oferece um produto ideal para consumo, marcado pelo dinamismo, desejo e opções de escolha, mas também pela segregação e falta de apego com a memória.

DE PORTAS ABERTAS?

A indagação sobre o sucesso e atratividade de Centros Culturais me veio em visita ao Centro Cultural Bom Jardim, localizado no bairro Bom Jardim, um dos mais violentos na periferia da cidade de Fortaleza. O CCBJ é gerido por uma Organização Social, o Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC), que também administra o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho.

Desde sua inauguração, o espaço cultural desenvolve atividades ligadas a artes, gastronomia, cidadania e práticas de economia, educação ambiental, leitura e produção textual, moda e design, mídia digital, memória social, entre outros programas totalmente gratuitos e custeados com recursos públicos, destinados a crianças, jovens e adultos da população do Grande Bom Jardim. (MOURA, 2012, Pag 140)

O edifício é formado por um conjunto de blocos irregulares de diferentes alturas que formam uma pequena praça circular no seu centro,



Fig 7, 8 e 9 Centro Cultural Bom Jardim.
Fonte: Autora

remetendo à uma vila com casas irregulares. Há uma grande coberta com alto pé-direito proporcionando sombra sobre seu espaço interno. A implantação gera espaços subutilizados em suas margens e corredores estreitos que remetem à sensação de insegurança com suas pontas que levam a lugar nenhum (Fig 7, 8 e 9).

A proposta do Centro Cultural é boa, com 23 ambientes, uns abertos e outros fechados, entretanto não consegue atrair um público diverso na comunidade. Segundo relatos, *“eles achavam que eles não poderiam entrar por conta dos seguranças que ficam, das grades, isso trazia uma ideia de que eles teriam que pagar pra entrar”* (MOURA, 2012, pag. 143).

No mesmo dia, em visita ao CUCA Mondubim, encontro um equipamento completamente diferente, num ambiente confortável, amplo e convidativo. Haviam pessoas nos diversos cursos ofertados, na biblioteca ou simplesmente deitadas em um dos cantos conversando. Mais que um espaço onde são ofertadas salas de cinema, atividades teatrais e cursos de capacitação, o centro cultural deve proporcionar esses lugares de encontro, onde as pessoas vão mesmo para *“não fazer nada”*. Tal como enuncia Lina Bo Bardi ao descrever o SESC Pompéia:

“Comer, sentar, falar, andar, ficar sentado tomando um pouquinho de sol... a arquitetura não é somente uma utopia, mas é meio para alcançar certos resultados coletivos. A cultura como convívio, livre-escolha, como liberdade de encontros e reuniões. Gente de todas as idades, velhos, crianças, se dando bem. Todos juntos.” (Lina Bo Bardi)

* (VÍDEO) LINA BO BARDI, 50min. Brasil, 1993 Direção: Aurélio Michiles.

SOBRE ESPAÇO PÚBLICO

Os espaços públicos são elementos maravilhosos de encontro onde se manifesta a vida cultural e política nas cidades. Tudo acontece a vista do público, quer seja para reuniões, compra e venda de mercadorias, realização de festas, de procissões, dentre outros. São também espaços políticos, símbolos de uma comunidade onde pessoas expressam suas ideias, havendo ocorrido as mais célebres e tenebrosas decisões políticas.

Na vida urbana contemporânea, as pessoas se ligam fundamentalmente às obrigações de trabalho. Ao tempo livre (descanso, recreação e consumo cultural) se prefere a intimidade doméstica, os encontros familiares e as formas seletivas de sociabilidade. As discussões políticas também mudaram de dimensões, já que o cidadão moderno expressa suas opiniões segregadas no espaço ficcional, dentro da sua zona de conforto. Perdeu-se o hábito da “vida pública”, aliado às dificuldades e ameaças de viver nos grandes conglomerados urbanos.

Para Jane Jacobs, a “culpa” é do urbanismo moderno, que preenche a cidade com grandes manchas verdes que mais servem de colírio aos olhos. É do senso comum que parques e praças de bairro sejam considerados dádivas conferidas à população como espécie de “pulmão” nas grandes metrópoles. Na escala do pedestre, muitas vezes são grandes vazios, sem sombra e sem vida.

“Vamos virar esse raciocínio do avesso e imaginar os parques urbanos como locais carentes que precisem da dádiva da vida e da aprovação conferida a eles. Isso está mais de acordo com a realidade, pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso. ” (JACOBS, 2000, Pag. 97)

Os parques impopulares preocupam, são sinônimo de vandalismo e violência. Mais que isso são oportunidades perdidas de desenvolvimento econômico de uma localidade. O símbolo desse fracasso são as grandes áreas verdes envoltas a certos conjuntos habitacionais, verdadeiros espaços sem identidade.

“Mais Áreas Livres para quê? Para facilitar assaltos? Para haver mais vazios entre os prédios? Ou para as pessoas comuns usarem e usufruírem? Porém, as pessoas não utilizam as áreas livres só porque elas estão lá, e os urbanistas e planejadores urbanos gostariam que utilizassem. ” (JACOBS, 2000, Pag. 98)

Na Grécia Antiga, a ágora era o espaço de reunião onde ocorriam a práxis (conversação) e se discutiam questões políticas e de interesse público.



GRÉCIA

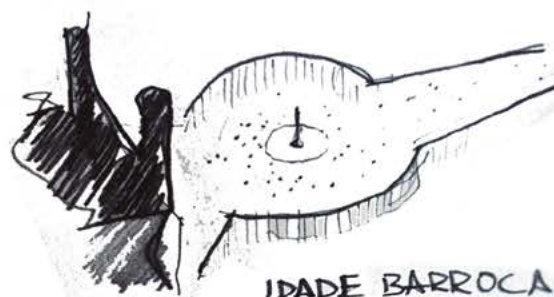
Na cidade Medieval, a praça respirava cultura e nela eram realizados festivais religiosos e diversos eventos da região. A escala humana era evidenciada pelo baixo gabarito dos edifícios e também por pequenos largos nos pontos nodais que auxiliavam na localização do pedestre em meio ao traçado sinuoso da cidade.



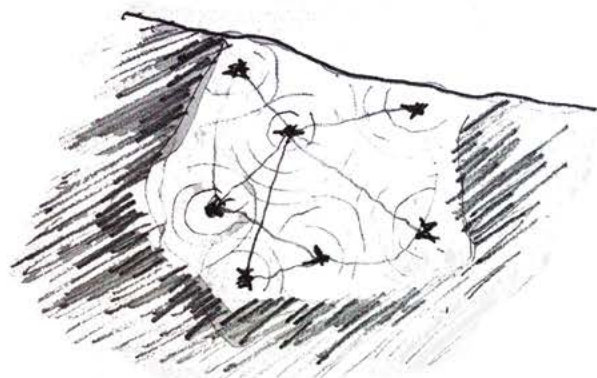
IDADE MEDIA



Na idade barroca, a praça servia como representação de um estado que se firmava. A escala já não era mais a humana do encontro. Criam-se os grandes edifícios representativos que orgulhem o povo, como museus nacionais, teatros e bibliotecas públicas.



IDADE BARROCA



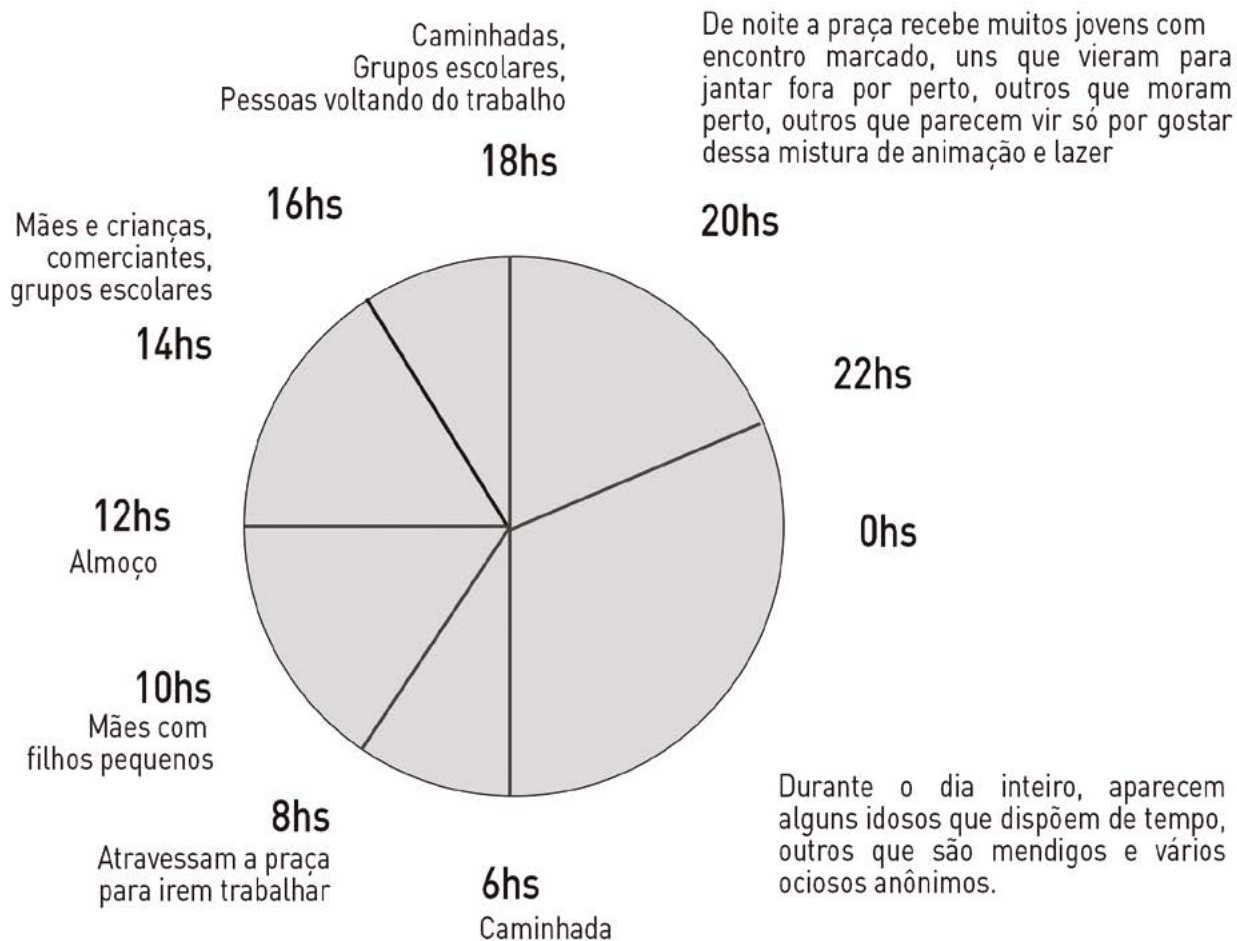
CIDADE MODERNA

Na idade moderna, as grandes distancias nas cidades afastam a noção de pertencimento dos lugares. Centralidades se firmam com concentração de serviços e opções de lazer. Surgem os centros culturais como edifícios polarizadores de atividades e símbolos de uma região.

Hoje, grandes centros comerciais como os Shoppings Centers são o lazer de grande parte da população, onde as pessoas vão para se encontrar, comer, passear e fazer compras. Tal como um jogo cheio de regras, não há conflitos ou discursões, pois é adequado a quem têm mesmos interesses e certo capital. Também não é permitido jogar cartas com amigos, sentar no chão, ouvir ou tocar música sem autorização, apenas consumir.



SHOPPING



ESQUEMA DE USOS E HORÁRIOS NO PARQUE

Fonte: Autora, baseado nos estudos de Jane Jacobs

Segundo Jacobs, é a diversidade de usos de edifícios e equipamentos que torna um lugar mais atraente, trazendo pessoas em diversos horários do dia, para verem e serem vistas pelos demais. De manhã e de tarde o movimento de crianças e adolescentes indo para a escola, de tardezinha surgem as caminhadas e, mais a noite as pessoas vem para encontros casuais, comer algo ou aproveitar o tempo livre desfrutando da programação cultural ofertada.

O centro cultural então surge como polarizador, proporcionando uma série de atividades ou simplesmente um apoio físico que ofereça segurança. Assim, além das pessoas que já utilizam um espaço por hábito ou para suprir alguma necessidade específica, surgem aquelas que ali passaram e se interessaram por algo como música, comida, peça teatrais ou uma bela paisagem.

INTEGRAÇÃO COM O LUGAR

Cada lugar possui qualidades e defeitos, aspectos físicos e lúdicos que só existem ali. Se o edifício é capaz de explorar ao máximo essas possibilidades, torna-se uma dádiva que fortalece a presença humana naquele espaço. Interessante são os casos do Museu de Arte São Paulo, e do Museu NEMO em Amsterdam. Os dois edifícios em locais tão distintos, mas com uma qualidade em comum: O edifício é a praça. O primeiro, localizado numa cidade quente em muitos meses do ano, mas com um vento refrescante, oferece o conforto da sombra (Figura 12). Já o segundo, em uma cidade fria, com invernos prolongados, é um mirante que possibilita um olhar para a cidade sob o caloroso sol (Figura 10 e 11).



10



11

Fig 10 NEMO Museum, Amsterdam. Projeto de Renzo Piano. Fonte: <http://hannah-keulen.blogspot.com.br/2012/03/my-favorite-terraces-amsterdam.html>

Fig 11 NEMO
Fonte: <http://www.rpbw.com/project/39/nemo-national-center-for-science-and-technology/>

Fig 12 MASP, São Paulo. Projeto de Lina Bo Bardi. Fonte: <http://mob.art.br/museus/masp-museu-de-arte-de-sao-paulo/>



12

Para Jan Gehl (2013), é a qualidade dos espaços públicos da cidade que os tornam atraentes e vivos ou evitados e perigosos. Se o espaço oferece conforto e segurança, as pessoas começam a realizar atividades opcionais que geralmente faziam em ambientes particulares ou simplesmente não faziam. A tecnologia surge como aliada nesse processo, tornando mais rápido e versátil as possibilidades de encontro. Há aplicativos que dizem quem de seus amigos está a curtas distâncias; não é uma boa oportunidade para uma conversa na praça?

CENTRO HISTÓRICO E RENOVAÇÃO URBANA

A cidade é constituída de memórias das pessoas comuns sobre os seus cotidianos e sua paisagem assume importância por conferir ou contribuir para a identidade urbana através da apropriação de seus elementos. (BRAZ e SILVA, 2014)

Sendo a paisagem marcada pela complexidade urbana, deve ser planejada para fomentar a vitalidade entre seus usuários e atividades, utilizando para isso as relações socioeconômicas e culturais locais. Apropriar-se de elementos e fatos marcantes na sua história e tornar a localidade um símbolo, através de seus atributos formais naturais ou construídos, ajuda a tornar a imagem coletiva da cidade positiva.

A organização simbólica da paisagem pode ajudar a diminuir o medo e a estabelecer uma relação emocionalmente segura entre o homem e seu ambiente total. (LINCH, 1982, Pag 143)

Nesse contexto se encontram intervenções com carácter de Renovação Urbana, requalificando os espaços e habilitando uma localidade em termos de competição econômica com o objetivo de impulsionar seu desenvolvimento e crescimento local. A importância da forma como a cidade é percebida pode diferenciá-la das demais, tornando-a atraente em termos de investimento e crescimento econômico. Tais ganhos ocorrem de forma direta e indireta.

Fig 13 Centro Cultural Belem (à esquerda) e Mosteiro dos Jerônimos (à direita). Fonte: autora



- Diretamente: recursos gerados pelas atividades realizadas e equipamentos.
- Indiretamente: gastos com transporte, valorização da terra, melhoria na qualidade de vida e procura por serviços complementares.

Os centros históricos são protagonistas nesse tipo de intervenção, geralmente atrelados a uma gestão urbano-cultural. Esses espaços culturais passam a ser ícones importantes nos planos estratégicos, como é o caso do Centro Cultural Belém (Figura 13), em Lisboa, que possui proporções semelhantes a uma muralha. Localizado numa área distante do centro histórico de Lisboa, mas próxima à zona histórica da torre de Belém e do Mosteiro dos Jerônimos, o edifício serve como dissipador das atividades culturais da cidade.

2. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Buscou-se referências de projetos de edifícios seguindo três preocupações cruciais:

Referências de Programa: onde foram buscados projetos de Centros Culturais analisando como são os espaços que ocorrem as atividades e quais essas funções.

Referência de Implantação: onde foi estudada uma integração com o entorno e disposição entre blocos e acessos de forma que o edifício não impacte de forma negativa a paisagem e se torne parte integrante da mesma.

Referência de Estrutura: onde foi analisada a concepção estrutural, técnica dos materiais, tipos de vedações e como tirar partido da linguagem desses elementos.

REFERÊNCIAS DE PROGRAMA

1. Rede CUCA

Projeto Arquitetura: Prefeitura de Fortaleza

Localização: Fortaleza - CE

Data construção: 2009 (Cuca Barra) e 2013 (Cuca Mondubim e Jangurussu)

“O CUCA é um espaço para o jovem ocupar o tempo e a cabeça, além de mudar a percepção que o jovem tem da vida, da cidade e do futuro.” Luiziane Lins

A proposta dos CUCA’S (Centro Urbano de Ciência e Arte) vem se mostrando eficaz por utilizar uma linguagem atraente ao jovem, estimulando como público alvo pessoas com idade entre 16 e 29 anos. Devido ao entorno desses equipamentos ser tão precário são vistos como verdadeiros Oásis na periferia onde estão inseridos. (Figuras 14 e 15)

“Estimular o respeito à diversidade socioeconômica, política, ideológica, cultural e sexual dos jovens, reconhecendo o pluralismo, as diferentes identidades e suas formas de expressão, construindo um novo patamar de empoderamento e autonomia da juventude de Fortaleza” (CUCA blog, 2011).

O edifício é utilizado principalmente durante os fins de semana, atraindo pessoas interessadas pelos cursos, pelos equipamentos abertos a comunidade (como as quadras e pistas de skate (Figuras 16 e 17) ou pelos seus espaços de convivência que propiciam sombra e segurança. Em visita ao CUCA Mondubim, presenciei até mesmo pessoas fazendo piquenique em meio ao gramado.

“A maioria de quem frequenta os cursos é classe média, mas ainda chega bem perto o pessoal da classe C, os pobres chegam aqui mas não para aproveitar os cursos, usam para o esporte, lazer, dança. Eu acho que talvez eles tenham a mentalidade que é grande demais para eles, que é grandioso e complicado demais para eles, que não é para eles. (JOVEM Nº 06). Entrevista.” (OLIVEIRA, 2012)

Os CUCA’S Mondubim e Jangurussu possuem projetos similares, com dimensões de 60x 30metros, marcados por um pátio interno rodeado de salas (Figura 18). As extremidades livres do pátio e a coberta metálica com aberturas zenitais favorecem a ventilação e iluminação



14



15



16



17

Fig 14 CUCA Barra do Ceara

Fig 15 CUCA Mondubim

Fig 16 Campeonato de Skate no CUCA Mondubim

Fig 17 Quadra de areia

bastante frequentada

durante o fim de semana.

Fonte: Autora

natural, tornando o espaço interno agradável de se estar. É notável a apropriação de pequenos grupos nos cantos. (Figura 19)

O Teatro é um dos marcos do CUCA, sendo motivo de orgulho nas respectivas comunidades (Figura 20). Tem capacidade em média para 300 pessoas, havendo relatos de frequentes lotação. O cineCUCA é uma pequena sala com capacidade para 80 pessoas sendo um dos equipamentos mais populares. (Figura 21). Dentro do programa se destacam ainda o ateliê de dança, artes plásticas e salas multiuso.



18

Além dos cursos são realizadas atividades entre os jovens que estimulam seu desenvolvimento pessoal e profissional, como programas de acesso ao primeiro emprego, projetos de incubadora de empresas, atendimento médico e psicológico e espaço destinado a discussões dos assuntos comunitários.

Em visita os CUCA's Barra e Mondubim, observei os espaços e conferi a frequência na programação. Em uma conversa com alguns funcionários, percebi como o equipamento se relaciona com os frequentadores e quais seus maiores desafios. Como é o caso dos "rolezinhos" que ocorrem em alguns fins de semana e chegam a lotar o espaço. Tais eventos são organizados pelos próprios jovens através das redes sociais e demonstram a popularidade do equipamento.

No CUCA Barra, me deparei com uma cena lamentável. Na praça aberta à comunidade, grupos de jovens jogavam pedras uns em direção aos outros, como uma forma de brincadeira de mal gosto, afastando as pessoas que poderiam usufruir melhor do espaço. A arquitetura não é capaz de mudar tudo.



19



20



21

Fig 18 Pátio interno CUCA Mondubim

Fig 19 Coberta e aberturas laterais favorecem ventilação no ambiente

Fig 20 Teatro Cuca

Fig 21 Cine Cuca

Fonte: Autora

CUCA MONDUBIM



LEGENDA:

- ADMINISTRAÇÃO
- CIÊNCIA ARTE E CULTURA
- WC
- RESTRITO AO PÚBLICO

ESQUEMA PLANTA BAIXA CUCA MONDUBIM
SEM ESCALA
FONTE_ AUTORA

CUCA BARRA



PROGRAMA CUCA:

Programação livre:

- Biblioteca
- CineCuca
- Teatro
- Anfiteatro
- Espaços de convivência

Cursos

- ESPORTE: Ginástica, Natação, Futsal, Voleibol, Basquete, Pilates, Lutas (Jiu Jitsu, Kung Fu), Pista Skate
- ARTE: Artes plásticas (desenho e pintura), artes ciências, dança, teatro.
- MÍDIAS DIGITAIS: Informática, Vídeo, Áudio, fotografia, salas de edição e gravação.

Atendimento Comunidade:

- Equipe Economia Criativa: Central de Ideias + incubadora de empresas.
- Equipe Comunicação popular: Radio-Escola + Sala Meio Ambiente.
- Equipe Saúde: Pequeno posto (1médico + 2 técnicos enfermagem) + Sala psicologia + Sala Assistência Social.

2.Sesc Pompéia - Lina Bardi

Projeto de Arquitetura: Lina Bo bardi

Localização: São Paulo - SP

Data construção: 1977



22

O SESC Pompéia foi concebido aproveitando a estrutura de uma antiga fábrica de tambores localizada na Vila Pompéia, zona Oeste de São Paulo. O local possui estação de metro próxima, facilitando o acesso aos usuários.

O projeto propôs a manutenção dos espaços livres dos antigos galpões, de estrutura em concreto e vedações de alvenaria. Para complementar o projeto foram construídas duas torres, dando monumentalidade ao conjunto (Figura 22). Lina descascou as paredes expondo a alvenaria e estrutura dos antigos galpões. Na cobertura ,utilizou telhas translúcidas em alguns trechos, melhorando a iluminação do ambiente (Fig 23).

Em oposição aos espaços definidos da Rede Cuca, no SESC Pompéia as atividades ocorrem em espaços múltiplos, podendo num ambiente ocorrer várias atividades, evitando assim o estigma de numerosas salas fechadas servindo apenas em seus momentos de uso. Para fazer as divisórias dessas oficinas e áreas de leitura da biblioteca, Lina utilizou concreto armado à meia altura de forma que o ambiente não é totalmente fechado do chão ao teto, evidenciando assim a estrutura da cobertura (Figuras 24 e 25).



23



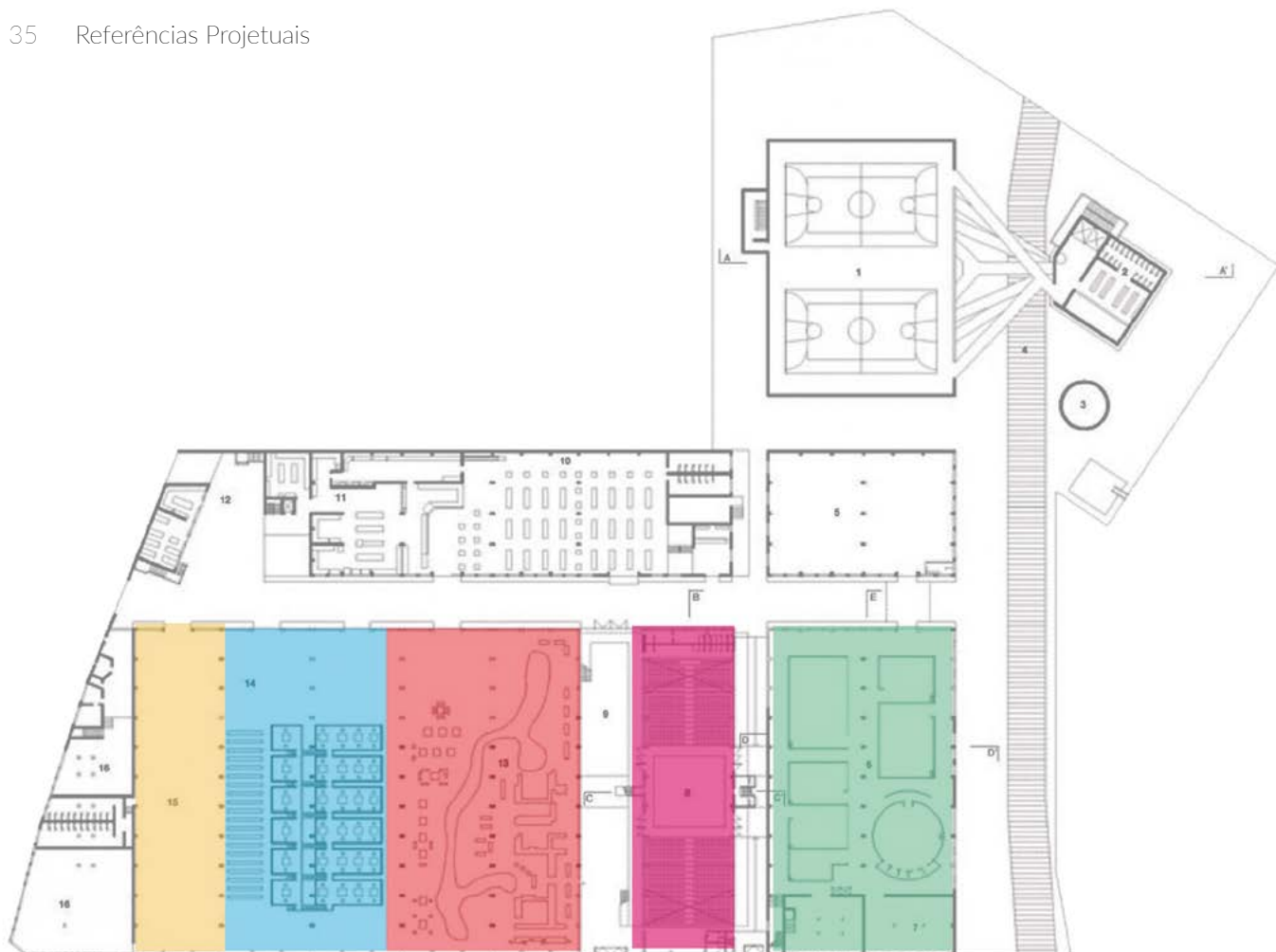
24



25

Fig 22 SESC Pompéia. Fonte: <https://leilaescobar.wordpress.com/2010/04/08/lina-bo-bardi/>
 Fig 23 – Grande salão Sesc Pompéia. Fonte: http://universes-in-universe.org/eng/bien/sesc_video brasil/2011/olafur_eliasson_tour/sesc_pompeia/06

Fig 24 Meia divisória entre oficinas. Fonte: Marco Antônio, disponível em <http://www.sescsp.org.br>
 Fig 25 – Detalhe da estrutura Coberta. Fonte: <https://oficinas.sescsp.org.br/historia>



Planta baixa Sesc Pompeia.

Fonte: <http://arquiscopio.com/archivo/2012/07/18/centro-cultural-sesc-pompeia/?lang=pt>

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa amplo do SESC possui também atividades esportivas, lanchonete, restaurante e choperia que funciona durante a noite. Para o presente trabalho, destacam-se as seguintes atividades:

- Amplo salão com espaços de múltiplas atividades
- Ampla biblioteca com espaços abertos de leitura com divisões à meia altura
- Espaço para Exposições Temporárias
- Teatro de Arena
- Oficinas e ateliês de arte: Gravura, Técnicas mistas, Cerâmica, arte têxtil, e história da arte. Espaço de Cultura Digital: informática, música, fotografia. Serviços prestados de uso exclusivo para trabalhadores do comércio e serviços matriculados e dependentes, como atendimento odontológico.

REFERÊNCIAS DE IMPLANTAÇÃO

Museu de Arte Moderna - RJ

Projeto de arquitetura: Affonso Eduardo Reidy

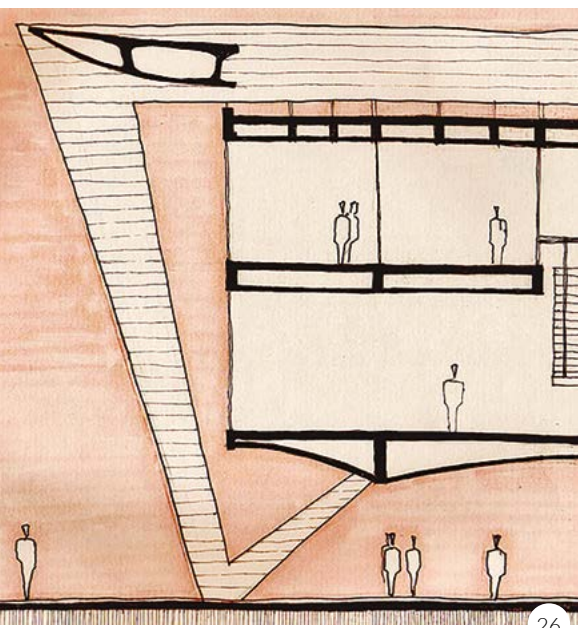
Projeto Paisagístico: Roberto Burle Marx

Engenheira: Carmem Portinho

Localização: Rio de Janeiro - RJ

Data construção: 1967

“Em pleno coração da cidade, no meio de uma extensa área que num futuro próximo será um belo parque público, debruçado sobre o mar, frente à entrada da barra e rodeada pela mais bela paisagem do mundo” (Affonso Eduardo Reidy)



26



27



28

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro é um dos protagonistas no planejamento do Aterro do Flamengo, grande projeto urbanístico que melhorou a conexão entre as regiões centro, sul e norte, criando um grande parque urbano ao longo da orla da cidade. Um dos grandes símbolos da arquitetura moderna do país, o MAM é um marco na belíssima paisagem e na vida cultural da cidade (Figura 29).

O partido adotado é de predominância horizontal de forma a não entrar em conflito com a paisagem natural. Grande parte do pavimento térreo é livre, onde o edifício se torna o próprio parque com espaço sombreado de livre apropriação das pessoas. (Figura 30) A estrutura extremamente vazada e transparente com uso do vidro permite também manter a continuidade visual dos jardins até o mar.

O edifício é marcado pela sua estrutura em concreto aparente, sendo sustentado por um conjunto de 14 pórticos em concreto armado distanciados 10 metros de distância entre si e que possibilitam um vão livre de 28,30 metros, possibilitando espaços internos flexíveis e dinâmicos (Figura 27).

Os pilares inclinados dos pórticos são em formato em V e sustentam o primeiro pavimento. A viga superior é responsável pelo apoio da cobertura e, a partir dela, os tirantes de cabos de aço sustentam os mezaninos. (Figura 28). Na armação da estrutura da cobertura se articulam as aberturas de iluminação zenital utilizando sheds e lanternins, localizados em trechos de pé direito duplo.

Além do edifício principal do museu há o bloco anexo com oficinas e atividades de serviço do museu e o bloco do teatro, construído posteriormente, com ligação feita por passarela. O conjunto forma uma praça interna aberta à paisagem.

* BONDUKI, Nabil Georges. Affonso Eduardo Reidy - Série Arquitetos Brasileiros. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Portugal: Editorial Blau, 1999.

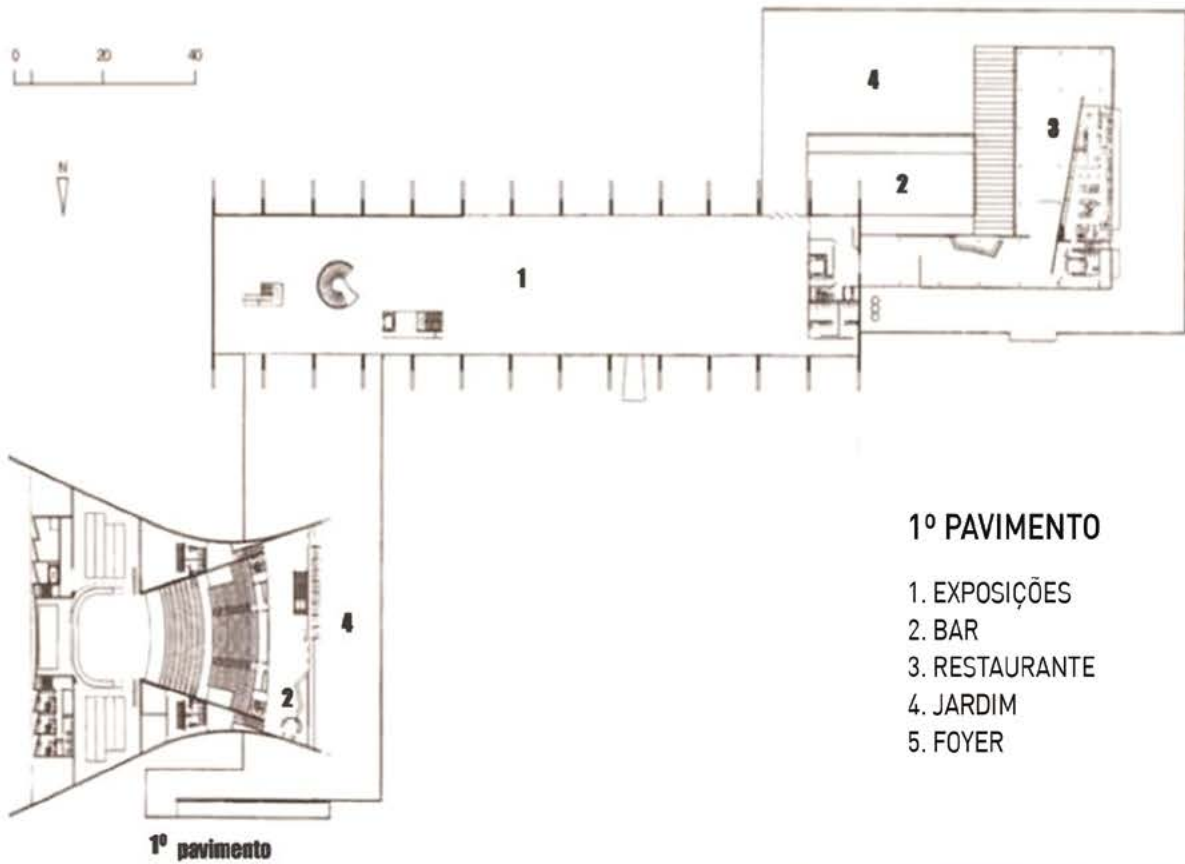
Fig 26 Corte MAM-Rio
Fonte: pt.wikiarquitectura.com
Fig 27 Fachada marcada pelo ritmo estrutural dos pórticos de concreto
Fig 28 Área de Exposição
Fonte: <http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-rj-rio-de-janeiro-atracao-museu-de-arte-moderna-mam>

Pontos de Interesse:

- Utilização de concreto aparente e vidro, para criar a continuidade visual, evitando cortar a vista da baía;
- Relação com o entorno: simbiose entre edifício e o parque
- Edifício principal traz a sombra e tem programa livre no térreo.
- Iluminação zenital e lateral;
- Ausência de hierarquização dos espaços principais internamente.
- Hierarquia dos 3 edifícios do conjunto: Programa cultural (volumetria maior) + teatro (volume destacado) + Bloco-Escola (Volume anexo)



Fig 29 Aterro do Flamengo.
Fonte: Nelson Kon. Disponível em: nelsonkon.com.br
Fig 30 O t. Fonte: www.editoraaddresses.com.br



PLANTA BAIXA MAM.

Fonte. In: BONDUKI, N. Afonso Eduardo Reidy. São Paulo: editorial Blau, 2000.

REFERÊNCIAS DE ESTRUTURA

AUDITÓRIO ITA

Projeto de Arquitetura: METRO Arquitetos

Localização: São José dos Campos - SP

Data projeto: 2014

Área de implantação: 2.733 m²

Área construída: 4.785 m²

O projeto surgiu da necessidade da ampliação das instalações do Instituto Tecnológico Espacial – ITA, possuindo biblioteca, auditório para 1.200 lugares e alojamentos. A implantação é composta por blocos retangulares de formas simples tendo como princípio a racionalização construtiva.



31

O edifício é concebido como uma caixa de 50x50m, cuja estrutura é composta por vigas metálicas em seu contorno vedadas por placas perfuradas de aço e apoiadas também pelas paredes de concreto que fecham o auditório (Figura 36). Tais vigas tocam o chão em 4 pilares robustos de concreto a uma altura de 2,5m do chão, fazendo parecer que a massa edificada flutua sobre a paisagem. O edifício é semienterrado, possuindo altura visível a partir do solo de 14metros.

O Foyer do auditório é aberto, como uma extensão da praça, tendo como limite físico as vigas metálicas de contorno (Figura 32). A nível do solo, o espectador chega no nível da plateia alta, tendo que descer para os demais assentos. O balcão nobre é acessado por escadas laterais, espaço que dá acesso também aos sanitários (Figura 32).

Os assentos da plateia são suportados por um conjunto de estacas metálicas removíveis de forma que, nivelando o nível do chão à altura do palco, o espaço possa ser também um grande salão, ideal para o programa de uma faculdade. A transparência das paredes de frente e fundo deixam a luz entrar no ambiente e faz da sua forma retangular uma moldura na paisagem (Figuras 33 e 34).



32



33



34

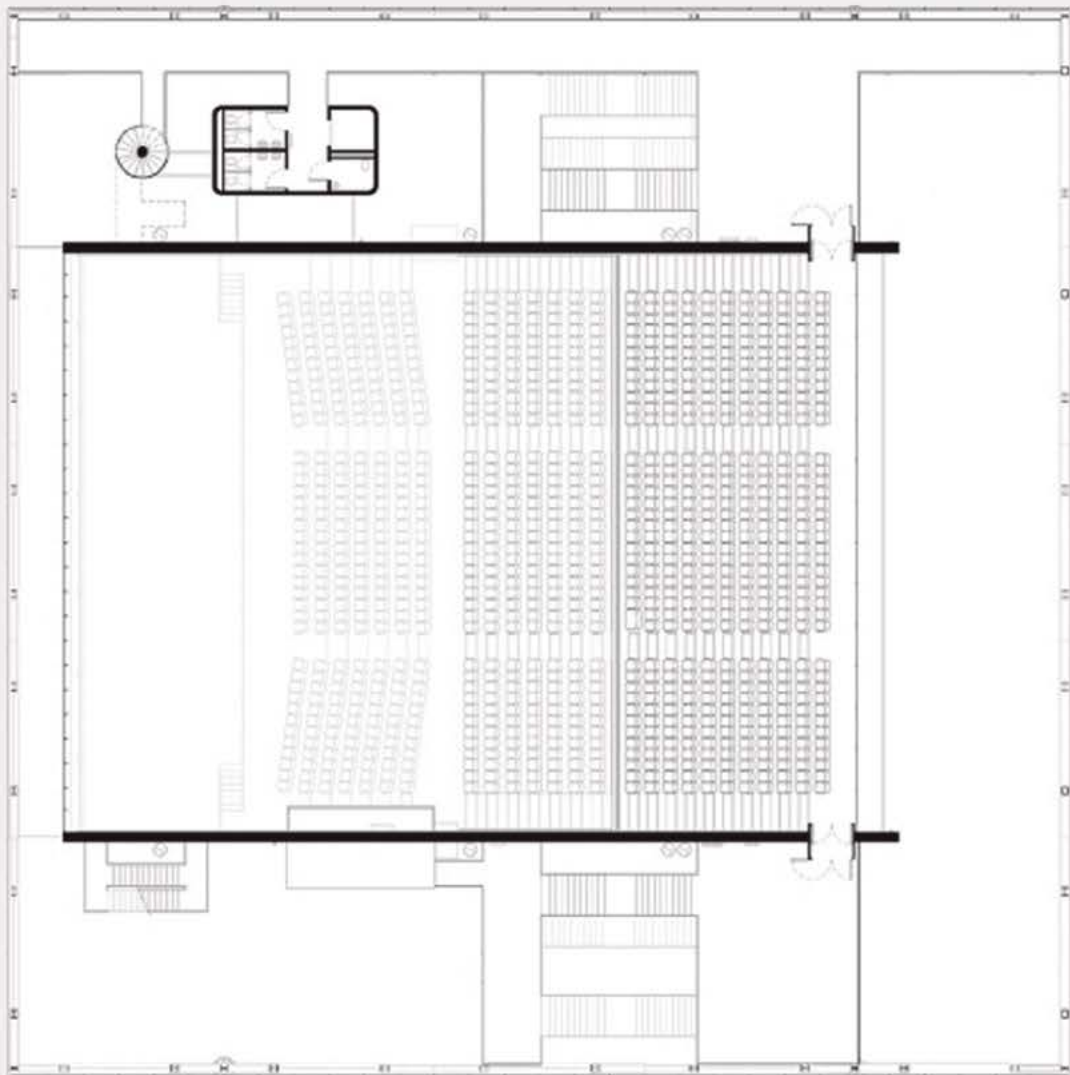
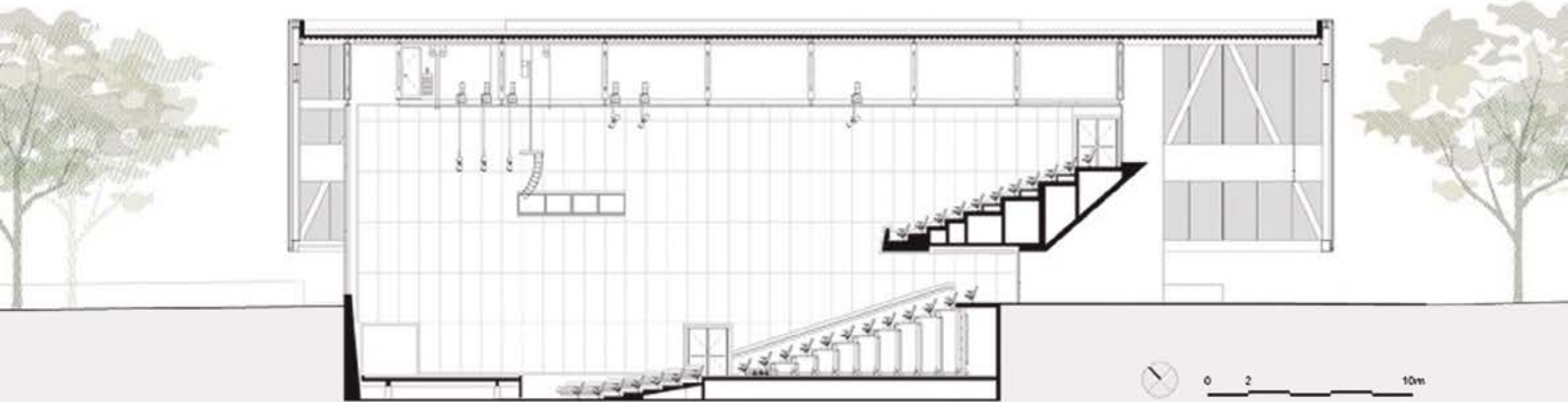
Fig 31 Perspectiva Auditório ITA.

Fig 32 Foyer

Fig 33 Plateia e palco

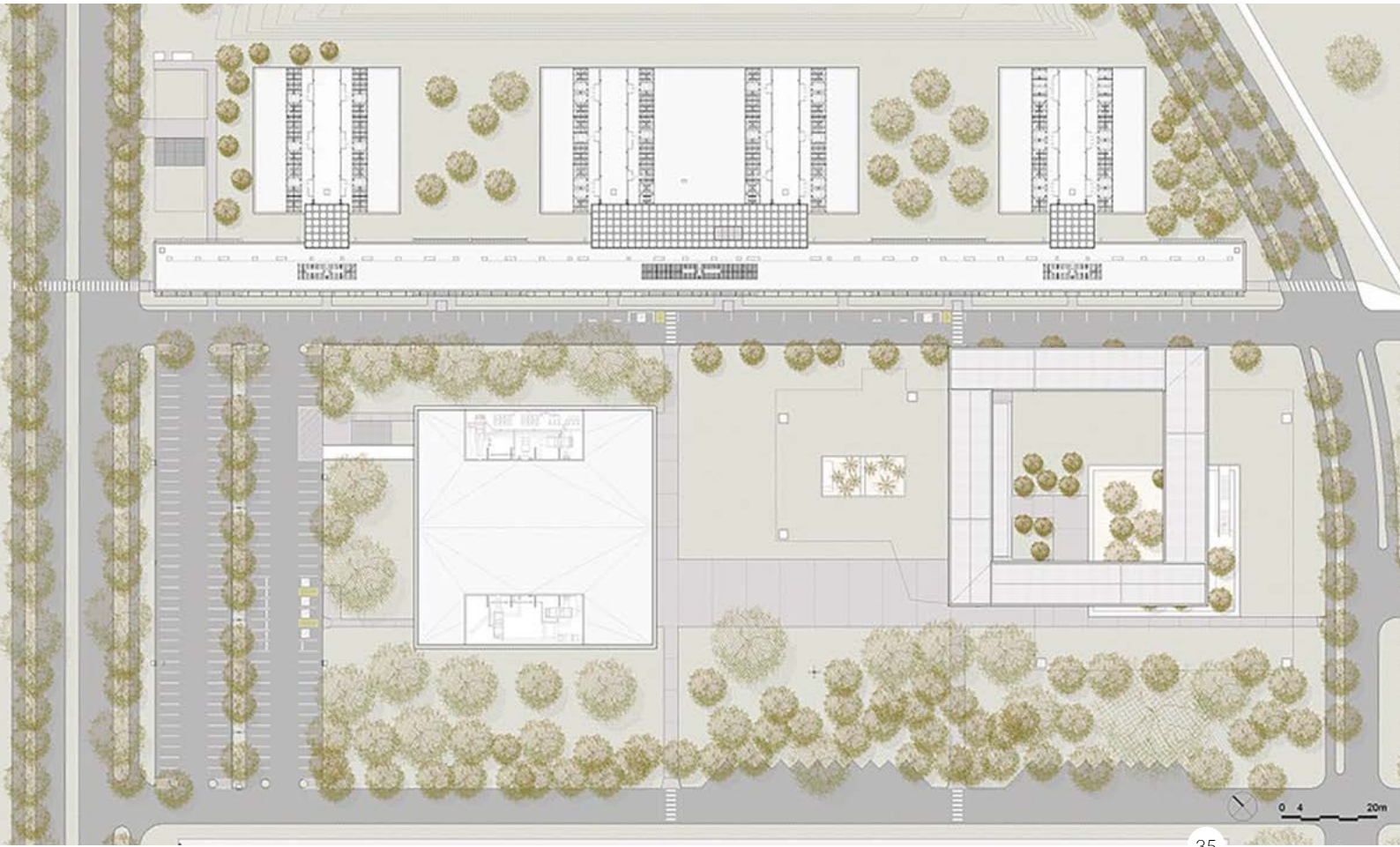
Fig 34 Platéia sobre estacas removíveis - possibilitando grande salão

Fonte: <http://www.metro.com.br/projects/view/105>



PLANTA BAIXA AUDITÓRIO ITA
Fonte: <http://www.metro.com.br>

- PONTOS DE INTERESSE:
- Tectônica do Aço e Vidro
 - Estrutura aparente
 - Elementos pré-fabricados
 - Flexibilidade de Uso



35



36

Fig 35 Planta de
Implantação Auditório

Fig 36 Perspectiva
Auditório ITA

Fonte: <http://www.metro.com.br/projects/view/105>

PARTE II

3. O LUGAR

“A presença da arquitetura cria inevitavelmente uma nova paisagem. Isso implica a necessidade de descobrir a arquitetura que o próprio sítio está pedindo.” (Tadao Ando)

TODOS OS CAMINHOS LEVAM À PARANGABA

Para o seguinte trabalho foi escolhida a região da Parangaba como área de intervenção, que é caracterizada principalmente pela sua posição nodal na malha viária de Fortaleza. São muitos os caminhos que levam à Parangaba, gerando constantes e caóticos engarrafamentos. Mas ela não é somente um nó, possui grande relevância local devido a seus serviços ofertados e sua importância histórico-cultural.

O bairro da Parangaba pertence à regional IV do município de Fortaleza, sendo o mais populoso dessa regional com 10,15% de sua população, uma verdadeira cidade com cerca de 30.947 habitantes*. Afinal, quantas cidades cearenses são maiores que a Parangaba?

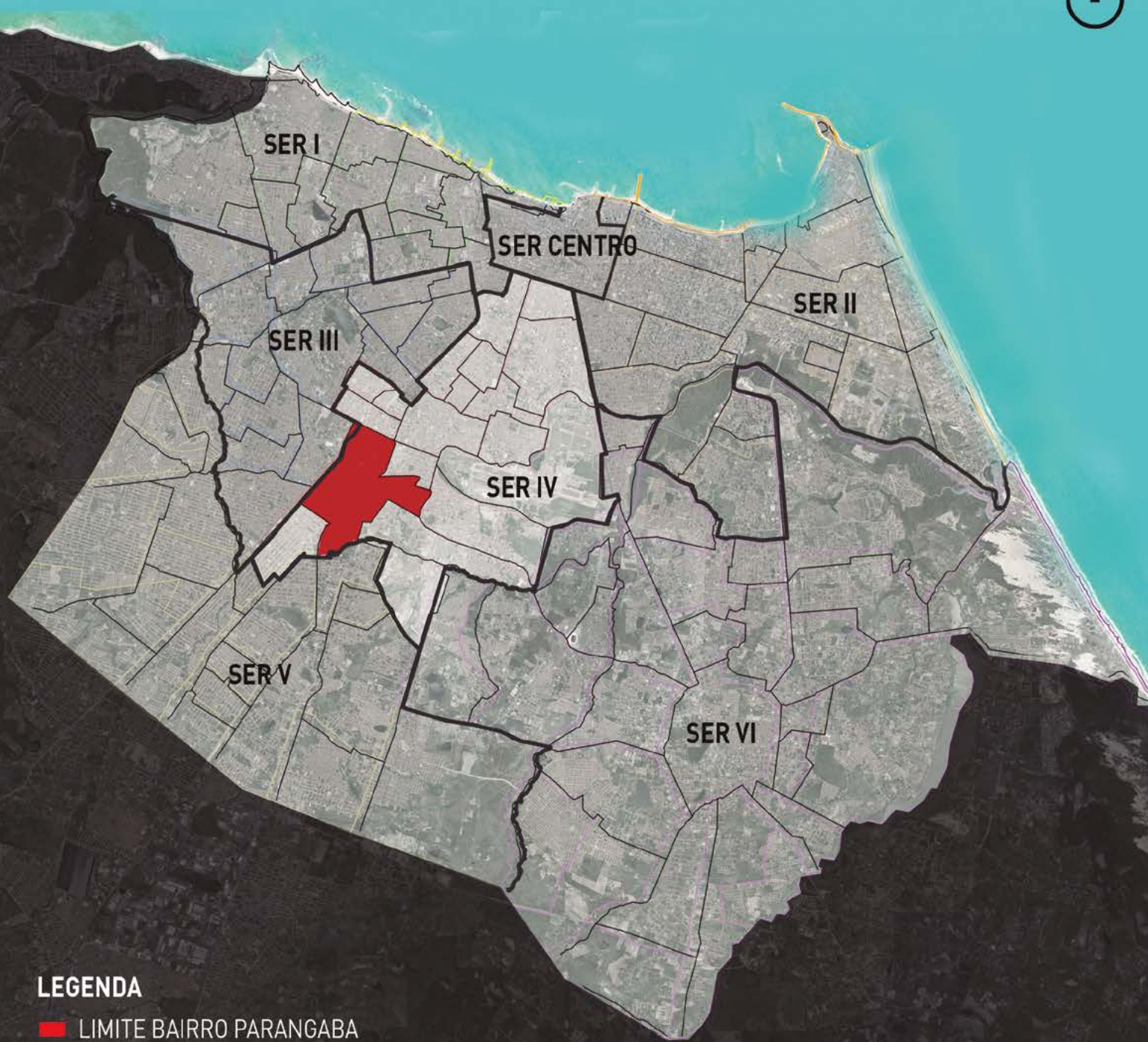
A Parangaba tem privilegiada posição geográfica em Fortaleza, pois é um ponto de conexão entre 3 regionais. É uma verdadeira centralidade dentre os bairros da cidade, gerando influência sobre seus bairros vizinhos devido a uma série de serviços ofertados. Faz fronteira com os bairros Itaperi, Serrinha, Itaoca, Montese e Demócrito Rocha na regional IV; Vila Pery e Maraponga na regional V; Bonsucesso e Jóquei Clube na Regional III (senso 2010 IBGE) (MAPA 2 e 3).

“O bairro funciona como importante ponto de conexão dentro da cidade, ligando os bairros do Leste como o do Oeste, bom como os do Norte com os do Sul. Além disso, funciona como ponto intermediário entre o centro da cidade e os municípios da Região metropolitana, Maracanaú e Maranguape. Dentre os fatores que reforçam a centralidade do bairro destaca-se acessibilidade, os serviços de saúde e educacional e o institucional.” (LOPES, 2006, Pag. 49)

ONDE TUDO COMEÇOU

A formação histórica e desenvolvimento da Parangaba se confunde com a de Fortaleza, pois seu progresso se deu à medida que a capital foi expandindo e agregando novos territórios. No contexto econômico do transporte de gado do sertão à Fortaleza, Parangaba possuía uma localização estratégica na porta de entrada da capital, trazendo benefícios para os que transportavam animais e queriam escapar dos altos impostos.

* Cidade de Redenção possui 27 272 habitantes



LEGENDA

 LIMITE BAIRRO PARANGABA

MAPA 2 - LOCALIZAÇÃO CIDADE

Fonte: Adaptação mapa oficial divisão bairros da PMF



MAPA 3 - CENTRALIDADE PARANGABA

Fonte: De acordo com o Estudo das vantagens competitivas do Centro da cidade de Fortaleza (P.M.F, 2004a), a centralidade de Parangaba engloba os bairros Maraponga, Itaperi, Vila Peri, Jóquei Clube e Bonsucesso.



37



38



39

Fig 37 Atual Estação Parangaba. Fonte: *Autora*

Fig 38 Projeto VLT Parangaba Mucuripe.

Fig 39 Projeto METROFOR – Estação Antonio Sales
Fonte: <http://www.copa2014.gov.br>

Fig 40 Antiga Estação Parangaba Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br
br400 × 327

Parangaba foi uma importante feira de gado no século XIX. Talvez esteja nessa antiga atividade a origem da atual “feira dos pássaros”. O comércio de gado em Parangaba surgiu como alternativa aos criadores, que precisavam vender os seus animais em Fortaleza, mas não queriam pagar as licenças exigidas pelo Poder público. Nas entradas da Capital da Província, havia porteiras (pontos de fiscalização), onde eram cobradas licenças de comercialização dos animais. Essas taxas eram cobradas por cabeça de gado e encareciam as mercadorias. (LOPES, 2006, Pag. 62)

A ocupação do aldeamento indígena de Parangaba se deu por volta do sec. XVI pelos Jesuítas da Companhia de Jesus, assim como Caucaia (Soure), Paupina (Messejana) e Pitaguary. Em 1759, devido a ordem de marques de pombal para desarticular os jesuítas, foi instituída ali a Vila Nova de Arroches.

Com a criação da estrada de ferro que ligava Fortaleza à Baturité, foi instalada em 1873 a Estação de Arroches (Figura 40). Esse modal ferroviário sempre foi uma das marcas da região, que contempla atualmente o encontro de duas linhas do projeto METROFOR (MAPA 4). As estações atuais são feitas em estrutura metálica, elemento característico desse tipo de construção afim de abrigar grandes vãos (Figuras 37, 38 e 39).



40

Devido a facilidade de transporte instalaram-se indústrias ao longo da linha férrea, fato que logo atraiu também a população operária. O bairro ficou marcado por algumas chácaras residenciais e grandes lotes industriais, destacando-se a Fábrica Everest e a IASA. Em 1960, o distrito de Parangaba se apresentava como uma das 4 zonas industriais da cidade, sendo elas Zona central, Zona Oeste, Parangaba e Mucuripe (PMF 1963.9) (Figura 41).



LEGENDA

- Linha Sul (Antiga Fortaleza- Baturité)
- Linha Oeste
- Linha Leste (em construção)
- Ramal Parangaba Mucuripe
- Estação Superfície
- Estação Elevada
- ▼ Estação Subterrânea

MAPA 4 - LINHAS METROFOR

Fonte: Adaptado do Mapa Oficial disponível no site www.metrofor.ce.gov.br/

Em 1894 foi criada a linha de bonde de tração animal, que ligava Parangaba ao Benfica. A linha foi uma alternativa ao transporte de vans que possuíam alto custo e longas demoras de espera entre as vans particulares que faziam o trajeto. Embora tenha sido desativada em 1914, deixou o rastro da atual Avenida João Pessoa, importante eixo de ligação entre a Parangaba e o Centro de Fortaleza.

Em 1898 a Vila foi incorporada à cidade de Fortaleza por Silva Paulet devido a pobreza existente, apesar da atratividade da feira do gado. Datam dessa época a construção do Asilo dos Alienados (1886), atual hospital psiquiátrico São Vicente de Paula, e alguns exemplares dessa época que ainda se mantem como memória viva do bairro.

Tombado em 2006, o bar do avião foi um importante ponto de encontro, possuindo uma miniatura de avião na sua cobertura devido à proximidade do aeroporto Pinto Martins. Alguns moradores do bairro disseram que quando crianças brincavam um jogo de apostas para saber de que companhia seria o próximo avião (Figura 42).



41

Fig 41 Ruínas
Usina Evereste.

Fonte: LOPES (2006)

Fig 42 Bar do avião. Fonte:
fortalezanobre.com.br



42

FORMAÇÃO DE UMA CENTRALIDADE

Segundo Carlos (2011), “Centralidade diz respeito à constituição de lugares como ponto de acumulação e atração de fluxos, centro mental e social que se define pela reunião e pelo encontro.” Nessa perspectiva, ao longo de sua história Parangaba foi se afirmando como núcleo central de uma região, fato evidenciado conforme o crescimento da cidade.

No início do século XX começa a haver uma aglomeração de pessoas na capital vindas do restante do estado do Ceará, devido a concentração fundiária no campo, longos períodos de secas, economia do algodão próspera e notoriedade de Fortaleza como região portuária. De 1950 a 1980 a cidade passa de economia agrícola para industrializada.

Somente em 1963 é proposto o Plano Diretor de Hélio Modesto, que tinha como princípio a descentralização da cidade através de centros de bairro em pontos estratégicos de Fortaleza. Tais centros seriam polos de atração com capacidade de gerar empregos, favorecendo o uso misto e atividades comerciais. Os fatores de escolha foram pontos de convergência da população, centros comerciais e equipamentos sociais já esboçados.

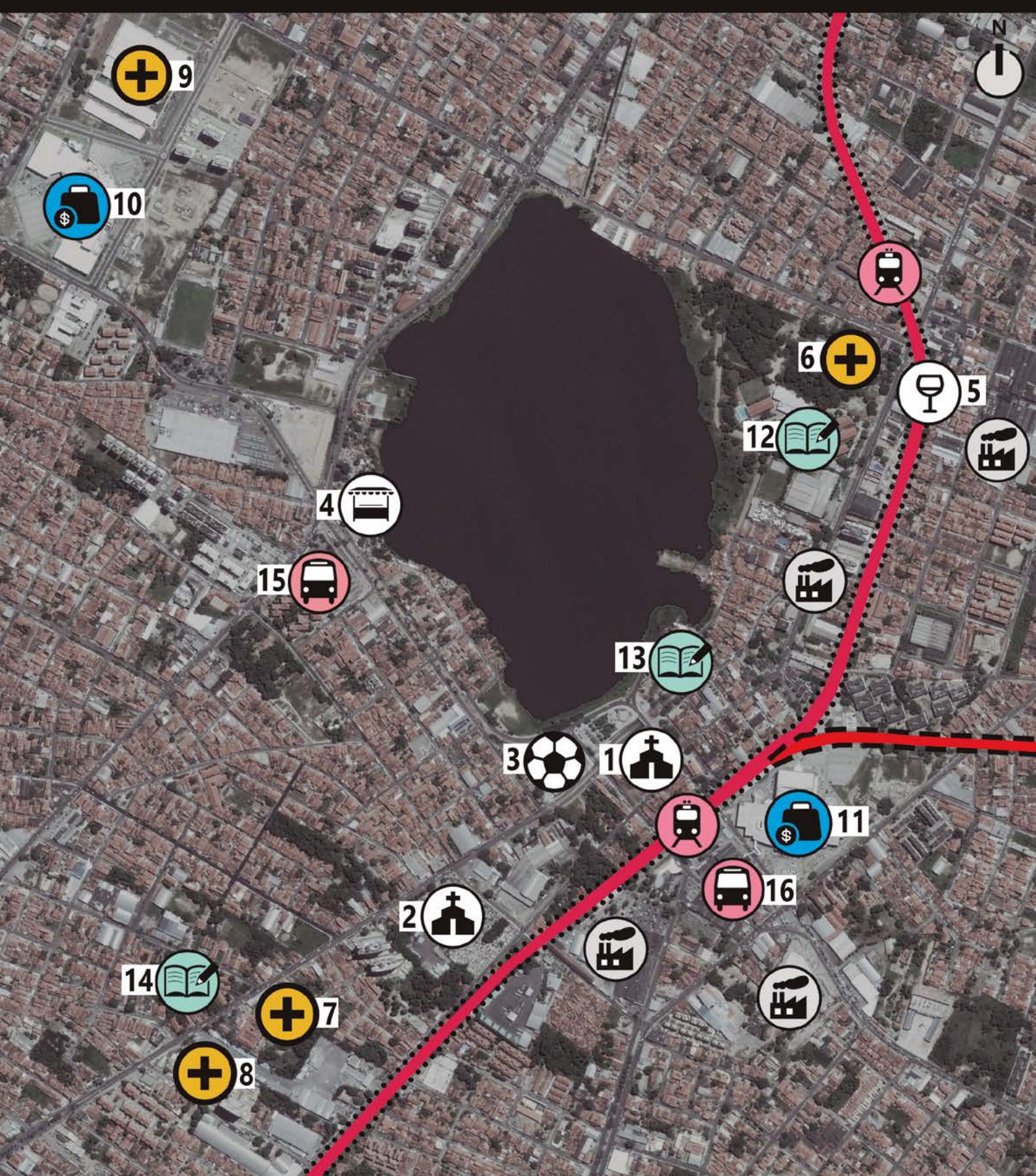
Dos centros de bairro do plano de 1963, apenas Parangaba e Messejana prosperaram, pois a área residencial, comércio e serviços já estava bem estabelecida, enquanto que nos demais os comerciantes ficaram afastados por temerem a concorrência. Com a implantação do Distrito Industrial de Pajuçara em 1967, houve uma decadência da área industrial de Parangaba, deixando rastros de edifícios industriais abandonados.

Nos anos 70, em virtude da não implementação desse plano diretor foi realizada uma nova proposta de polos de adensamento, sendo constatada que seria inviável a criação de novas centralidades sem continuidade com a área central da cidade. Assim, investiu-se em corredores de transporte rápido que acomodariam um futuro sistema de transporte de massa.





A partir da década de 90, com o “governo das mudanças” houve uma preocupação do poder público em mudar a imagem de cidade pobre para cidade turística, melhorando também alguns pontos de infraestrutura urbana. No bairro da Parangaba foram implantados 2 dos 7 terminais de ônibus urbanos de Fortaleza (Parangaba e Lagoa), contribuindo para o fortalecimento de sua centralidade. Segundo Lopes (2006) o lugar se transformou num importante ponto de convergência dos ônibus que atendem ao setor sudoeste da cidade, confirmando de vez o seu papel de lugar de passagem dentro da malha urbana.

Quanto à atividade comercial, Parangaba aparece como pequeno núcleo na zona central, não despertando interesse maior do mercado, sendo esse apontado como elemento deficiente do bairro. Motivo para isso está na centralidade do Montese, que cresce com centro comercial linear ao longo de avenidas de ligação, com especialização em comércio varejista e venda de carros.

Outros equipamentos reforçaram a polaridade do bairro: Hospital Frotinha de Parangaba (Hospital Distrital Maria José Barroso de Oliveira), Instituto de Medicina Infantil e o polo de lazer do bairro. Além de ponto de acumulação e atração de fluxos, centro mental e social que se define pela reunião e encontro (MAPA 5).



LEGENDA

-  Linha Sul METROFOR
-  VLT - Parangaba/Mucuripe
-  Estação METROFOR
-  Industrias

- 1 - Centro Histórico
- 2 - Cemitério
- 3 - Ginásio Parangaba
- 4 - Feira da Parangaba
- 5 - Bar do Avião
- 6 - Hospital São Vicente de Paula
- 7 - Frotinha
- 8 - Instituto Medicina Infantil

- 9 - Hospital da Mulher
- 10 - North Shopping Joquei
- 11 - Shopping Parangaba
- 12 - SESI
- 13 - EEEP Joaquim Moreir de Sousa
- 14 - EEFM General Eudoro Corrêa
- 15 - Terminal Ônibus Lagoa
- 16 - Terminal Ônibus Parangaba

MAPA 5 - PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS PARANGABA

A PARANGABA HOJE

A paisagem da Parangaba vem se transformando por intervenções pontuais de novos empreendimentos de carácter privado. A consolidação da centralidade tem impacto direto no espaço da moradia, pois o aglomerado de comércio e serviços valoriza o solo e acirra suas disputas. Observa-se no bairro condomínios de 3 e 4 pavimentos (anos 80) e os mais valorizados próximos à lagoa, de 9 a 17 andares (anos 90).

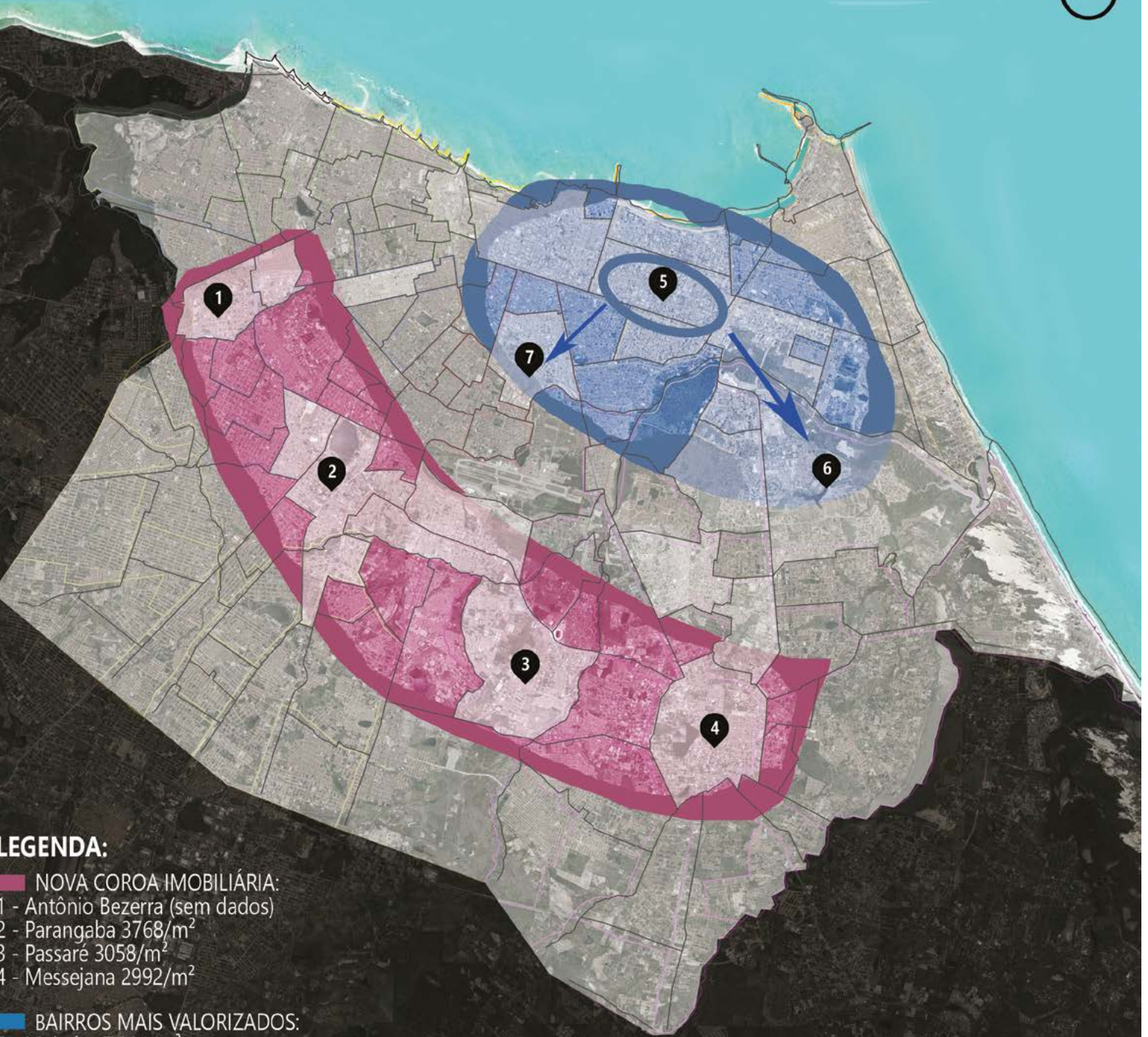
A partir de 2008, a atuação de grandes incorporações impõe importantes dinâmicas na mudança da paisagem e na valorização imobiliária do bairro. Após a crise de 2008, essa atuação é ainda mais intensificada, estando particularmente relacionada ao desenvolvimento de empreendimentos no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida para a faixa de 3 a 10 salários mínimos. (RUFINO, 2012, Pag 254)

Segundo Rufino, como forma de baratear os custos o setor investe em bairros menos valorizados, direcionando os empreendimentos aos consumidores que não podem arcar com os altos custos dos bairros de elite como Aldeota e Meireles. Forma-se uma coroa imobiliária dessas regiões de valorização da terra, onde as vantagens desses locais são a proximidade do centro, facilidade de transporte, serviços bancários, entretenimento (churrascarias e restaurantes) e comércio (MAPA 6).

Assim, o setor imobiliário atrai condomínios e centros comerciais que causam uma ruptura no tecido urbano e na dinâmica social do bairro. O shopping center é visto com euforia devido a ideologia do progresso e modernização e aos poucos são perdidas as antigas tradições de encontro casual e democrático na praça (Figura 43 e 44).

Os novos centros ofertam opções mais modernas, confortáveis e seguras de comércio, serviços e moradia, levando ao abandono do Centro histórico pela elite e sua tomada pelas camadas populares. O centro histórico, apesar de manter seu carácter simbólico, pouco a pouco deixa de ser o local da administração, da decisão, do lazer e da moradia. (LOPES, 2006 Pag. 149)

A privatização do lazer, além de atrelar o bem-estar social ao consumo, causa o acentuado declínio da vivência com o espaço público, gerando desinteresse e abandono. Em um depoimento um jovem



LEGENDA:

- NOVA COROA IMOBILIÁRIA:**
- 1 - Antônio Bezerra (sem dados)
 - 2 - Parangaba 3768/m²
 - 3 - Passaré 3058/m²
 - 4 - Messejana 2992/m²

- BAIRROS MAIS VALORIZADOS:**
- 5 - Meireles 7.281/m²
 - 6 - Cocó 6285/m²
 - 7 - Fátima 5614/m²

Fonte: www.agenteimovel.com.br

MAPA 6 - VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA EM FORTALEZA

Fonte: Adaptação mapa produzido por RUFINO (2012)

morador do bairro afirmou que a sua diversão dos fins de semana é ir ao Extra Supermercado, evidenciando a falta de opção segura de lazer na localidade.

É o que se observa nas praças voltadas à Lagoa da Parangaba, onde o único espaço público que possui algum tipo de zelo é mantido pelo restaurante ali instalado (Fig 51 e 52). Enquanto isso, a praça dos caboclinhos, onde atualmente se alocam algumas casas e uma escola estadual, se encontra completamente degradada e é até evitada pelas pessoas por medo de assalto e até registro de mortes. Infelizmente, um potencial subutilizado de sombra, ventilação e conforto acústico (a barreira das árvores ameniza o fluxo da avenida Osório de Paiva) (Figuras 45 a 52).



43



44

Fig 43 Imagem do projeto shopping Parangaba.

Fonte: www.nopatio.com.br

Fig 44 Lotação no Shopping Parangaba em um dia de sábado. Fonte: *Autora*



45



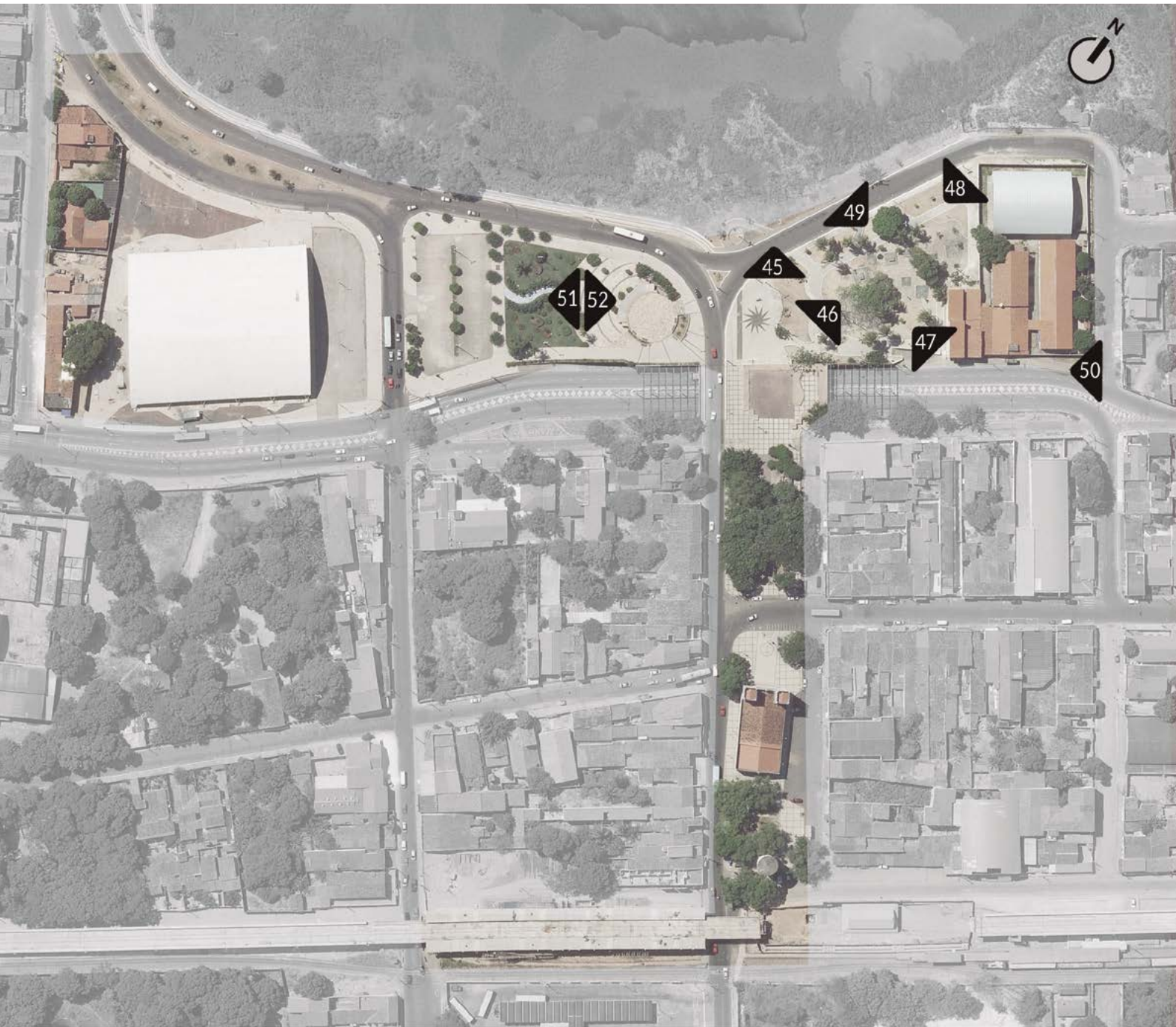
46

Fig 45 e 46 Completo estado de abandono na praça dos caboclinhos, mesmo com a vantagem da sombra e uma bela vista para a lagoa. Fonte: *Autora*

Em visita à Parangaba com a orientadora desse trabalho, vimos um ambiente ainda pulsante no centro da Parangaba, porém fragilizado como um paciente doente que precisa de cuidados. Na praça dos caboclinhos vimos um ambiente inóspito e evitado pela população mesmo à luz do dia, sendo alertadas sobre a sua periculosidade.

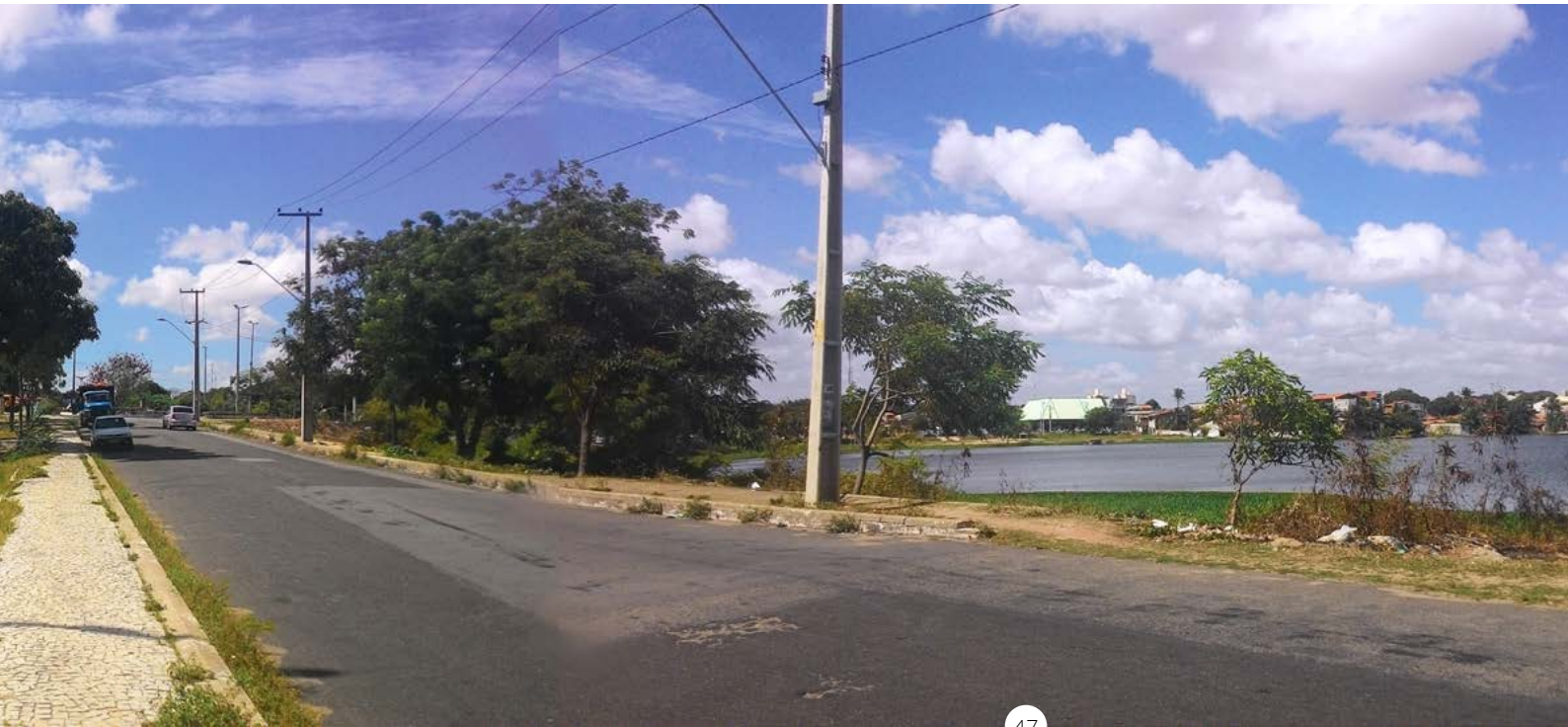
A exaltação do crescimento encobre seus custos, normalmente suportado pelo Estado, e a expropriação da produção social como fonte de ganhos do setor imobiliário, o que fortalecerá seu carácter desigual. Essa desigualdade se reproduz na própria organização sócio espacial da cidade. (RUFINO, 2012)

Nesse contexto de incertezas e descobertas, Parangaba desenvolve-se em fragmentos, necessitando de um olhar global em detrimento de interesses particulares. Um planejamento que consiga integrar o antigo e o moderno. Um fortalecendo o outro e aproveitando suas potencialidades a fim do efetivo desenvolvimento da centralidade de Parangaba.



Posição de captura das fotos





47



48

Fig 47 e 48 Os edifícios da praça se fecham para ela, criando uma relação de negação ao espaço público.
Fonte: *Autora*



49



50



51



52

Fig 49 Vista da quadra da escola e via local com pouco movimentação

Fig 50 Parada de ônibus na Av Osório de Paiva. As edificações na praça são barreiras do contato físico e visual entre pedestre e lagoa

Fig 51 e 52: Espaço da praça zelado devido ao uso do Restaurante

Fonte: Autora

4. DIAGNÓSTICO

DOIS LADOS E UM TREM NO MEIO. Parangaba tem uma relação ambígua com seus dois lados. Atravessando o bairro, o leito ferroviário dicotomizou-se. O trem que liga, fragmenta, fratura, divide em partes. Hoje a linha do metrô se estrutura em forma de elevado. Entretanto, os traços do bairro partido permanecem.
(José Borzacchiello da Silva)



- ⋮⋮⋮ LIMITE ÁREA DE INTERVENÇÃO URBANÍSTICA
- ÁREA DE IMPLANTAÇÃO CENTRO CULTURAL
- ESTAÇÃO ELEVADA METROFOR

MAPA 7 - ÁREA DE INTERVENÇÃO

No presente trabalho há a compreensão da necessidade de uma intervenção que vá além dos limites do objeto arquitetônico, adquirindo dimensões urbanas que requalifiquem o espaço público e fomente a vida cultural da região. Dentro do bairro de Parangaba, a área de intervenção escolhida compreende justamente a que conecta o potencial humano (Centro histórico) ao potencial natural (Lagoa) da região, duas riquezas únicas e de grande valor cultural

São aqui analisados aspectos gerais referente área de estudo como legislação, Uso do Solo, Recursos Naturais, malha viária e mobilidade (MAPA 7).

ANÁLISE LEGISLAÇÃO

A poligonal de intervenção está inserida em uma **ZRU1**, havendo outras zonas mais restritivas sobrepostas (MAPA 8). Nota-se a separação em 3 zonas: Lagoa (ZPA), Centro Histórico (ZEPH) e a faixa com Equipamentos públicos e espaços livres (ZRA).

Assim como no centro da cidade de Fortaleza, há inscrita na Parangaba uma **ZEPH - Zona Especial de Patrimônio Histórico** - demonstrando a relevância histórica e cultural da região. Embora não haja parâmetros específicos para essa zona, são definidos no Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFOR 2009) alguns objetivos.

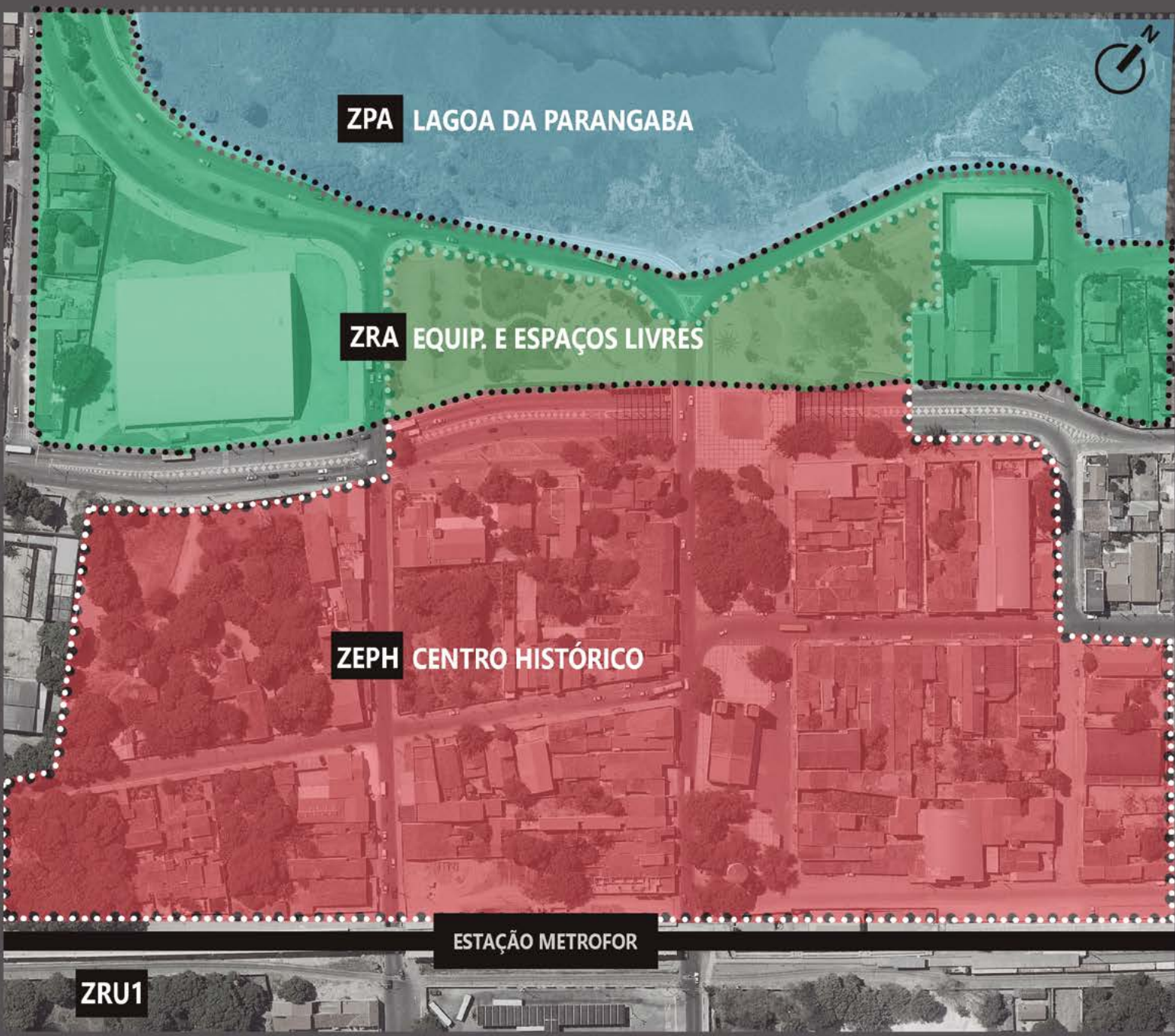
Quadro 1: PDPFOR 2009

Art. 91. A Zona de Requalificação Urbana 1 (ZRU 1) caracteriza-se pela insuficiência ou precariedade da infraestrutura e dos serviços urbanos, principalmente de saneamento ambiental, carência de equipamentos e espaços públicos, pela presença de imóveis não utilizados e subutilizados e incidência de núcleos habitacionais de interesse social precários; destinando-se à requalificação urbanística e ambiental, à adequação das condições de habitabilidade, acessibilidade e mobilidade e à intensificação e dinamização do uso e ocupação do solo dos imóveis não utilizados e subutilizados.

Art. 153 - As Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Paisagístico, Histórico, Cultural e Arqueológico (ZEPH) são áreas formadas por sítios, ruínas, conjuntos ou edifícios isolados de relevante expressão arquitetônica, artística, histórica, cultural, arqueológica ou paisagística, considerados representativos e significativos da memória arquitetônica, paisagística e urbana do Município.

Art. 154 - São objetivos das Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Paisagístico, Histórico, Cultural e Arqueológico (ZEPH):

- I - preservar, valorizar, monitorar e proteger o patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, artístico, arqueológico ou paisagístico;*
- II - incentivar o uso dessas áreas com atividades de turismo, lazer, cultura, educação, comércio e serviços;*
- III - estimular o reconhecimento do valor cultural do patrimônio pelos cidadãos;*
- IV - garantir que o patrimônio arquitetônico tenha usos compatíveis com as edificações e paisagismo do entorno;*
- V - estimular o uso público da edificação e seu entorno;*
- VI - estabelecer a gestão participativa do patrimônio.*



MAPA 8 - LEGISLAÇÃO

MAPA 9 - LIMITE ZEPH

LEGENDA



- ZRU1
- ZPA
- ZRA
- ZEPH

A referida Zona possui poligonal linear (MAPA 9) que acompanha a linha do trem e engloba os seguintes pontos: cemitério da Parangaba (1), centro histórico/comercial e praça dos caboclinhos (2), antigas indústrias ao longo da avenida Osório de Paiva (3), Hospital São Vicente de Paula (4) e por fim, antigo complexo de indústrias Everest (5).

A poligonal da ZRA engloba quadras que estão mais próximas à Lagoa, no caso delimitados ao sul pela Av. Osório e Paiva. Tal zona possui certa restrição quanto a seus parâmetros e é uma forma de transição à ZPA, onde não é permitido nenhum tipo de construção.

Quadro 2: PDPFOR 2009

Art. 67. A Zona de Recuperação Ambiental (ZRA) compõe-se por áreas parcialmente ocupadas e com atributos ambientais relevantes que sofreram processo de degradação, e tem como objetivo básico proteger a diversidade ecológica, disciplinar os processos de ocupação do solo, recuperar o ambiente natural degradado e assegurar a estabilidade do uso dos recursos naturais, buscando o equilíbrio socioambiental.

Art. 71. São parâmetros da ZRA:

- I – índice de aproveitamento básico: 0,6;*
- II – índice de aproveitamento máximo: 0,6;*
- III – índice de aproveitamento mínimo: 0,0;*
- IV – taxa de permeabilidade: 50%;*
- V – taxa de ocupação: 33%;*
- VI – taxa de ocupação do subsolo: 33%;*
- VII – altura máxima da edificação: 15m.*

USO DO SOLO

O centro histórico marcado pela Igreja Bom Jesus dos Aflitos e sua praça são equipamentos de referência no bairro, por sua localização e grau de importância histórica (MAPA 10).

Na área central em torno da Igreja do Bom Jesus dos Aflitos (Igreja Matriz), o núcleo histórico encontra-se densamente ocupado com lotes de pequenas testadas e grande profundidade. Ao longo de sua principal via, rua Sete de Setembro, as edificações são ocupadas pelas residências, comércio e serviços bancários e de utilidade pública. Encontra-se nessa rua a principal área comercial do barro, e, em suas imediações, o comércio atacadista representado pelos armazéns. (LOPES, 2006, Pag. 80)

- **A ESTAÇÃO** de trem da Parangaba sofreu nova reforma em 1939 para a construção da linha do Mucuripe, sendo inaugurado em 28 de janeiro de 1941. O projeto do METROFOR tinha intenção de derrubá-la para construir um viaduto, havendo briga judicial que impediu que isso acontecesse. Mesmo assim, a estação foi rebaixada para se adequar ao projeto do metrô e em 2007 foi tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal (Figura 53).

- **A IGREJA**, tombada em 2006, é um edifício datado dos primórdios da Vila Nova de Arroches. A famosa Festa dos Caboclos acontece desde quando Parangaba era um pequeno aldeamento indígena, e dela advém o nome Praça dos Caboclos. “Tem início no segundo domingo de setembro, com a descida da cora que vai em peregrinação para diferentes lugares, só terminando no dia de Reis, a 6 de janeiro, com a colocação da Coroa na imagem de Cristo crucificado, da Igreja Bom Jesus dos Aflitos”* (Figuras 54 e 55).

- **NA PRAÇA** da Matriz há diferentes grupos. Como pude observar, muitos marcam encontro e por ali ficam aguardando à sombra das árvores, principalmente pessoas de mais idade. O Restaurante Popular garante muito movimento e, embora só abra às 10:00, desde as 5:00 horas já se observa interessados formando a fila. Como sinal do abandono do espaço público, moradores de rua ocupam os canteiros os canteiros causando maior sensação de insegurança (Figuras 56, 57, 57.1 e 58).

- **O GINÁSIO** da Parangaba foi inaugurado em 2003, tendo capacidade para 5000 pessoas. Nele ocorrem os eventos esportivos, reli-

* A paróquia Bom Jesus dos Aflitos abrange, além da matriz, as capelas Nossa Senhora de Fátima (Vila Betânia), Sagrado Coração de Jesus (Parangaba), Santa Cruz do Itaperi (Itaperi), São Judas Tadeu (Vila Pery) e São José (Parque São José). Fonte: <http://www.paroquiabomjesusdosafritos.org.br/historia.htm>



LEGENDA

- ESTAÇÃO ELEVADA METROFOR
- EDIFÍCIOS DE VALOR HISTÓRICO
- COMÉRCIO
- EDIFÍCIOS BANCÁRIOS
- HABITAÇÃO MULTIFAMILIAR

- GINÁSIO PARANGABA
- EEEP JOAQUIM MOREIRA SOUSA
- RESTAURANTE
- RESTAURANTE POPULAR

- IGREJA MATRIZ
- ANTIGA ESTAÇÃO TREM
- MERCADO
- CENTRO SOCIAL URBANO

MAPA 10 - USO DO SOLO

giosos, mutirões de saúde, palestras e as famosas quadrilhas. Possui 2 quadras poliesportiva com arquibancadas, pista de skate, vestiários e estacionamento com área de 1375 m². Um dos fatos que explicam a falta de uso do equipamento é a demasiada burocracia. Isso porque para se utilizar o ginásio deve-se ir até a sede da secretaria de esporte da prefeitura, no centro da cidade, pedir autorização mediante pagamento por uma quantidade de horas por mês (Figuras 60 a 63).

- **O MERCADO** da Parangaba localiza-se próximo à Av. João Pessoa e foi inaugurado em maio de 1986. Com uma área de 661.56 m², passou por reforma recente da prefeitura de Fortaleza e encontra-se em bom estado de conservação, abrigando hoje 33 boxes (Fig 64).



Fig 53 Estação da Parangaba rebaixada para se adequar o projeto METROFOR.
 Fig 54 Fundos da Igreja Bom Jesus dos Aflitos. Nota-se o mau uso da via que serve como estacionamento de veículos de carga.
 Fig 55 Igreja Bom Jesus dos Aflitos.
 Fig 56 Praça dos Caboclos (matriz). À esquerda a fila estendida do restaurante popular Fonte: *autora*



Posição de captura das fotos



57



57.1

Fig 57 e 57.1 Praça dos Caboclos é ponto de encontro no bairro, apesar da presença incomoda de moradores de rua
Fonte: autora





58



59

Fig 58 Restaurante Popular com enorme frequência
Fig 59 Estado de abandono na praça. Fonte: Autora



60





61



62

Fig 60 e 61 Relação de escala do Ginásio na paisagem
Fig 62 Calçadão existente em volta da Lagoa. Ao fundo o Ginásio. Fonte: Autora



63



64

Fig63 Ginásio Parangaba e pista de skate externa

Fonte: Autora

Fig 64 Mercado da Parangaba. Fonte: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/regional-iv/prefeito-roberto-claudio-inaugura-novo-mercado-publico-da-parangaba>

RECURSOS NATURAIS

Parangaba, de acordo com a língua tupi significa beleza. O bairro possui um dos maiores espelhos d'água da cidade de Fortaleza, símbolo do bairro e presente também em seu folclore, como contam as histórias do "Dia em que a lagoa secou". No seu livro "Iracema", José de Alencar faz referências a Lagoa, local onde a virgem renovava sua beleza.

A Lagoa da Parangaba foi tombada em 1987 e possui extensão superficial de 30,32ha. Faz parte de uma das 8 sub-bacias do Rio Maranguapinho, a bacia que possui "menor cobertura florestal nativa correspondendo a 2,76% da área total da bacia e apresenta o mais elevado processo de degradação ambiental" (PMF, 2003). Possui Fauna lacustre ribeirinha, vegetação ciliar com mata lacustre, vegetação de zona antrópica com tipos arbóreos, arbustivos e aquáticos (Figuras 65 e 66).

As regiões que se observa uma quantidade significativa de cobertura florestal nativa (Tabuleiro Litorâneo), como é o caso do entorno da lagoa do Mondubim e do Açude da Agronomia são áreas de interesse para a pesquisa e com potencial para preservação e proteção. A lagoa da Parangaba se distingue por ser uma área de interesse para a recuperação ambiental, pois, apesar do tratamento urbanístico, paisagístico, faz-se necessário um **fortalecimento da arborização com espécies nativas.** ** (Prefeitura Municipal de Fortaleza. Inventário ambiental de Fortaleza 2003. Diagnóstico versão final. Pag. 91)

Segundo o Mapeamento de Áreas verdes de Fortaleza (RUFINO, 2012) em 2007 possuía 3m²/hab, sendo o ideal = 12m²/hab. A alternativa encontrada para requalificar esses espaços naturais no meio urbano é incorporando-os à vida das pessoas, fazendo se perder o estigma de esgoto a céu aberto e tornando-os espaços de lazer.

"É importante que fique clara a compreensão que revitalização urbana não compreende apenas áreas de preservação histórica. Ela se faz sempre que é necessária a revitalização de uma área degradada, que apresenta uma subutilização ou começa a torna-se obsoleta." (GORSKI, 2010)

* Em entrevista ao jornal O povo (29/10/2012), o taxista Valdir de Oliveira Sarmiento, 80, afirma ser um dos mais antigos moradores da Parangaba e descreve o ocorrido durante a II Guerra Mundial. "Na época, eles (soldados) ficavam no Pici e houve um período de seca. E eles vinham com aqueles caminhões e tiravam muita água da lagoa para usar na base. Até que secou total", relembra Valdir.



65



66

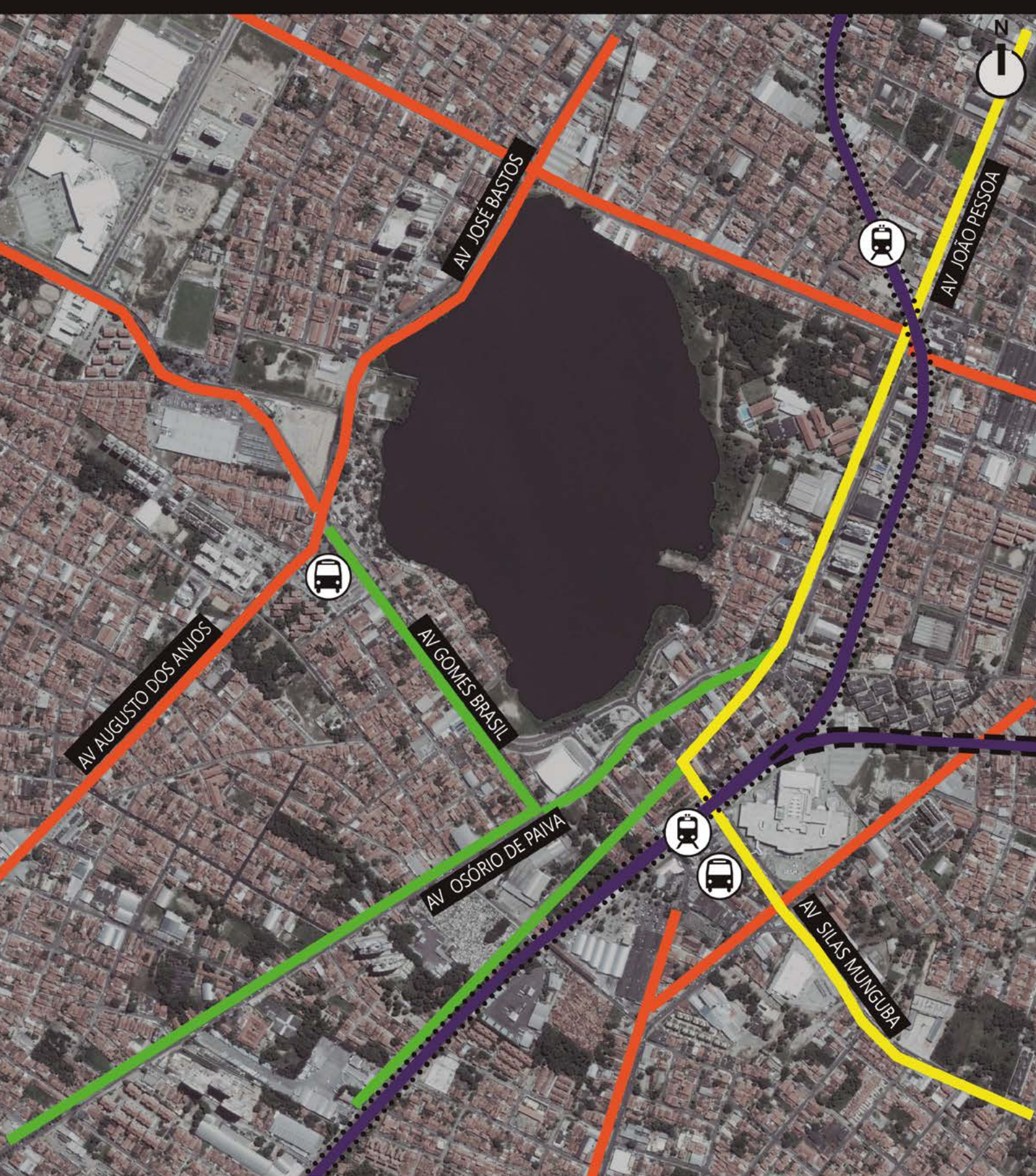
Fig 65 Vegetação nativa da Lagoa. Fonte: Regis Capibariba. Disponível em: www-imagemtudo.com
Fig 66 Poluição ambiental na encosta da Lagoa
Fonte: Autora

SISTEMA VIÁRIO

A principal função do bairro é ser uma articulação na cidade de Fortaleza, pois passam por ali caminhos que levam de leste a oeste e de norte a sul. Alguns Polos Geradores de Tráfego, como os shoppings e terminais de ônibus, tornam o trânsito ainda mais conturbado e caótico (MAPA 11). A presença do túnel na Avenida Osório de Paiva ameniza o trânsito em um pequeno trecho, mas não é suficiente pois essa região é o nó do sistema viário do bairro, com vias coletoras e arteriais de muito movimento (MAPA 12).

A intenção do projeto de intervenção é requalificar o percurso que leve do metro/terminal de ônibus, passando pela Igreja, praça da matriz e atingindo as 3 praças onde serão propostos equipamentos. Através de observação e visitas ao local foi realizada uma análise de fluxos de pedestre (MAPA 13) afim de potencializar o olhar sobre a escala local. Foram marcados os pontos atrativos, locais de onde as pessoas vem e para onde vão, como paradas de transporte público, pontos comerciais e equipamentos de cultura e lazer. Alguns pontos principais foram observados:

- Via local com baixa frequência, cerca de 4 veículos por minuto, incluindo ônibus.
- Perigosas travessias que os pedestres são habituados, arriscando suas vidas ao atravessar em momentos de trânsito parado.
- Embora a praça da matriz possua bastante movimento a praça dos caboclinhos é evitada devido ao seu estado de abandono.

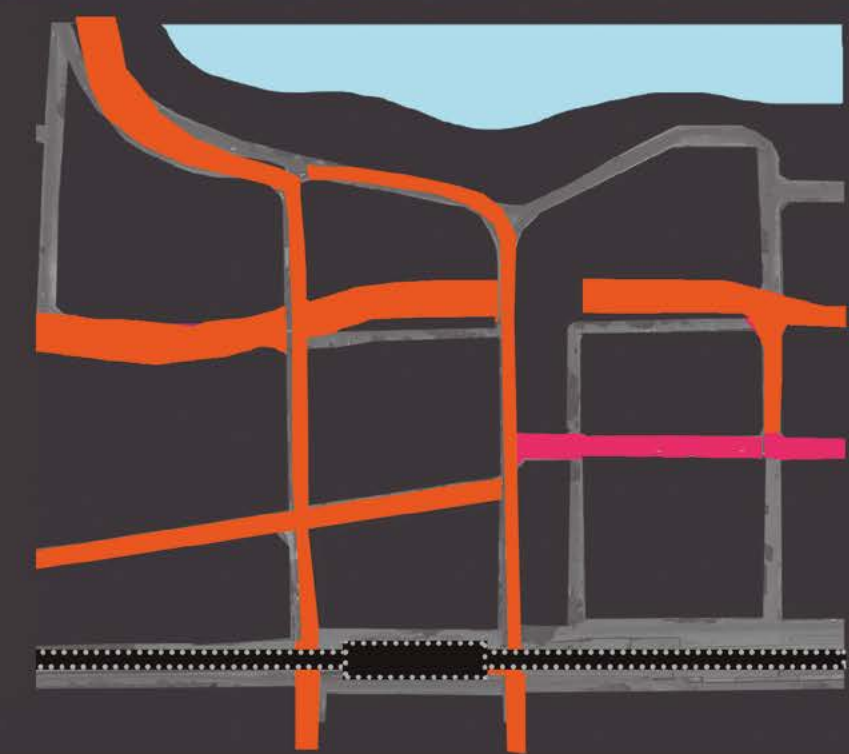


LEGENDA






- | | |
|---|--|
|  Linha Sul METROFOR |  VIA ARTERIAL 1 |
|  VLT - Parangaba/Mucuripe |  VIA ARTERIAL 2 |
|  Estação METROFOR |  VIA COLETORA |
|  Terminal Ônibus |  VIA LOCAL |

MAPA 11 - CLASSIFICAÇÃO VIÁRIA

Fonte: PFPFOR 2009









LEGENDA




-  ESTAÇÃO ELEVADA METROFOR
-  SENTIDO DAS VIAS
-  VIA COLETORA
-  VIA ARTERIAL 2
-  VIA LOCAL

MAPA 12- SISTEMA VIÁRIO BÁSICO



LEGENDA

-  ESTAÇÃO ELEVADA METROFOR
-  TERMINAL ÔNIBUS PARANGABA
-  FLUXO DE PEDESTRES
-  PONTOS DE TRAVESSIA DE VIAS
-  PONTOS PARADA ÔNIBUS
-  VIA LOCAL COM BAIXA FREQUÊNCIA DE VEÍCULOS

-  GINÁSIO PARANGABA
-  EEEP JOAQUIM MOREIRA SOUSA
-  IGREJA MATRIZ
-  RESTAURANTE
-  SHOPPING PARANGABA

MAPA 13 - FLUXOS DE PEDESTRES

PARTE III

5. PROPOSTA INTERVENÇÃO

“Acredito que as coisas podem ser feitas de outra maneira e que vale a pena tentar.” (Zaha Hadid)

ideia de intervenção

NUCLEO CULTURAL

Desapropriação das casas que se alocam na praça e na margem da lagoa.

Realocação da escola.

Implantação do Centro Cultural Parangaba, em um terreno agora cheio de possibilidades.

NUCLEO ALIMENTAÇÃO

Tornar a praça um polo de alimentação com mais opções de refeição.

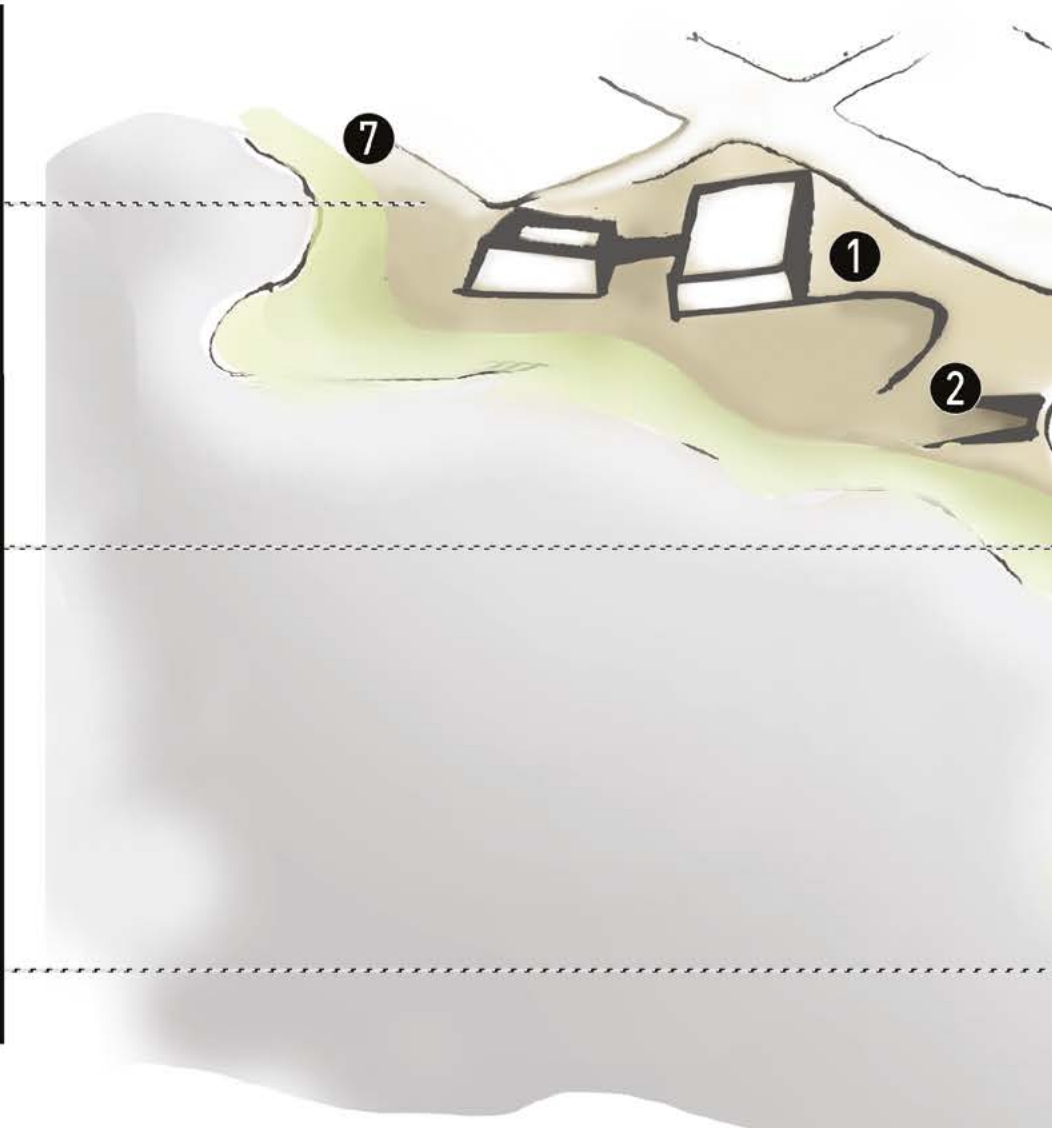
Retirada de barreiras: estacionamento e gramado decorativo. Se necessário for transpor os coqueiros existentes.



Criação de uma marquise que sirva como desague das atividades do Centro Cultural e do Ginásio.

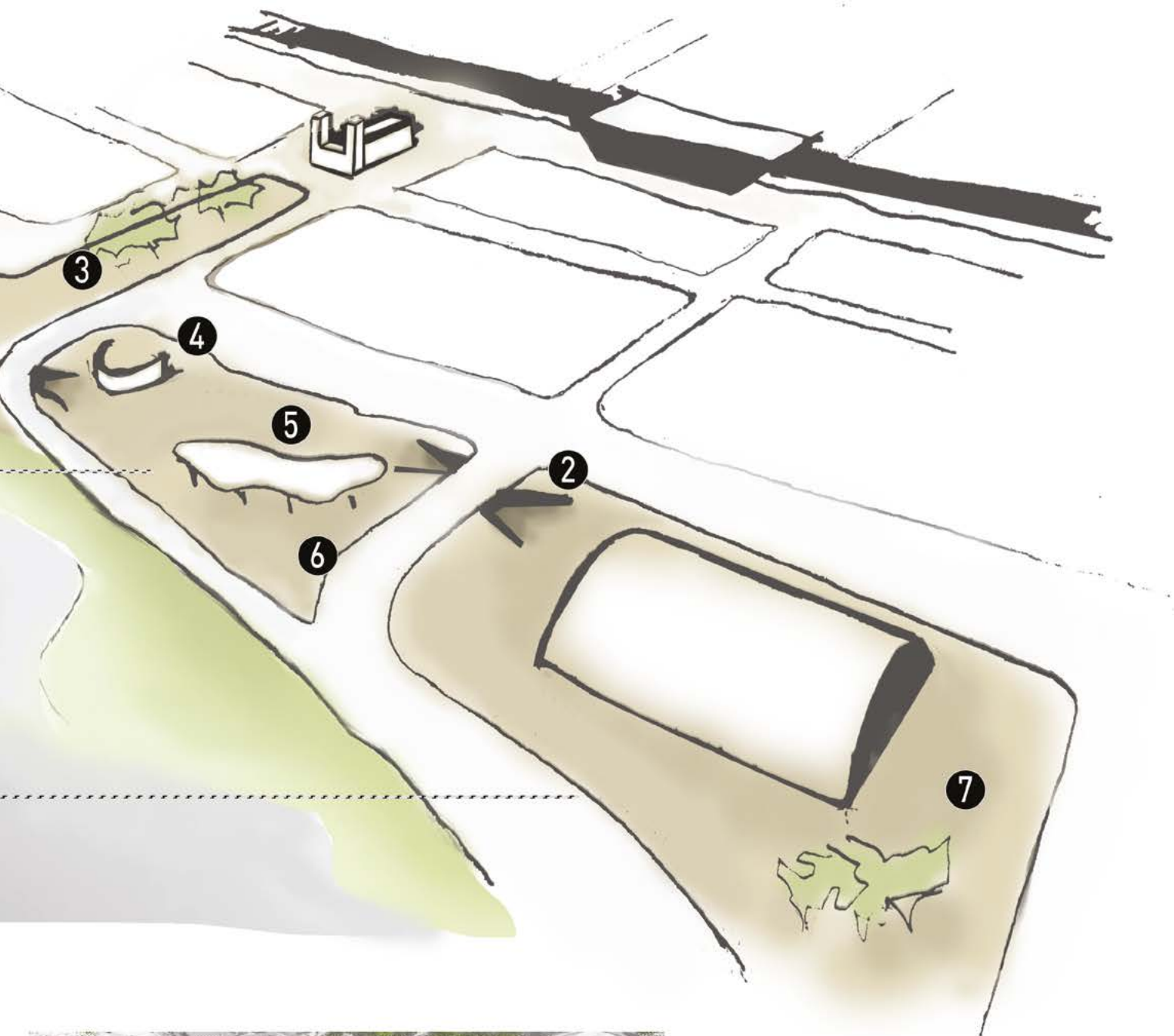
NUCLEO ESPORTIVO

Criação de administração própria para o Ginásio, afim de aumentar sua autonomia.

Retirada de edificações existentes na praça afim de melhorar sua visibilidade e acesso pelo entorno.



Remoções edificações 
Remoção canteiros 



LEGENDA:

- 1. Centro Cultural Parangaba
- 2. Túnel Pedestres
- 3. Continuidade do piso da praça matriz até praça dos caboclinhos
- 4. Restaurante existente
- 5. Marquise Proposta
- 6. Criação de via de carros
- 7. Remoções de edificações

Fig 67. Implantação Centro Cultural Parangaba

A IDEIA DE CIDADE

A proposta de intervenção, indicada aqui em linhas gerais, é integrar as três praças existentes ao centro histórico da Parangaba, tornando a região um complexo cultural de referência para a cidade. Para isso, seriam criados núcleos de equipamentos, que corresponderiam às etapas de implantação do projeto, diversificando os usos e tornando o local atraente para diversos públicos (Figura 67).

Inicialmente foi estipulado para esse trabalho a proposta de um túnel na Rua Eduardo Perdigão no trecho que cruza a Avenida Osório de Paiva. Entretanto, a complexidade e os novos problemas causados pela proposta fizeram recuar e propor uma mudança mais sutil e realista. Ela não resolve os problemas do tráfego de veículos, mas é de extrema importância à escala do pedestre (MAPA 14).

A alteração no sistema viário extingue a via local de entorno da praça dos caboclinhos, dada a constatação do baixo fluxo de veículos observado através de diversas idas ao local. Para repor tal fluxo, cria-se uma nova faixa na Rua Eduardo Perdigão, no sentido Avenida Osório de Paiva ---> Avenida Gomes Brasil. Com isso, passa a haver uma conexão direta entre o coração do centro histórico (Igreja e Praça da Matriz) com a lagoa.

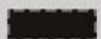
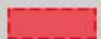


A acessibilidade é garantida pelo metro e diversos ônibus que passam no local, possibilitando que o projeto suprima a quantidade de estacionamentos do local em detrimento a mais áreas livres para os pedestres. Assim, cria-se um circuito que dinamiza a Zona histórica e para fazer a ligação entre as praças se propõe túneis para os pedestres. Entre a praça dos caboclinhos e a do restaurante, o próprio desnível do terreno favorece essa implantação (CORTE C1), graças ao túnel de carros que passa sobre a Av. Osório de Paiva.

Algumas remoções/desapropriações de edificações e canteiros são previstas no projeto (Figura 68) com a justificativa de estarem em ZPA ou representarem barreiras ao acesso das praças. O caso examinado com mais cautela é o deslocamento a escola, como é analisado a seguir.





LEGENDA

-  ESTAÇÃO ELEVADA METROFOR
-  VIA RETIRADA
-  NOVA VIA PROPOSTA
-  ALTERAÇÃO FLUXO

MAPA 14 - ALTERAÇÕES NO SISTEMA VIÁRIO

SOBRE A ESCOLA

A escola existente na praça dos caboclinhos trata-se da **E.E.E.P. – Escola Estadual de Educação Profissional – Joaquim Moreira de Sousa**. Por não ter sido pensada inicialmente para suportar uma jornada integral de ensino, a escola possui problemas com relação à falta de espaço físico que suporte a quantidade ideal de alunos e atividades.

O atual edifício possui 1 pavimento e meio (metade possui 2 pavimentos aproveitando a topografia), numa área de aproximadamente 3.400,00m² (Figura 70). Enquanto isso, o MEC possui um programa de E.E.E.P. padrão com área total mínima de 12.000,00m². Segundo o memorial descritivo do projeto padrão*, a escola possui 12 salas de aula, 6 laboratórios básicos, auditório, biblioteca, teatro de arena, refeitório, área de vivência, quadra poliesportiva coberta e 2 grandes laboratórios especiais para a preparação do jovem para o mercado de trabalho, de acordo com as especificidades regionais (Figura 69).



69

Fig 69 Projeto padrão do MEC para EEEP em um terreno de 12.000,00m²

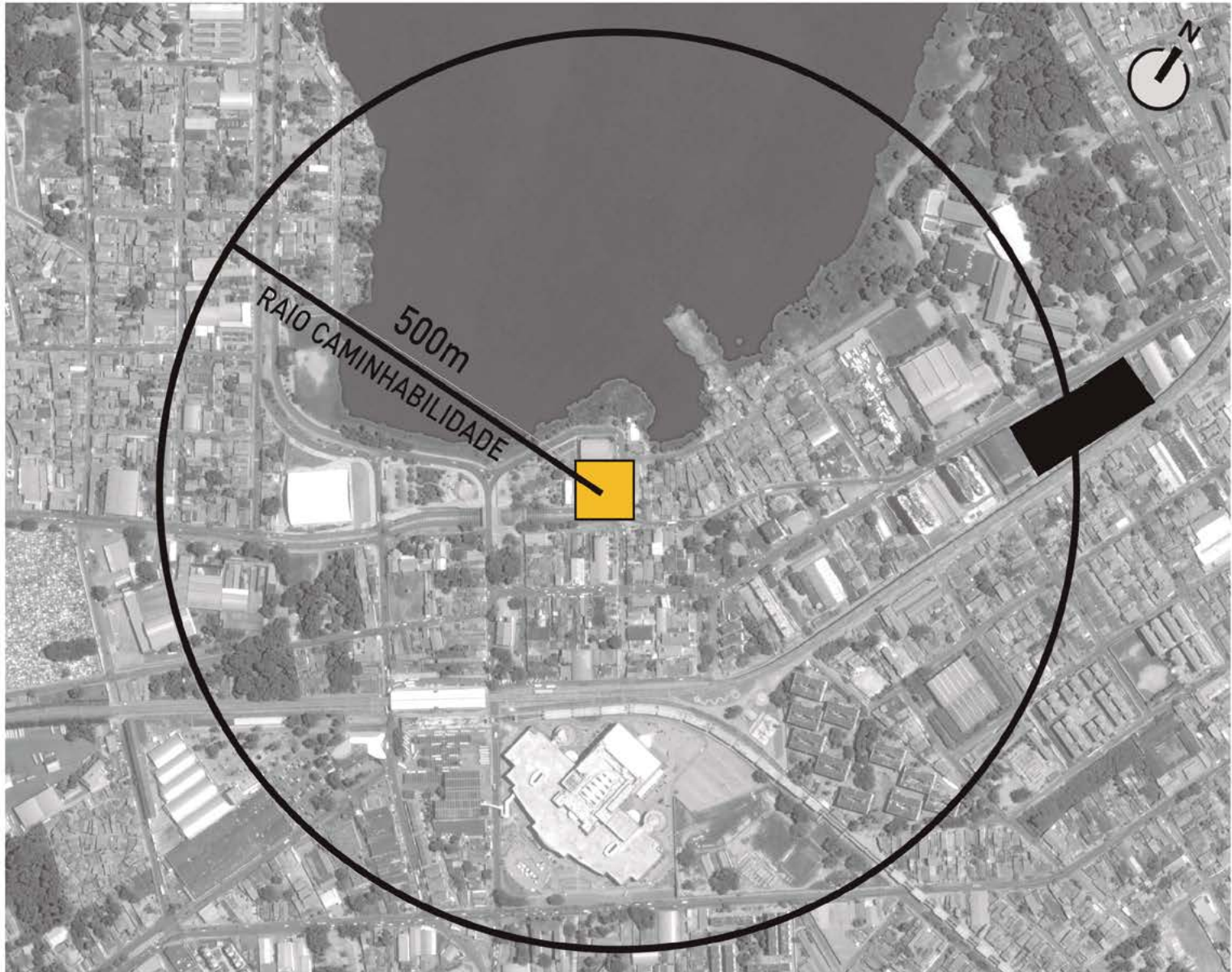
Fonte: portal.mec.gov.br

Fig 70 Atual EEEP Joaquim Moreira de Sousa, com acesso voltado à rua Caio Prado. Fonte: *autora*



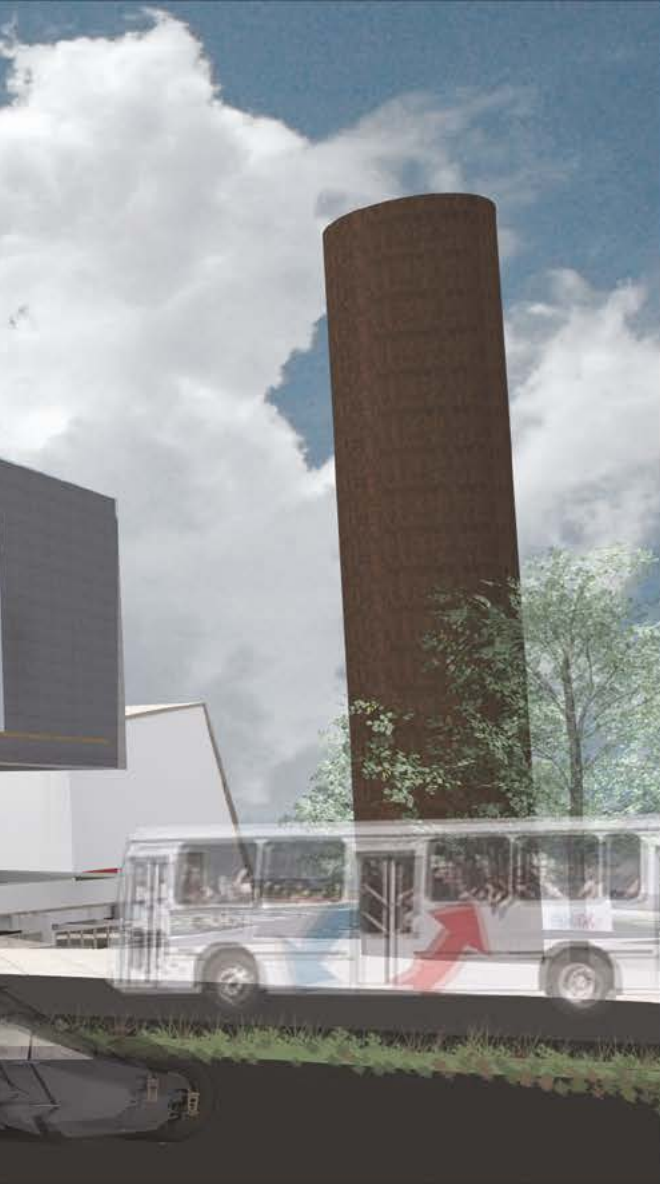
70

Propõe-se então a realocação da escola para um terreno que satisfaça com qualidade as especificações do programa do MEC (não sendo necessariamente o mesmo projeto). Como opção, têm-se uma série de indústrias abandonadas ao longo da Av. Osório de Paiva. O MAPA 15 aponta um desses terrenos inseridos no raio de caminhabilidade de 500metros para pedestre, que possui aproximadamente 9600m².



MAPA 15 - Proposta Realocação E.E.E.P





DIRETRIZES PROJETUAIS

Dentro do contexto geral da intervenção foi concebido o projeto do Centro Cultural da Parangaba, no terreno da praça dos caboclinhos. Para isso, algumas diretrizes nortearam todo o processo de projeto:

1. O Edifício como uma praça sombreada

O edifício como extensão da praça, gerando conforto pela sombra, ventilação natural e segurança. Essa valorização de elementos sombreados também é pretendida ao longo da área de intervenção como a proposição de uma marquise na praça que contém restaurantes.

2. Valorização do encontro

Criação de múltiplos espaços de convivência em diferentes escalas para atender a variadas e imprevisíveis atividades, de um anfiteatro com possibilidade de show a um mobiliário atrativo a conversas cotidianas.

3. Integração com o meio natural

Respeitando a legislação ambiental, o conjunto deve se integrar ao máximo com o ambiente natural através de espaços e atividades lúdicas dentro e fora do edifício, aproveitando visuais privilegiadas para a Lagoa.

4. Verdade Estrutural

Utilização do Concreto e Aço aparentes como partido estrutural fazendo remeter a estética ferroviária, forte marco na Parangaba.



IMAGEM 1: VISTA DO EDIFÍCIO DA AV. OSÓRIO DE PAIVA

IMAGEM 2: ESPAÇO TÉRREO, ONDE O EDIFÍCIO É UMA PRAÇA SOMBREADA

DEFINIÇÃO DE PARTIDO

Partindo da premissa da apropriação do edifício pelo lugar, é de vital importância conhecer a fundo o terreno, descobrindo suas potencialidades e desafios. Busca-se então uma implantação que praticamente pedia para ser daquele jeito. Foi realizada uma maquete física para estudo volumétrico do partido (Figura 71):

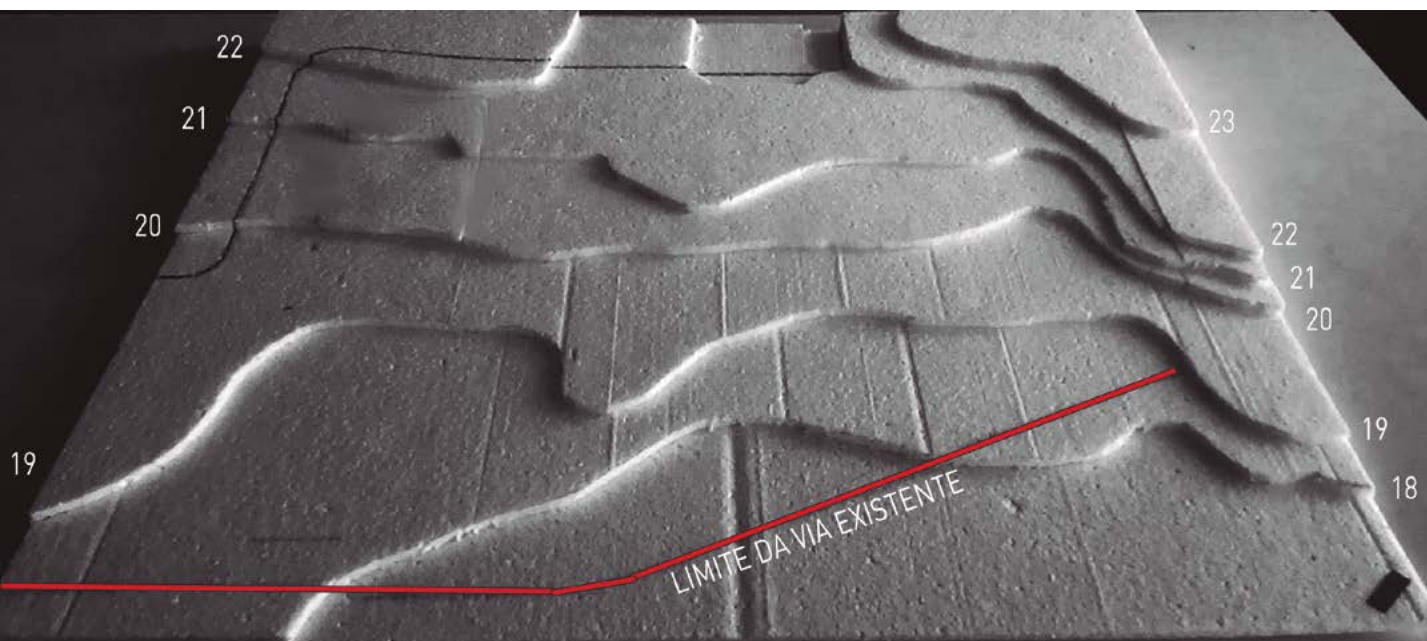


Fig 71 Curvas de nível do terreno de intervenção. Em vermelho o limite da via a ser retirada.

- O terreno da praça possui decaimento de 5 metros no sentido da Av. Osório de Paiva (cota 22) à lagoa da Parangaba (cota 17). Logo de início, uma possibilidade para implantação foi de criar um pavimento subsolo aproveitando esse desnível.
- Os ventos dominantes vêm de Sudeste (sentido da Av. Osório de Paiva em direção à Lagoa), beneficiado pelo microclima da Lagoa.
- A insolação mais cruel durante todo o ano está a Oeste, de forma que se o objetivo é ter visuais para a lagoa, tal vista estará metade do ano com o sol em plano de fundo.

Inicialmente, o programa da escola estava agregado ao projeto, o que gerava inúmeros problemas em relação ao controle de fluxos e de espaço físico limitado (Figuras 73 e 74). Haviam 3 blocos: a escola (com quadra poliesportiva), o Centro Cultural e o Teatro. Tal partido também entrava em confronto com as noções de espaço público apontadas: um espaço livre de apropriação do pedestre.

Tomada a decisão da realocação da escola, o projeto do edifício se desenvolveu de forma mais coerente e livre de barreiras menores.

Algumas disposições foram testadas e o partido se fixou em 2 blocos: um monólito que abrigaria as atividades do Centro Cultural e o bloco do Teatro, com a possibilidade de funcionar de forma independente. (Figuras 75 ,76 e 72).

O conjunto é rotacionado 30° em relação ao eixo da Avenida Osório de Paiva por alguns motivos. O primeiro é de ordem técnica, pois assim há menor incidência de insolação nas fachadas Norte e Sul mais alongadas. Outro motivo é pela integração com a praça, pois o edifício se abre como um convite e então as pessoas que vêm da Igreja, passando pela praça matriz, conseguem ter a percepção de figura (fachada sul do Cento) e fundo (Lagoa).

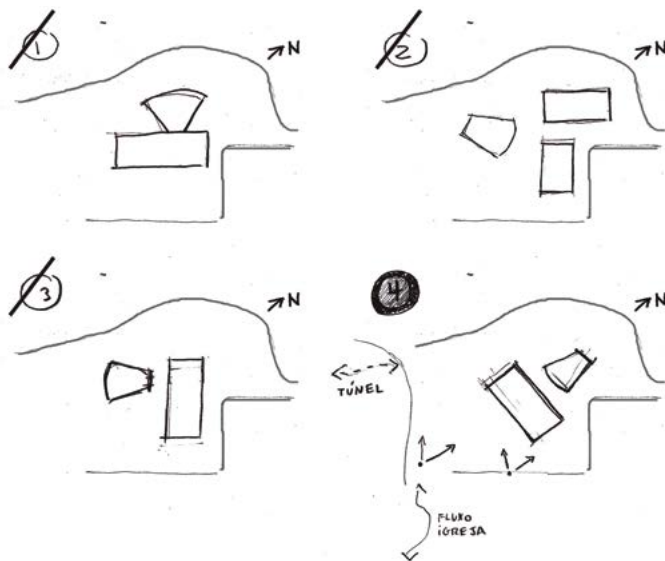


Fig 72 Estudo de implantação considerando apenas 2 blocos: o centro e o teatro.(continuação)

ÍNDICES URBANÍSTICOS

A fim da praticidade de leitura e síntese das principais ideias desse trabalho, todos os índices e parâmetros legais consultados se encontram na sessão de apêndice. O projeto se enquadra na categoria projeto Especial, sendo objeto de estudo os parâmetros de recuos, altura da edificação, dentre outros presentes na LUOS. Adotou-se o recuo mínimo de 10m, o mesmo exigido para equipamentos frontais às vias arteriais. Para a Locação do Teatro, foi observada também a resolução 303 do CONAMA (ANEXO 4 -Apêndice), que aponta uma faixa de proteção de 30m a partir da linha limite da Lagoa.

A quantidade de estacionamento requerida na LUOS (ANEXO 5 - Apêndice) para o Teatro é da faixa de 1vaga para 20 pessoas e 1 vaga para cada 100m². Com a justificativa do principal meio de acesso ser o transporte coletivo, adotou-se um número restrito de vagas, direcionada para funcionários do Centro e do Teatro.

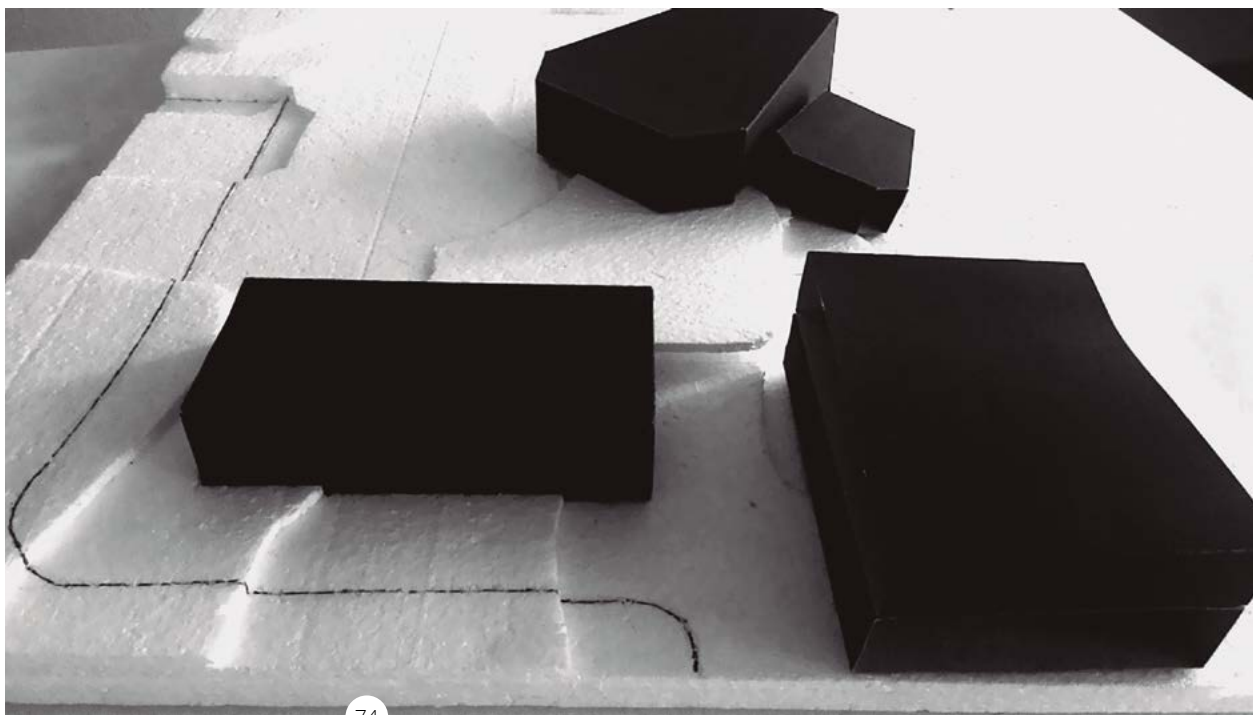
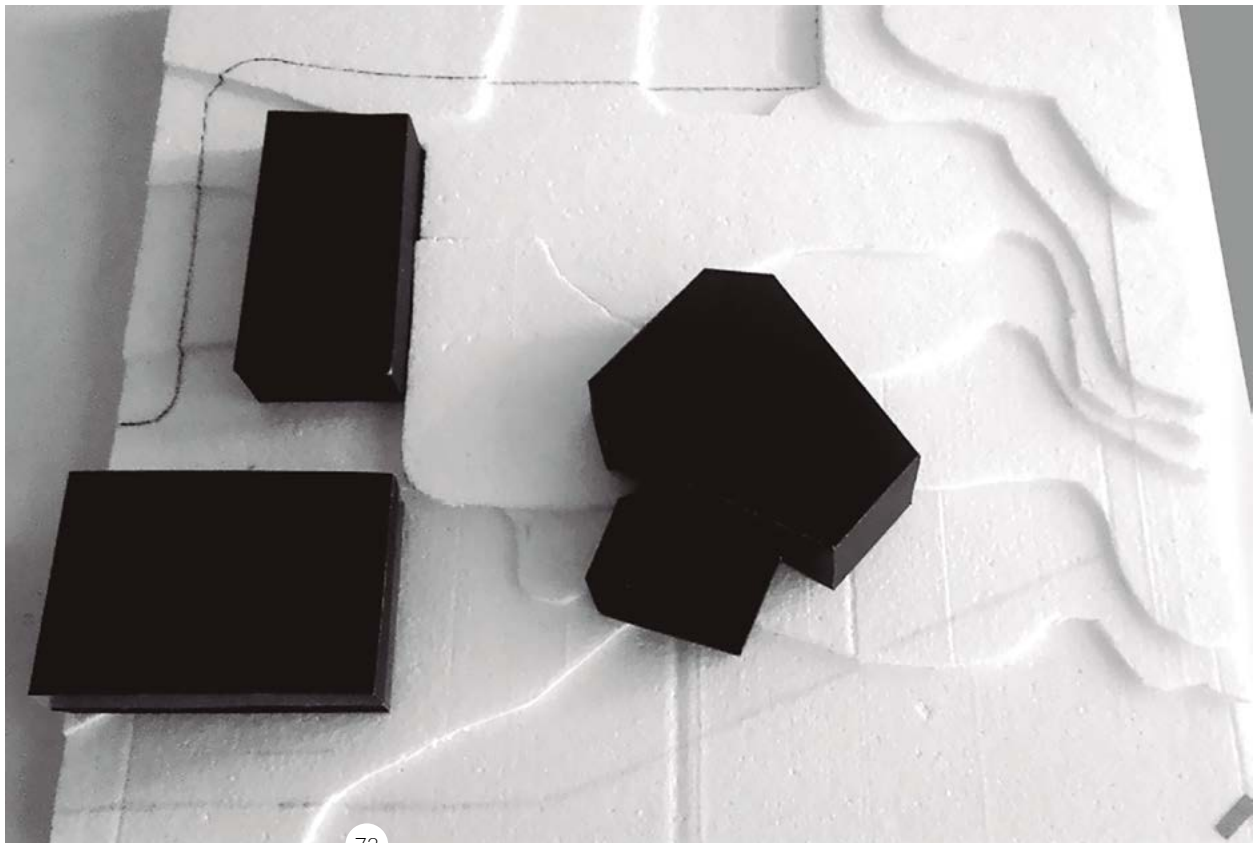
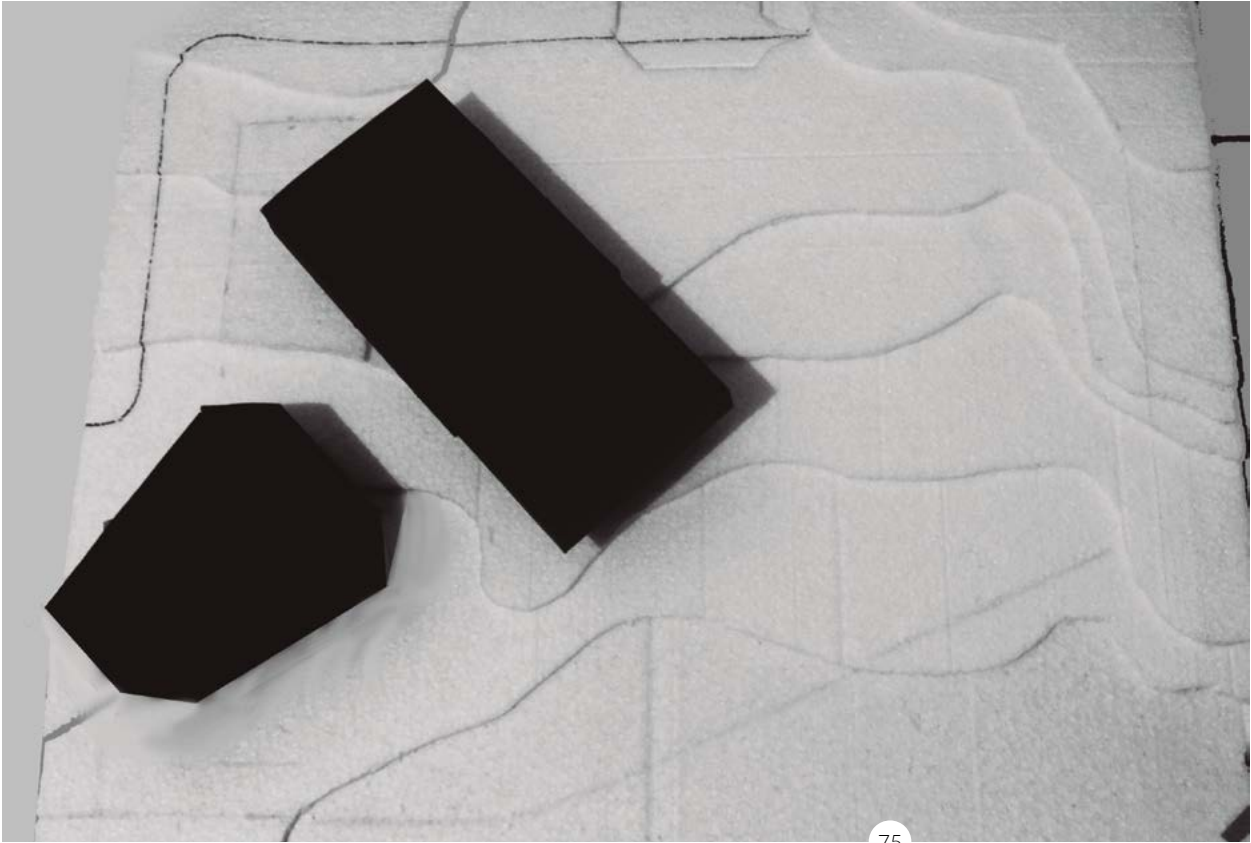


Fig 73 e 74 Primeiras proposições de implantação enquanto se considerava a escola atrelada ao Centro Cultural Parangaba.



75



76

Fig 75 e 76 Estudo de implantação considerando apenas 2 blocos: o centro e o teatro.

IMAGEM 3- Vista de quem vem da praça matriz em direção ao Centro Cultural Parangaba. Desenho curvo dos canteiros é um contraponto formal as linhas retas do edifício



IMAGEM 4- Anfiteatro implantado se beneficia da sombra das árvores existentes, consideradas no projeto.

O DESENHO DA PRAÇA

A praça dos caboclinhos é a conexão entre a intervenção e o centro histórico. O desafio principal é a continuidade formal entre os dois setores, de modo a não criar barreiras. Uma vez o desenho atual da praça da matriz (que deve passar por reforma) tenha canteiros curvos, utilizou-se nesse caminho um desenho de curvas que levem ao centro cultural, à margem da lagoa ou ao túnel que leva às outras praças (PLANTA IMPLANTAÇÃO).

“Quando um ambiente tem uma forte moldura visível e partes extremamente características, a exploração e novos setores fica mais fácil e convidativa. Se museus, bibliotecas e pontos de encontro tiverem sua existência divulgada, aqueles que costumam ignorá-los podem sentir-se tentados a conhecê-los. (LINCH. 1982. Pag. 122)

Foi feito um estudo de alocação das árvores existentes afim de menor impacto possível na paisagem natural, sendo parâmetro para a construção dos caminhos. O traçado orgânico é também um contraponto à rigidez formal pretendida no edifício. Possui assimetrias diversas afim de atender à diferentes escalas, criando espaços que congreguem grande concentração de pessoas e outros espaços mais íntimos ideal para pequenos grupos (Figura 77).

A criação de canteiros que servem como marcos nos pontos nodais aumenta a clareza entre as conexões e fortalece as esquinas, criando pontos de referência e dinamizam os caminhos. Segundo Linch (1982, pag 80) “Uma vez que se devem tomar decisões nas junções, as pessoas ficam mais atentas em tais lugares e percebem os elementos circundantes com uma clareza incomum.”

Quanto aos equipamentos (ver resolução CONAMA no apêndice) o anfiteatro é criado aproveitando o desnível do terreno (Figura 78, CORTE C2), sendo marcante no traçado da praça. Alguns outros equipamentos como pier, pista de skate e playground são trabalhados de modo a não criar conflitos com o fluxo principal de pedestres e ciclistas.

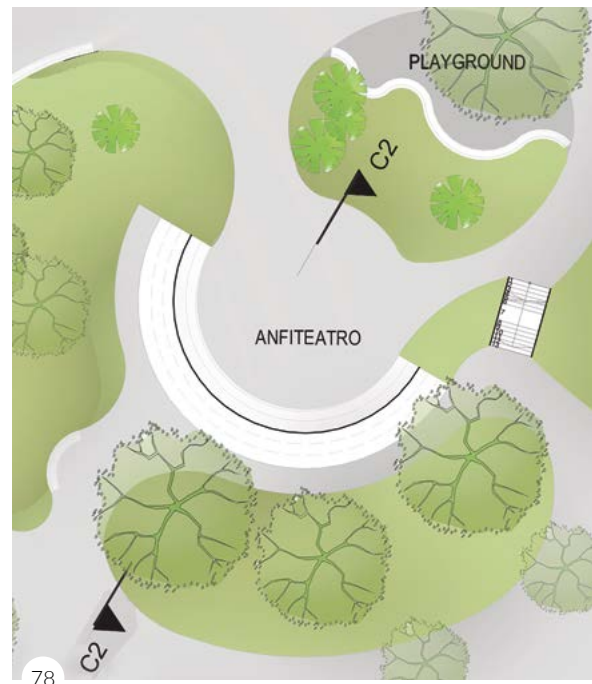
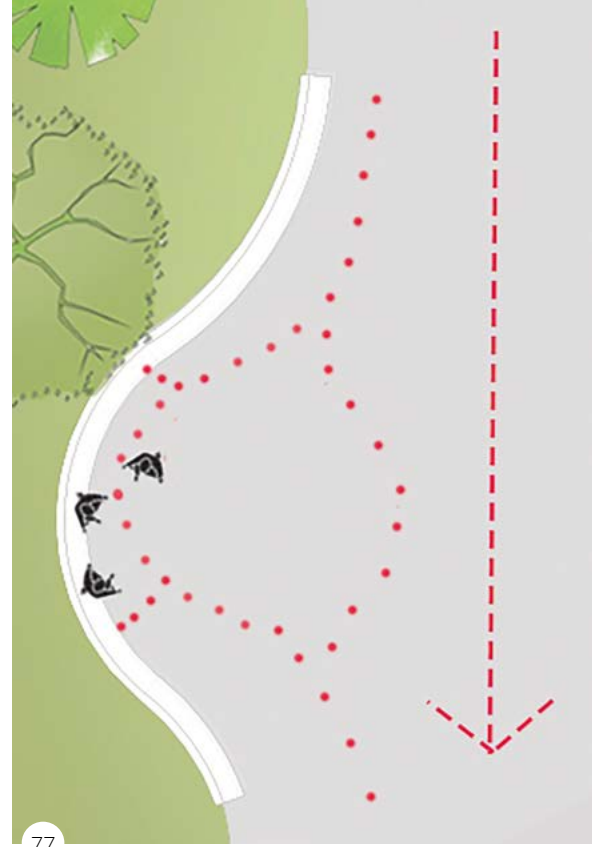
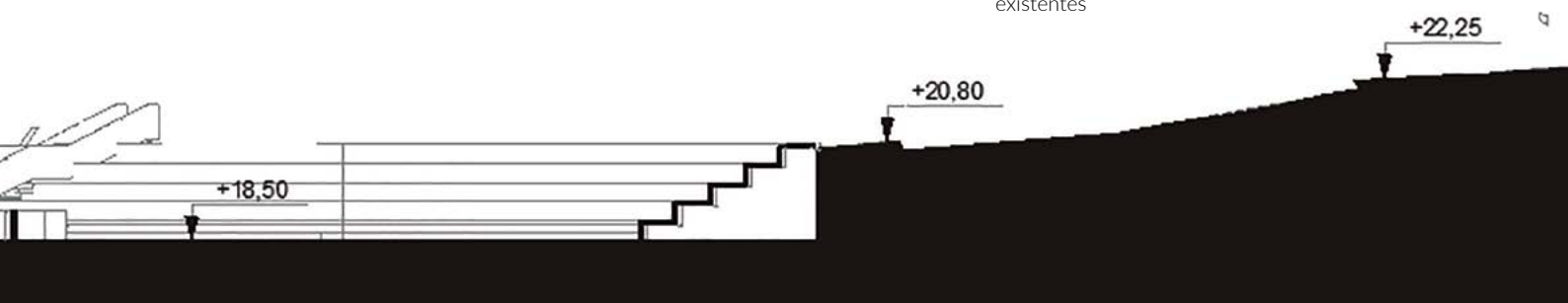


Fig 77 Bancos recuados da circulação são mais convidativos a pequenos grupos de conversas

Fig 78 Anfiteatro aproveita o desnível do terreno e assombra das árvores existentes



LAGOA DA PARANGABA





1. Planta Implantação

A CONCEPÇÃO DO EDIFÍCIO

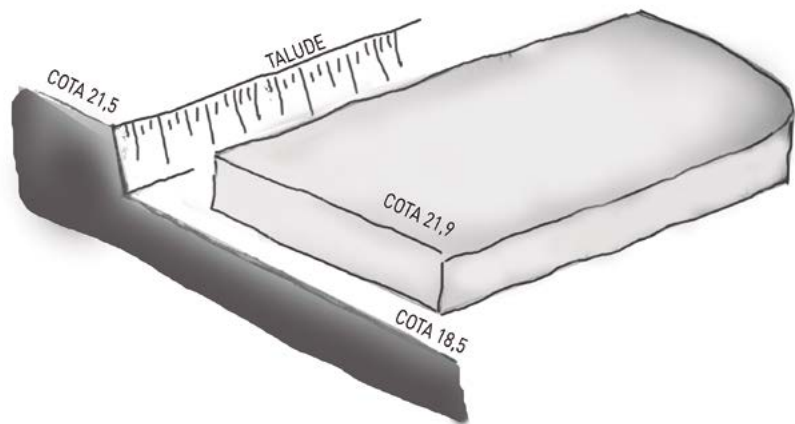


Fig. 79. Aproveitando o desnível de 3 metros do terreno foi possível ter um pavimento subsolo iluminado e ventilado por meio de talude e aberturas voltadas à cota inferior da praça

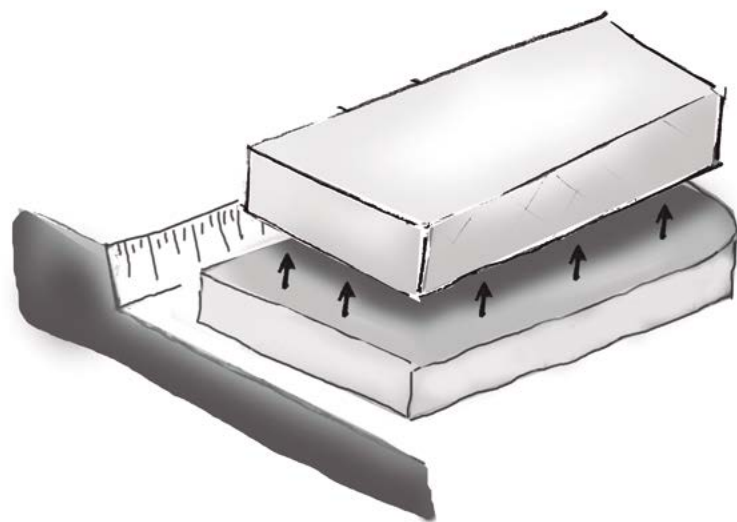


Fig. 80. Com a premissa do edifício ser uma praça sombreada e o térreo com o mínimo de serviços, eleva-se o bloco com as demais atividades

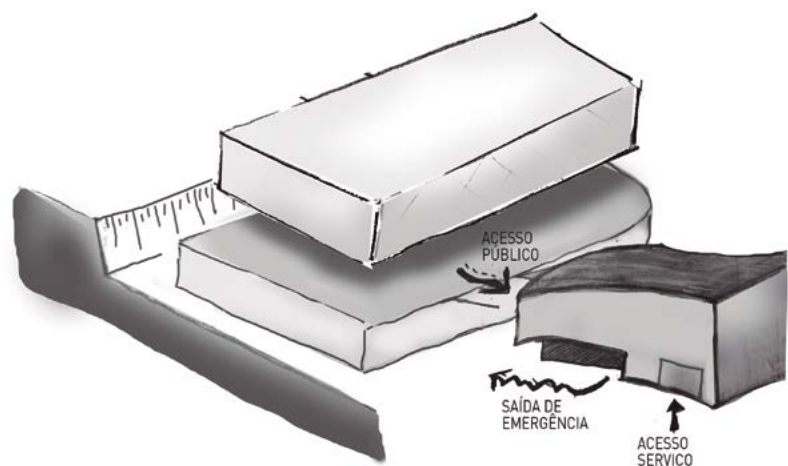


Fig. 81. O bloco do Teatro é posicionado como um coadjuvante, por detrás do Centro Cultural em uma cota inferior, justamente para não atrapalhar essa percepção do edifício. O acesso principal se dá pela passarela coberta que o conecta ao térreo do centro cultural (cota 21,9), sendo esse seu grande foyer. Os demais acessos se dão ao nível +18,5

PROGRAMA DE NECESSIDADES

A definição das atividades e espaços destinados a elas foi realizada com a preocupação voltada a atratividade e demanda. O edifício deveria ser um misto de educação, lazer e cultura, podendo atingir diversos públicos. Analisando as referências teóricas e práticas, foram definidos alguns pontos fortes do projeto, chegando a 4 núcleos gerais (TABELA 1) (Figuras 85 e 86).

Biblioteca Pública

Detectada a carência desse tipo de equipamento na cidade, faz-se necessária uma biblioteca de grande porte. Tal como esboçado na PARTE I desse trabalho, a biblioteca abriga uma disposição contemporânea e se organiza como uma livraria, com grandes áreas que integram acervo e espaços de leitura, sem isolar cada área. Na tabela de áreas, cada parte do programa foi separada afim de se obter um valor total da área necessária. No mesmo conceito aberto está o setor infantil (Espaço Criança), separado da biblioteca em planta. Com ampla área possui inclusive espaço para apresentações teatrais, uma demanda recorrente para esse tipo de ambiente.

TABELA 1

ATIVIDADES CULTURAIS		ÁREA(m ²)	
CINE - AUDITÓRIO	PLATEIA (80 pessoas)	1	107,40
	PROJEÇÃO	1	13,60
TEATRO	FOYER	1	81,40
	BILHETERIA	1	18,70
	APOIO TÉCNICO	1	100,10
	PLATÉIA (360 pessoas)	1	360,00
	PALCO	1	83,46
	COXIA + CIRC.	1	99,50
	DEPÓSITO	1	30,94
	CAMARINS	2	19,30
	MEMORIAL PARANGABA	EXPOSIÇÃO PERMAN.	1

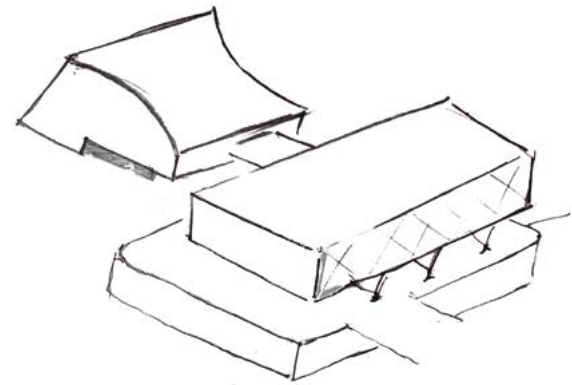


Fig 82 Relação volumétrica entre bloco Centro Cultural e Teatro

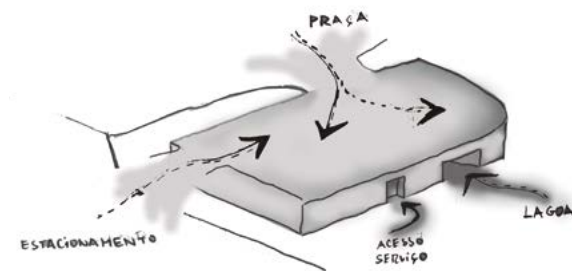


Fig 83 No bloco do Centro Cultural, há dois locais de acesso de público no pavimento térreo e um outro acesso secundário no pavimento subsolo, onde também se localiza a conexão com o serviço

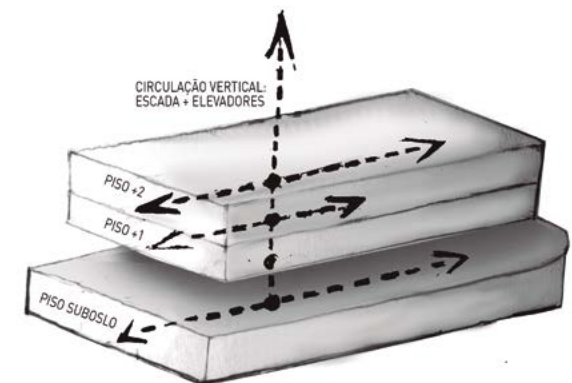


Fig. 84 As circulações internas do edifício se dão pela escada e 2 elevadores, havendo grandes corredores/pátio no sentido longitudinal nos pisos subsolo, +1 e +2.

B I B L I O T E C A	RECEPÇÃO	GUARDA-VOLUMES	1	20,00
		BALCÃO RECEPÇÃO	1	10,00
		SALA TÉCNICA	1	20,00
		ÁREA ESPERA	1	50,00
	ESPAÇO MULTIMÍDEA	ILHA DIGITAL	1	60,00
		SALÃO JOGOS	1	80,00
		SALAS DE VÍDEO	3	10,00
	ACERVO	PERIÓDICOS/GIBIS	1	60,00
		LIVROS	1	150,00
	LEITURA	INFORMAL	1	150,00
		SILENCIOSA	1	70,00
		BRAILE	1	50,00
	ESPAÇO CRIANÇA	ACERVO/LEITURA	1	50,00
		BRINQUEDOS	1	70,00
		TEATRO	1	50,00
	TOTAL			900,00

ADMINISTRAÇÃO

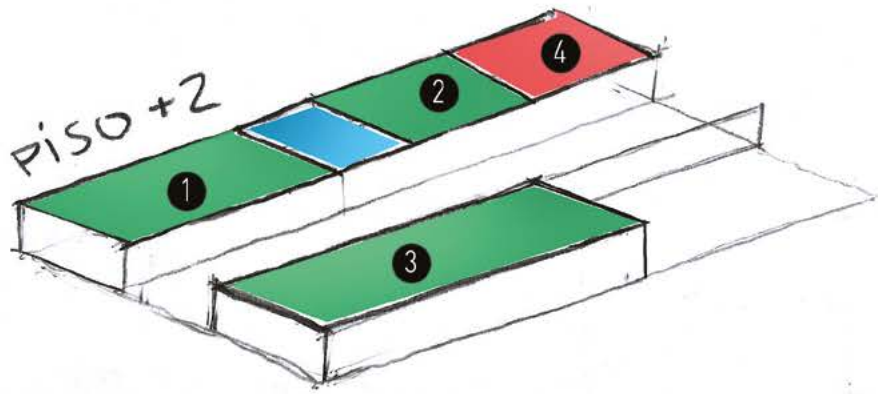
ADMINISTR.	DIRETORIA + WC	1	22,08
	TESOURARIA	1	17,00
	REUNIÕES	1	16,30
	MATRÍCULA	1	18,00
	COPA	1	20,52
	ESTAR FUNCIONÁRIOS	1	26,14
	SALA TRABALHO	1	71,70
COMUNICAÇÃO	REUNIÃO COMUNIDADE	1	50,00
	ECONOMIA CRIATIVA	1	50,00
SETOR SAÚDE	ENFERMARIA	1	27,00
	ATEND. MÉDICO	1	27,00
	PSICOLOGIA	1	27,00
	ASSIST. SOCIAL	1	27,00

FORMAÇÃO ÁREA(m²)

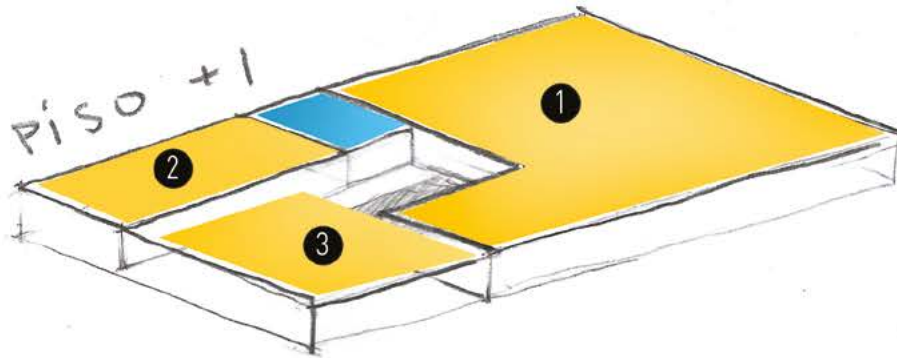
ATELIES	ARTES PLÁSTICAS	1	102,08
	ARTES CÊNICAS	1	95,20
	ARTES MACIAIS	1	74,06
	DANÇA	1	73,20
OFICINAS	ACADEMIA	1	81,60
	ABERTAS	4	66,50
ESTÚDIO	FECHADAS	2	50,00
	VÍDEO	1	36,70
	ÁUDIO	1	36,50
	FOTOGRAFIA	1	37,00
	INFORMÁTICA	1	52,92

APOIO

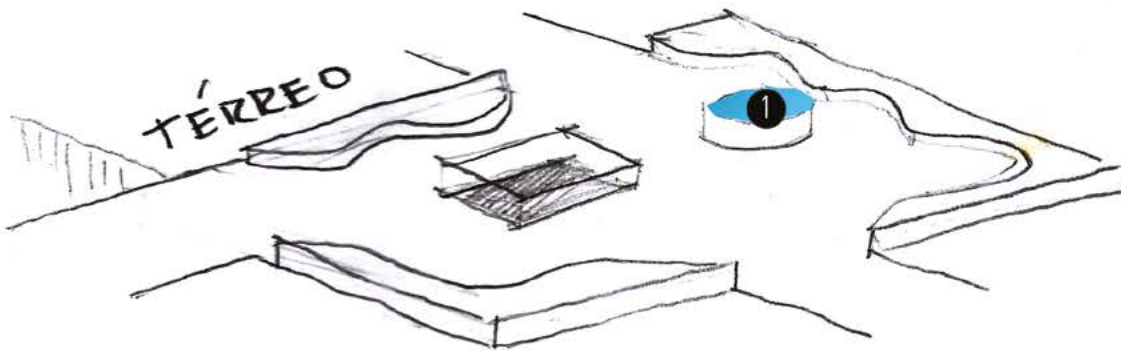
PISO + 1 e +2	WC	2	18,34
	WC Acessível	1	5,00
PISO TERREO	PÁTIO COBERTO	1	1366,03
	INFORMAÇÕES/GUARITA	1	18,43
	WC	2	12,55
	CAFÉ	1	35,67
	WC	2	18,34
PISO -1	WC Acessível	1	2,60
	VESTIÁRIO FUNC.	2	14,60
	VESTIÁRIO FUNC. ACESS	1	3,55
	ACESSO SERVIÇO	1	22,56
	DEPÓSITO	1	37,30
	SERVIÇOS GERAIS	1	52,85
	LIXO + GÁS	1	10,00
PORTARIA ESTAC.	1	5,00	



- 1.OFICINAS (ABERTTAS)
- 2.OFICINAS (FECHADAS)
- 3.ATELIES
- 4.REUNIÃO COMUN.

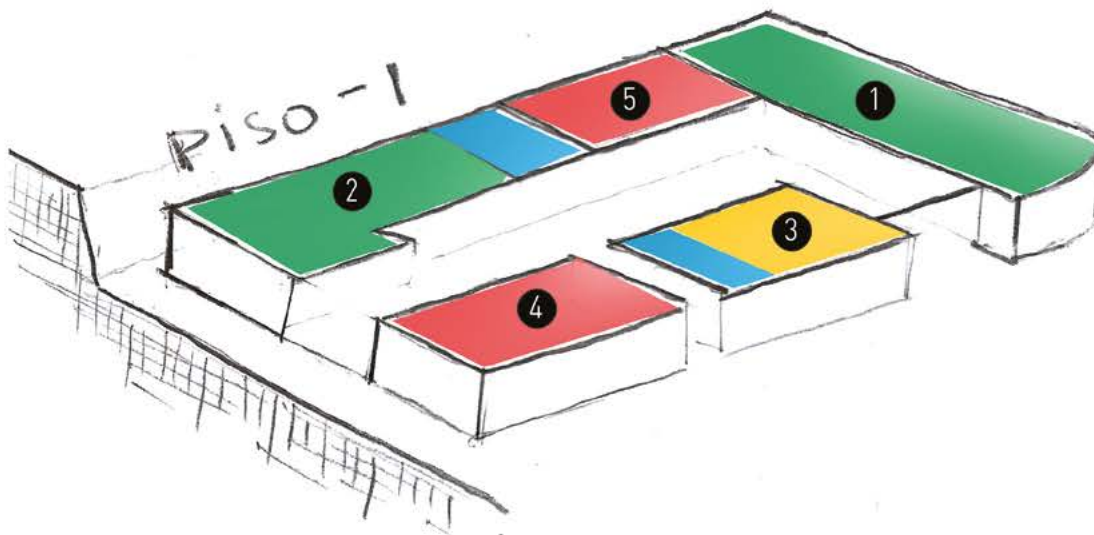


- 1.BIBLIOTECA
- 2.ESPAÇO CRIANÇA
- 3.EXPOSIÇÕES



- 1.INFORMAÇÕES/
CAFÉ/WC

ACESSO TEATRO



- 1.ATELIES DANÇA
E LUTA
- 2. ESTUDIO
- 3.AUDITORIO
- 4.ADMINISTRAÇÃO
- 5.SETOR SAÚDE

ACESSO SERVIÇO

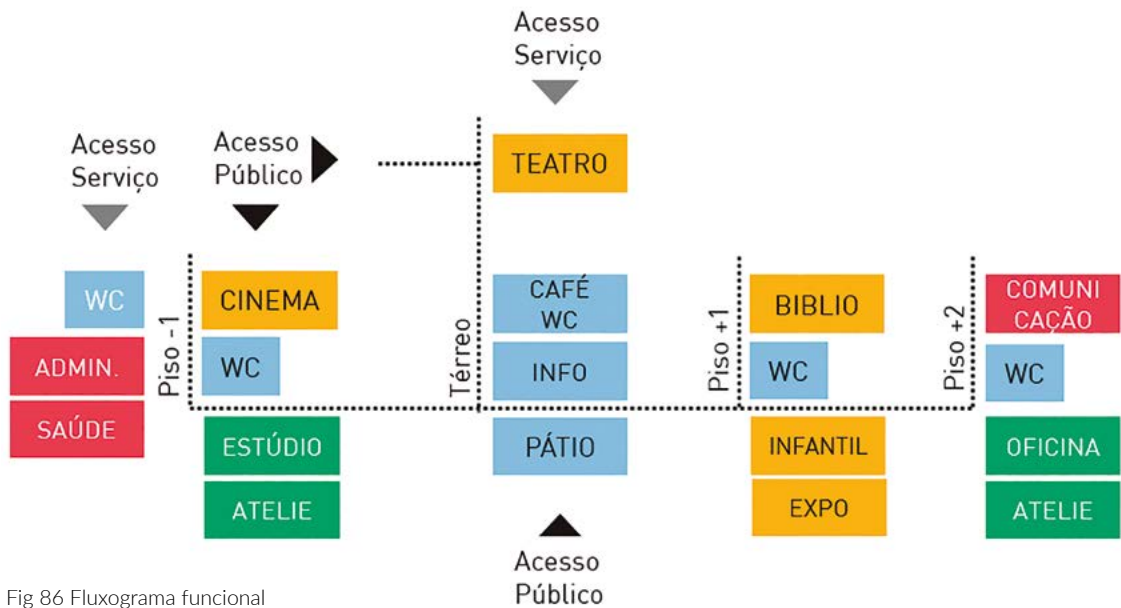


Fig 86 Fluxograma funcional

Locais de Reuniões/Eventos

Teatro, Auditório, Cinema e Exposições, com atividades periódicas e de uso aberto à comunidade, sendo muito populares nos centros culturais tidos como referência.

Centro Social de Apoio à Comunidade

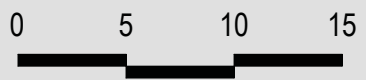
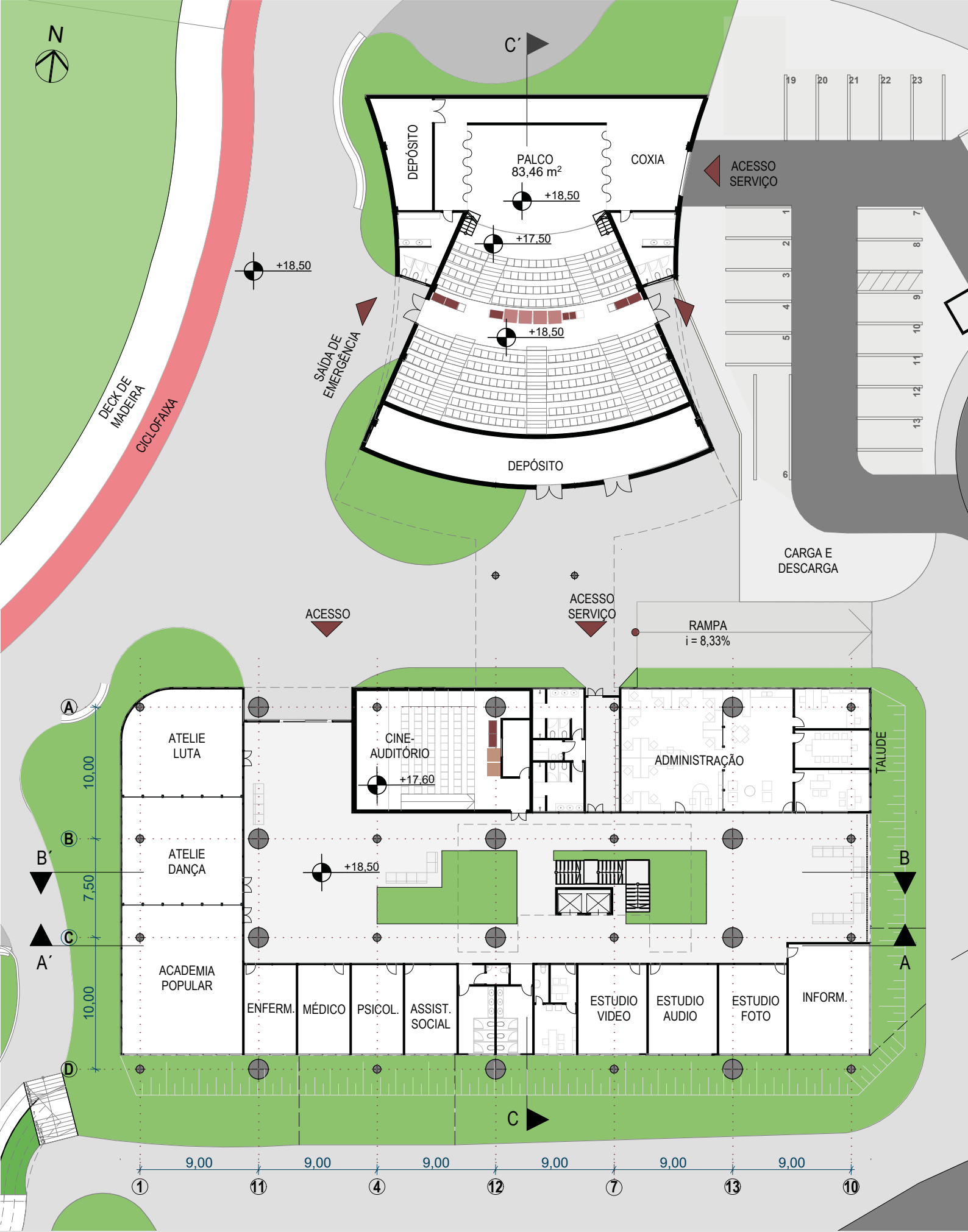
Tomados como base os setores Economia Criativa, Comunicação popular e Equipe Saúde da REDE CUCA (Página 30), constatou-se a carência e enorme procura por serviços básicos mesmo que com oferta restrita, como pequeno apoio médico, psicológico e social. A verdade é que a população precisa ter voz e o Centro Cultural pode ter um espaço destinado para discutir questões pertinentes à comunidade.

Formação Artística/Tecnológica

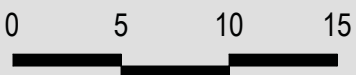
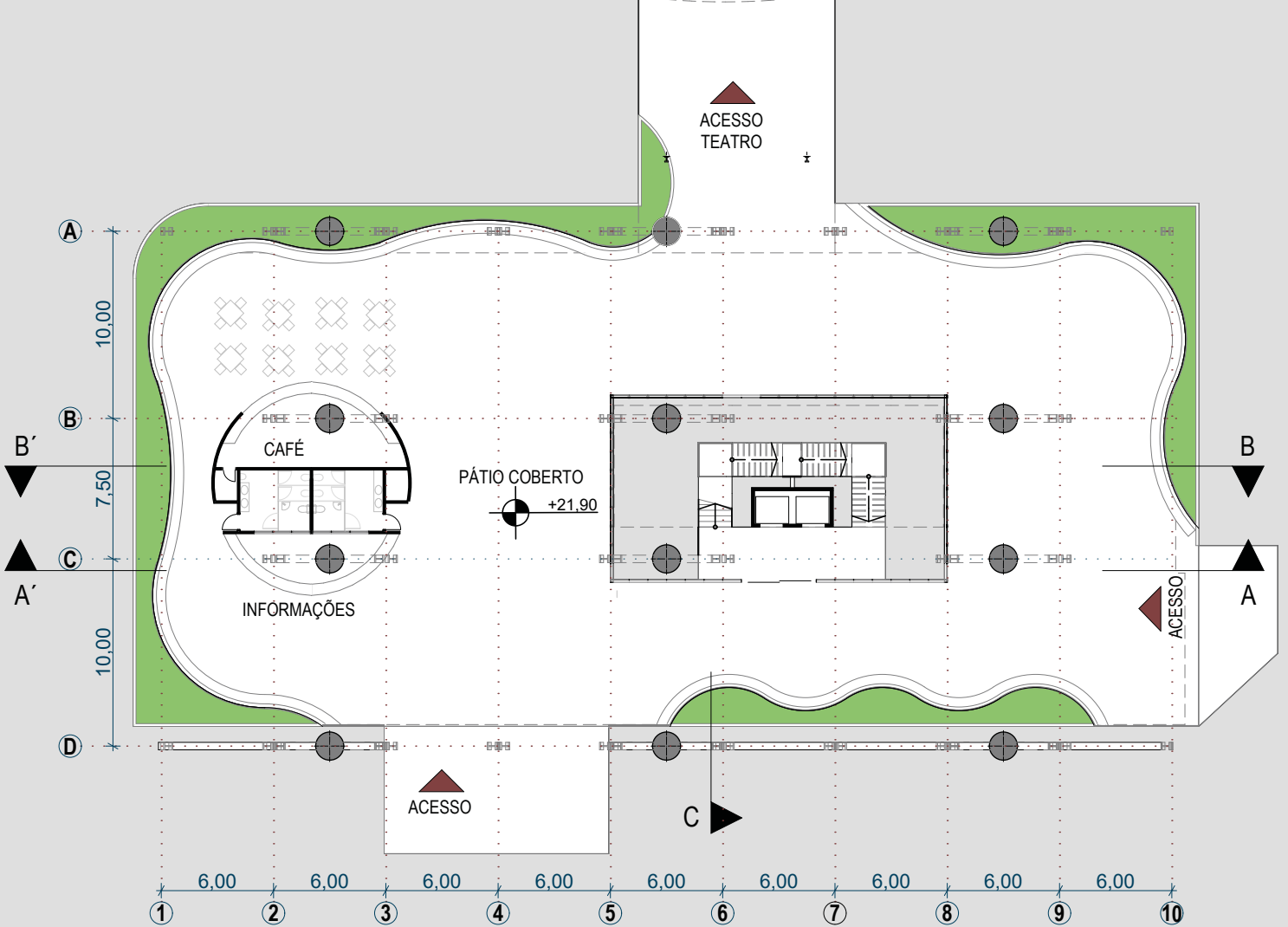
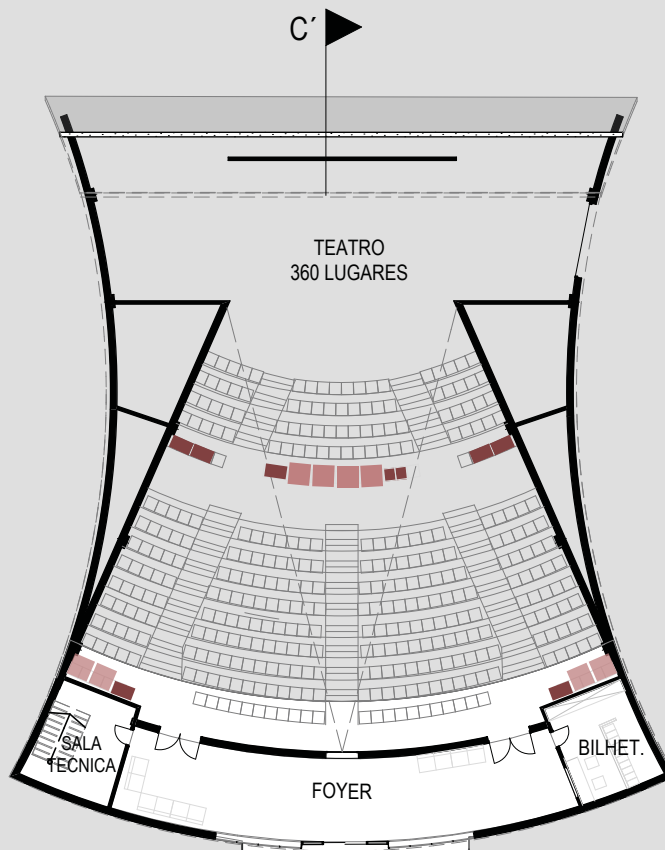
Espaços destinados aos diversos cursos baseado na organização do SESC Pompéia (Página 34), onde são separados em ATELIÊS de arte (salas maiores) e OFICINAS (Salas de médio porte). Os espaços de ESTÚDIO servem de formação tecnológica, abrigando atividades de áudio, vídeo, fotografia e informática. São ambientes refrigerados e mais fechados, com necessidade de tratamento acústico.

Espaços de Convivência

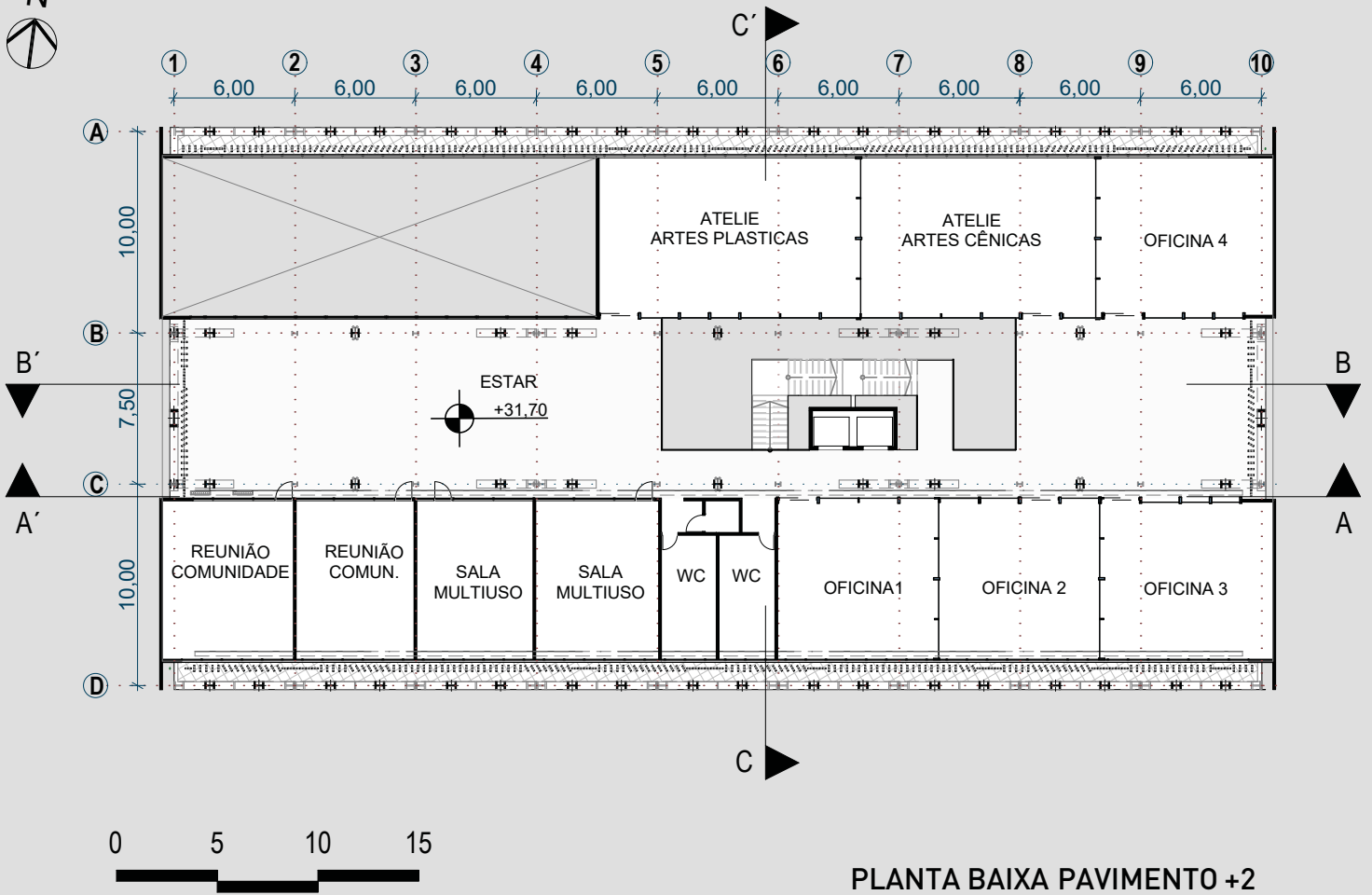
Ambientes com conforto da sombra e segurança, possibilitando pessoas que vão para realizar refeições, ler um livro ou simplesmente sentar e aproveitar a vista para a Lagoa.



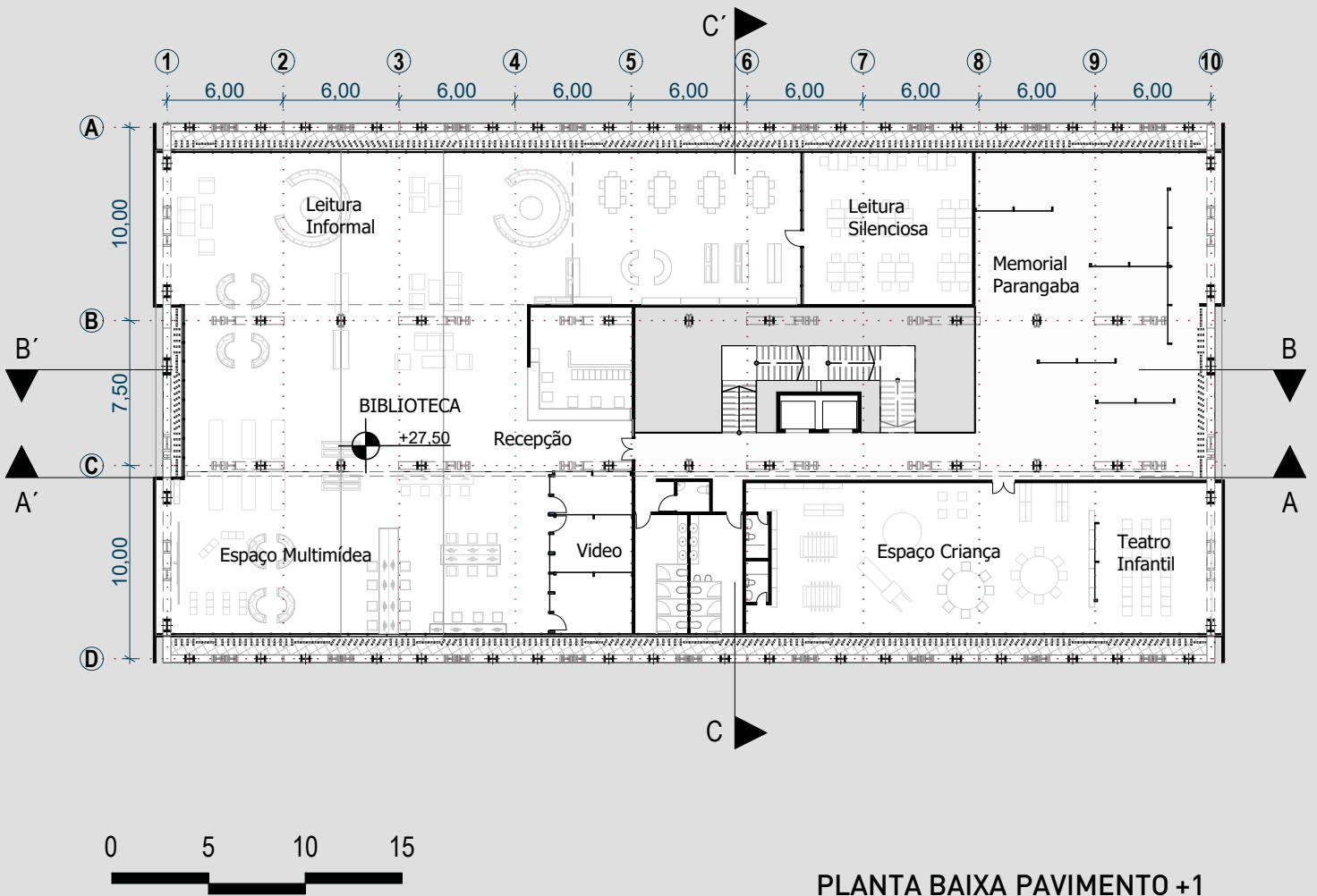
PLANTA BAIXA PAVIMENTO SUBSOLO



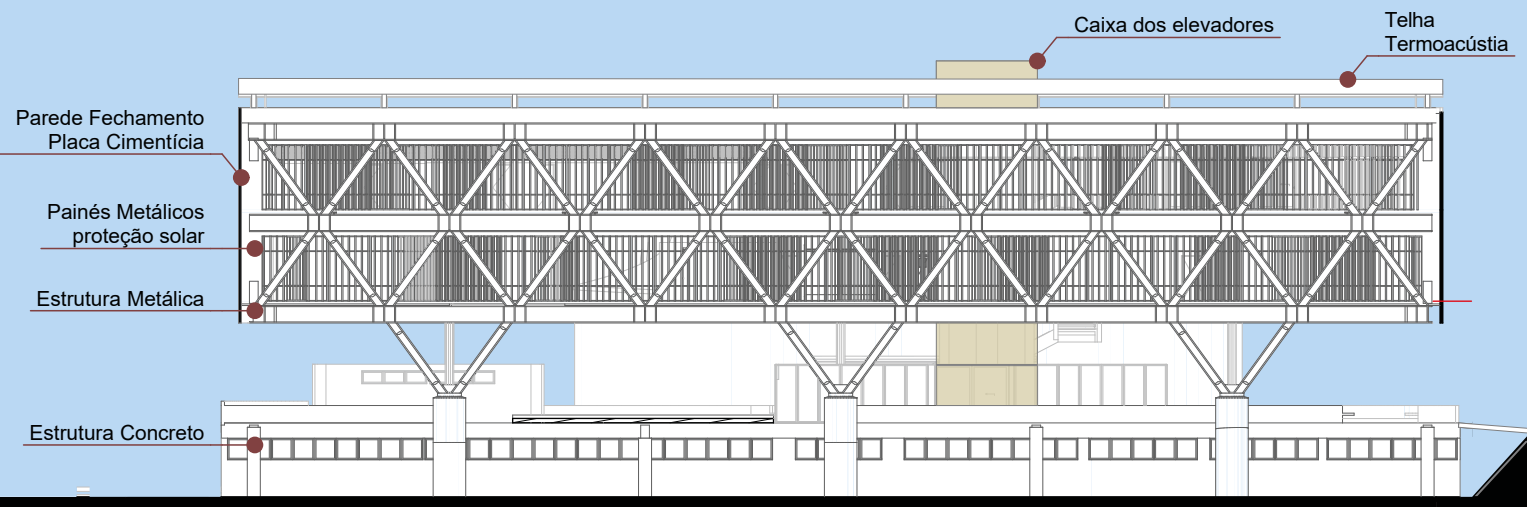
PLANTA BAIXA PAVIMENTO TÉRREO



PLANTA BAIXA PAVIMENTO +2



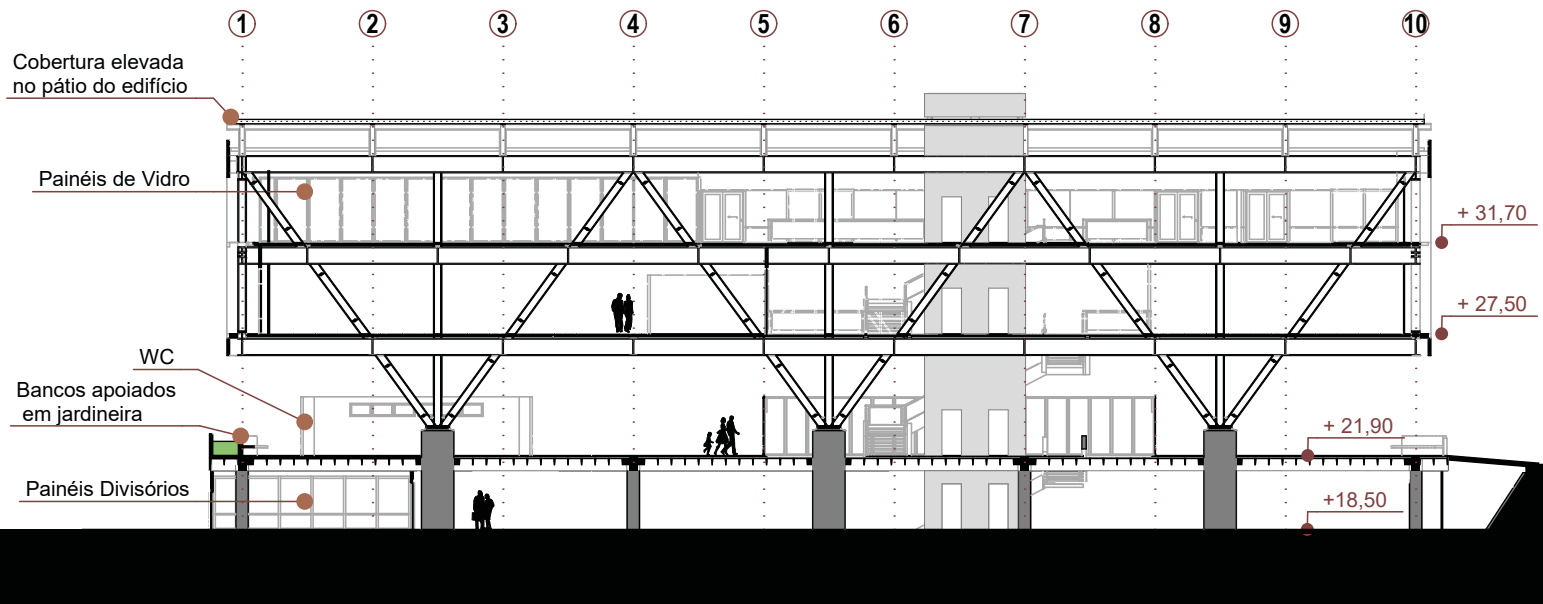
PLANTA BAIXA PAVIMENTO +1



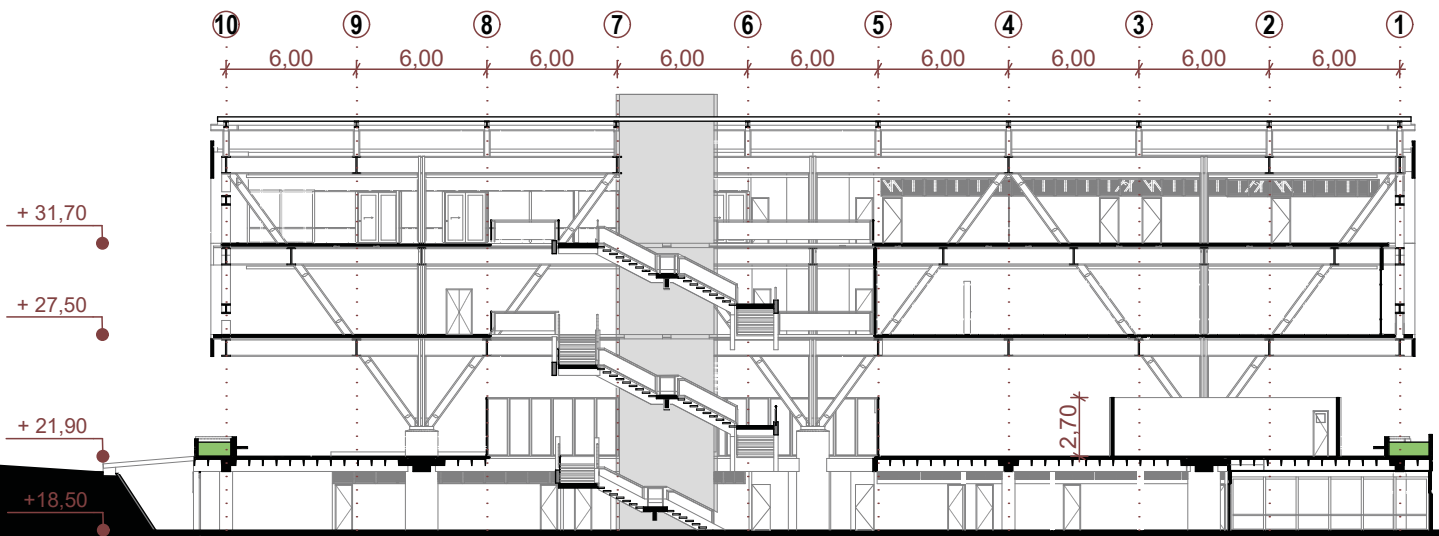
FACHADA SUL



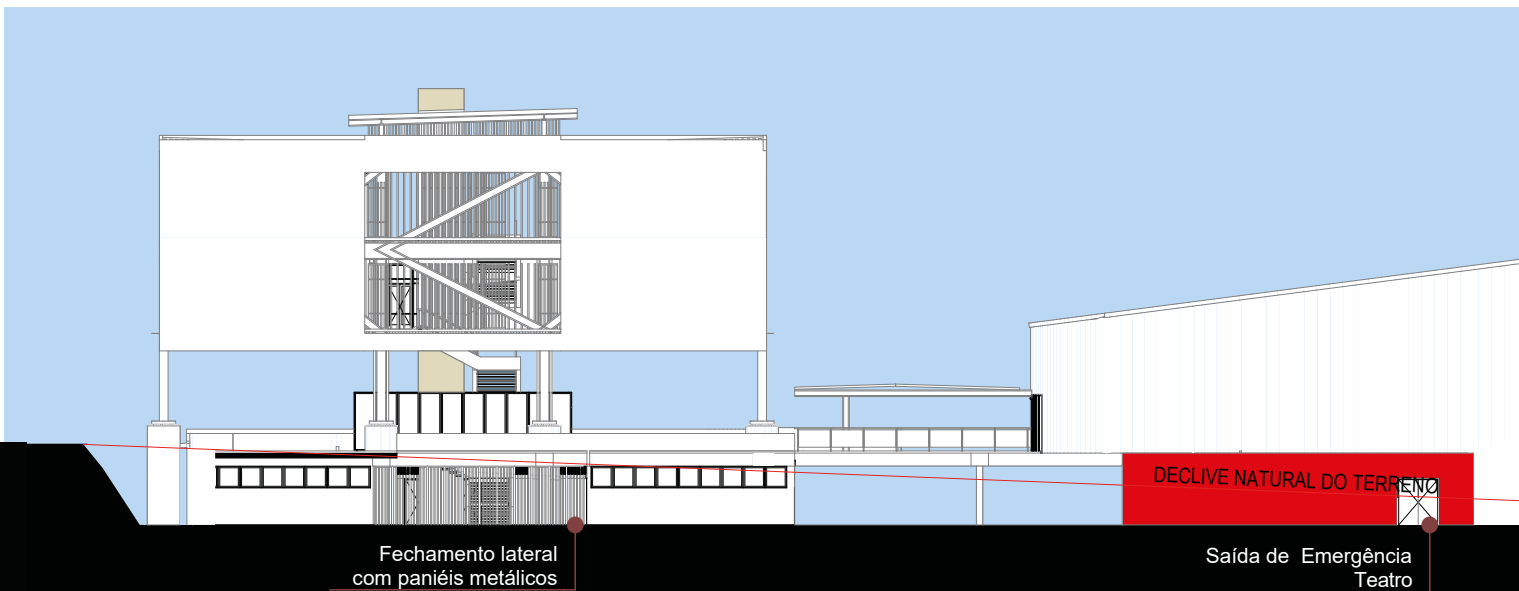
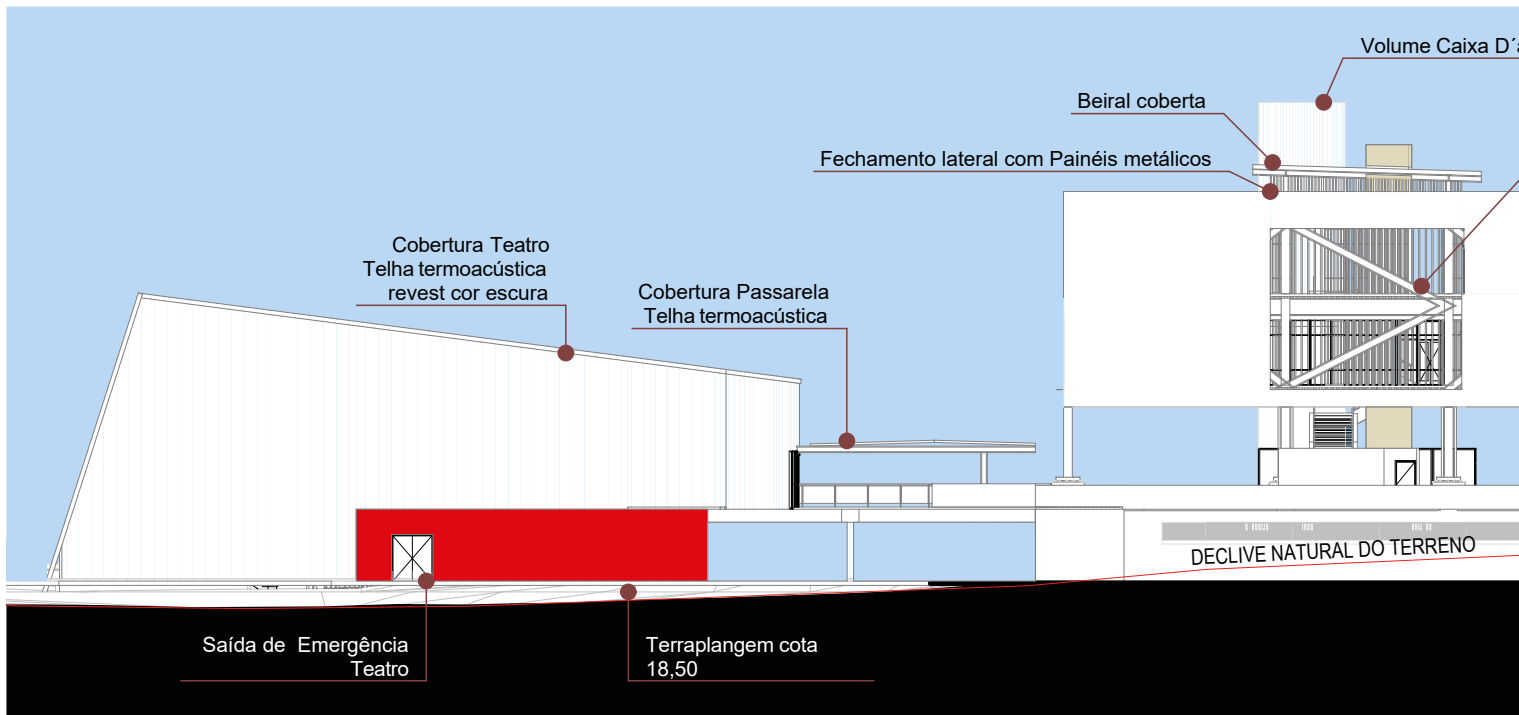
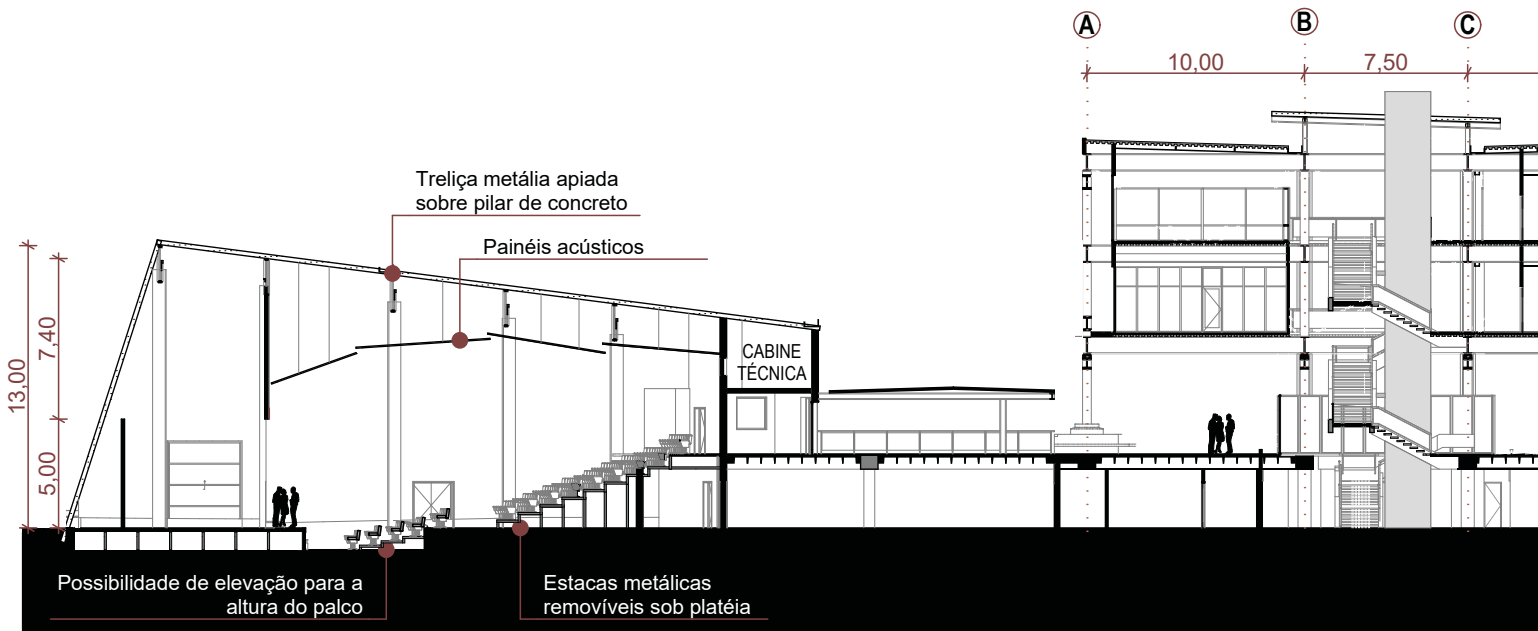
FACHADA NORTE

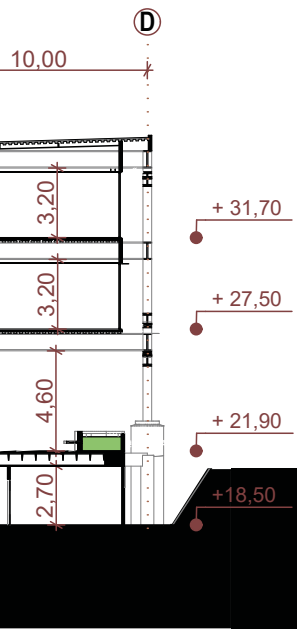


CORTE AA'

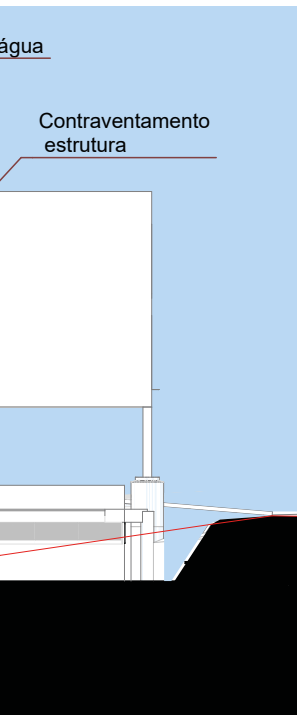


CORTE BB'

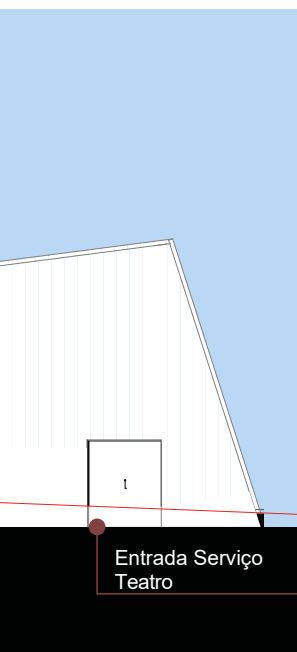




CORTE CC



FACHADA OESTE



FACHADA LESTE

O acesso principal dá-se pelo pavimento térreo que é contínuo à praça dos caboclinhos na cota da Avenida. Como uma grande praça sombreada, prezou-se por um pátio coberto bem livre, havendo apenas uma parte de apoio (café, WC's e balcão de informações/ guarita) e as circulações verticais.

Priorizou-se por localizar nos pavimentos superiores as atividades mais lúdicas com aproveitamento das vistas para a lagoa e para o centro histórico. São eles: biblioteca, setor infantil, Memorial Parangaba, ateliês, oficinas e salas de reuniões. Parte dos ateliês se localiza no pavimento subsolo devido ao barulho gerado por equipamentos de som (Dança) e de ginástica (Lutas e academia), podendo afetar a concentração na biblioteca. Nesse pavimento também estão as atividades mais fechadas, como Cine-auditório e salas de estúdio.

No pavimento subsolo se encontra também a administração tal como os serviços ofertados à comunidade: enfermaria, psicologia, atendimento médico e assistência social. Um corredor de acesso de serviço passa pelos vestiários e é ligado ao estacionamento, onde há a zona de carga e descarga do Centro.

No Teatro, tal como o auditório do ITA (Página 39), se chega no nível mais alto da plateia (CORTE C) de forma que as poltronas aproveitam o desnível entre o pavimento térreo. Como há uma grande área de depósito, se propões que a plateia seja removível, sustentada por estacas metálicas.



IMAGEM 5 - A implantação do Pier na Lagoa é uma forma de aproximação das pessoas com o meio natural. Observa-se também a relação volumétrica entre os dois blocos.



IMAGEM 6 - Acesso secundário na cota da inferior do terreno. Ao fundo, a passarela coberta que interliga os blocos.



IMAGEM 7 - Abertura lateral com vidro detrás dos brises devido ao ambiente ar-condicionado da biblioteca.

IMAGEM 8 - Contraventamento estrutural na lateral e no teto marcam os ambientes do edifício.





IMAGEM 9 - Grande salão de estar com pé-direito duplo na biblioteca e mural em homenagem ao do artista plástico cearense Estrigas (2014). O ambiente é marcado pela não separação entre seus espaços, deixando-o mais dinâmico e atrativo. Para aqueles que optam por uma leitura silenciosa, há uma sala fechada (ao fundo).





IMAGEM 10 - No piso +2, o largo corredor é um grane ambiente de estar. À esquerda as salas das oficinas fechadas e à direita o vidro que veda o pé-direito duplo da biblioteca.

IMAGEM 11 - Na biblioteca, espaço multimídea com computadores e (ao fundo) tela de projeção para jogos e atividades diversas.





IMAGENS 12 e 13 - Vistas interna e externa dos ateliês e oficinas com vedações à meia altura (2,30m) favorecendo a ventilação cruzada e servindo como didática às instalações e estrutura aparentes.



SISTEMA ESTRUTURAL

A concepção estrutural é um misto entre estrutura metálica e concreto, utilizando sistemas de vedação e aberturas pré-fabricados conferindo maior flexibilidade à divisão dos ambientes. No sentido transversal sempre se adota modulação de 7,50m para a circulação central, formando grandes pátios alongados, e 10,00m para as atividades da sala (Figura 87).

Em termos simbólicos, a estrutura metálica foi escolhida por remeter ao carácter ferroviário marcante e indissociável à história da Parangaba, pois é símbolo do desenvolvimento da região. A ambiência dos elementos pré-fabricados faz referência ao forte polo industrial que se instaurou e hoje se encontra em decadência. Com a elevação do edifício sobre a praça quebra-se também o paradigma da muralha que a linha férrea trouxera e ainda traz à região. O edifício é então símbolo de progresso e nostalgia, catalisando olhares para a bela lagoa e semeando ideias de uma próspera Parangaba de amanhã (Figura 88).

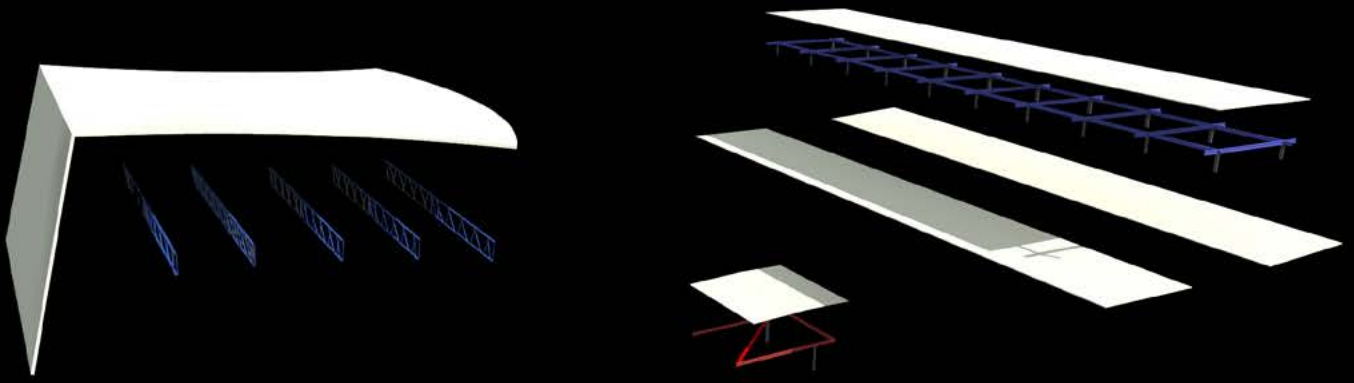
Em termos funcionais, foi utilizado o sistema estrutural metálico pela necessidade de grandes vãos no pavimento térreo, chegando a 27,5m no sentido transversal, deixando assim a estrutura mais leve e econômica. Os pilares de concreto do térreo, que suportam toda a estrutura metálica possuem dimensões aproximadas de 1,5m de diâmetro, conferindo força ao conjunto.

A disposição triangular dos pilares segue o sistema DIAGRID (Figura 89), onde as barras diagonais estão sujeitas principalmente à tração ou compressão, que são esforços econômicos. Nos pilares centrais, afim de não impactar a disposição interna dos ambientes, há uma redução dessa grelha e em contrapartida surge da base de concreto um pilar metálico vertical.

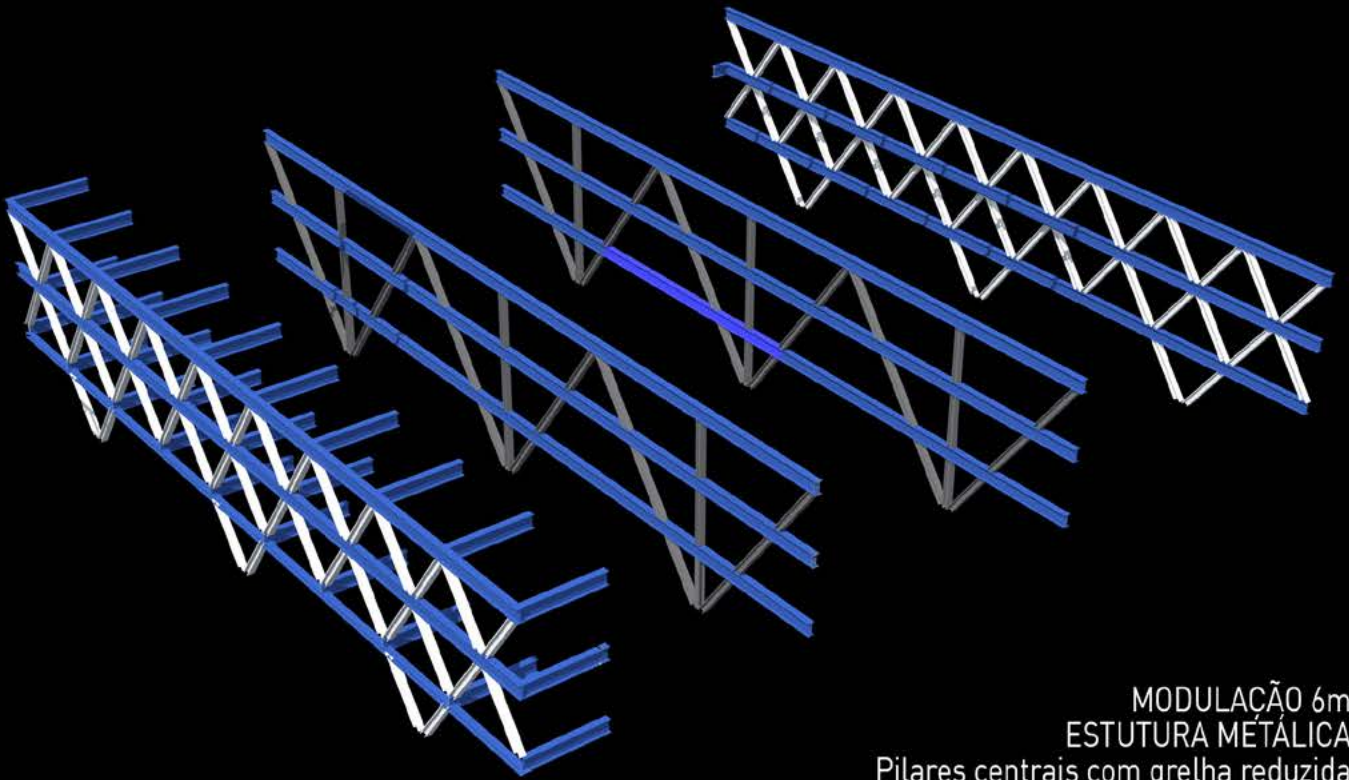
Todos os pilares possuem formato I e dimensão padrão de 0,4x0,4m, sendo que para os mais solicitados (os que transmitem os esforços ao pilar de concreto no térreo) as chapas de aço são reforçadas. As vigas transversais em formato I seguem a modulação de 6m no sentido longitudinal, possibilitando o tamanho uniforme de 0,8x0,4m. Para o contraventamento, são utilizados tirantes de dimensões de 0,2x0,3m entre as vigas da grelha formada, ajudando a suportar também as lajes. A extremidades laterais do edifício seguem o esquema de triangulação, controlando também esse esforço.

A laje utilizada é a steel deck, formada por uma chapa ondulada de aço coberta por camada de concreto. O aço, excelente material para trabalhar a tração, é utilizado como fôrma para o concreto durante a concretagem e como armadura positiva para as cargas de serviço. Baseado em catálogo de fabricantes*, chegou-se a espessura de 20cm total para laje, com adição de uma camada de lã de vidro compactada entre o concreto e a chapa de aço para atenuar a transmissão sonora.

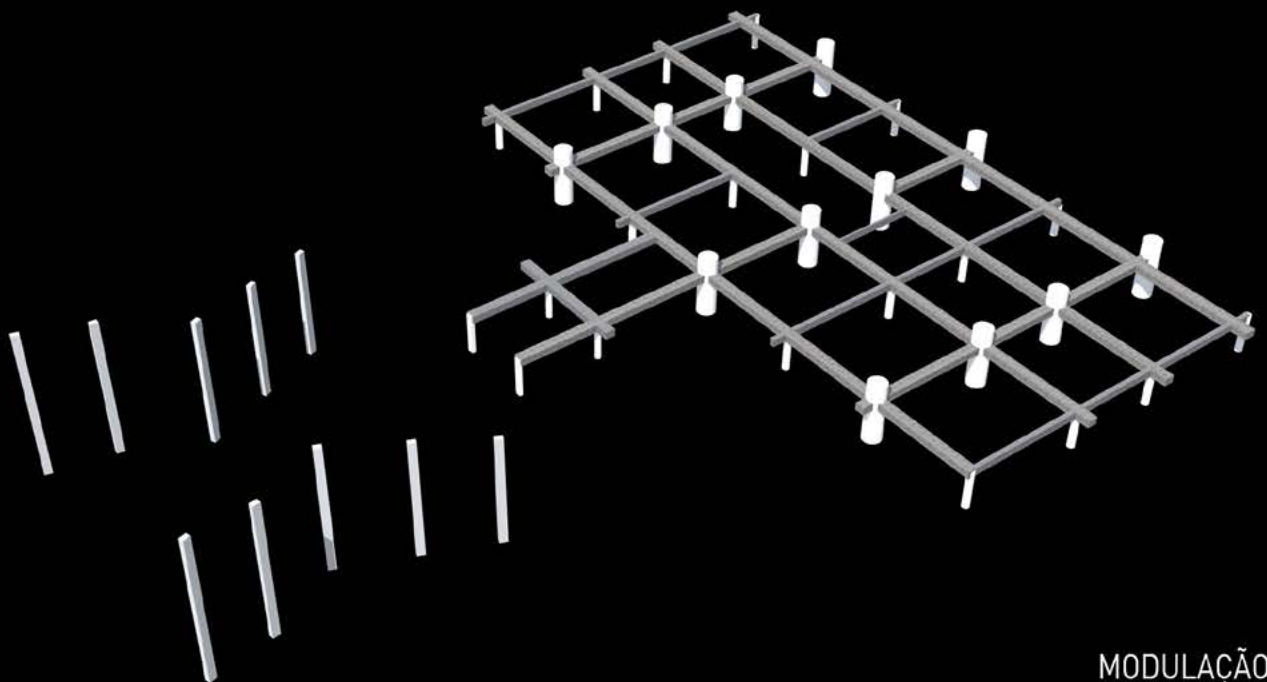
* CATÁLOGO STEEL DECK MBP. Disponível em: www.mpb.com.br



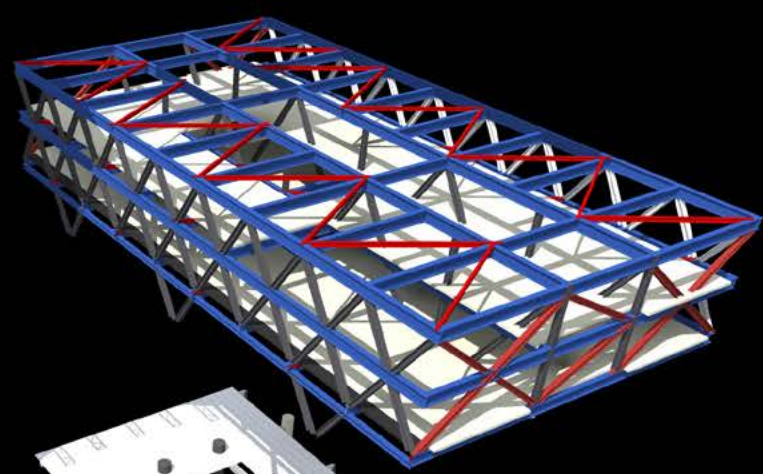
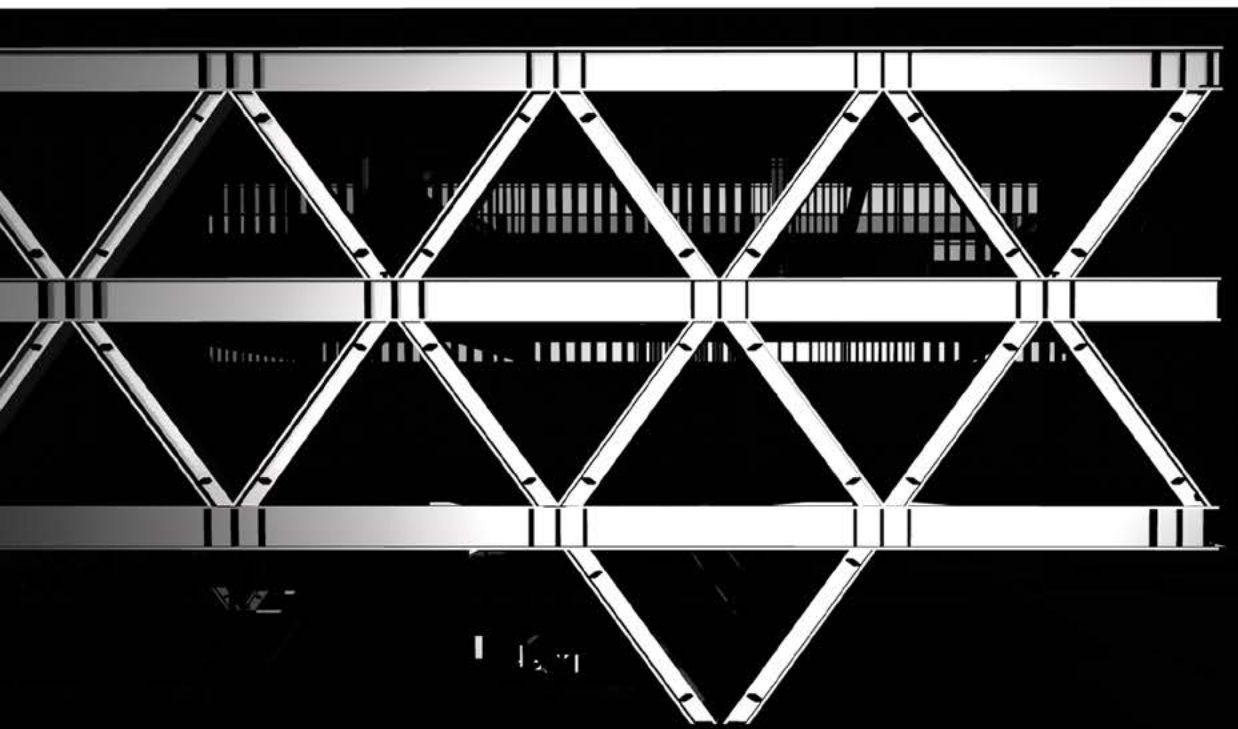
ESTRUTURA COBERTA



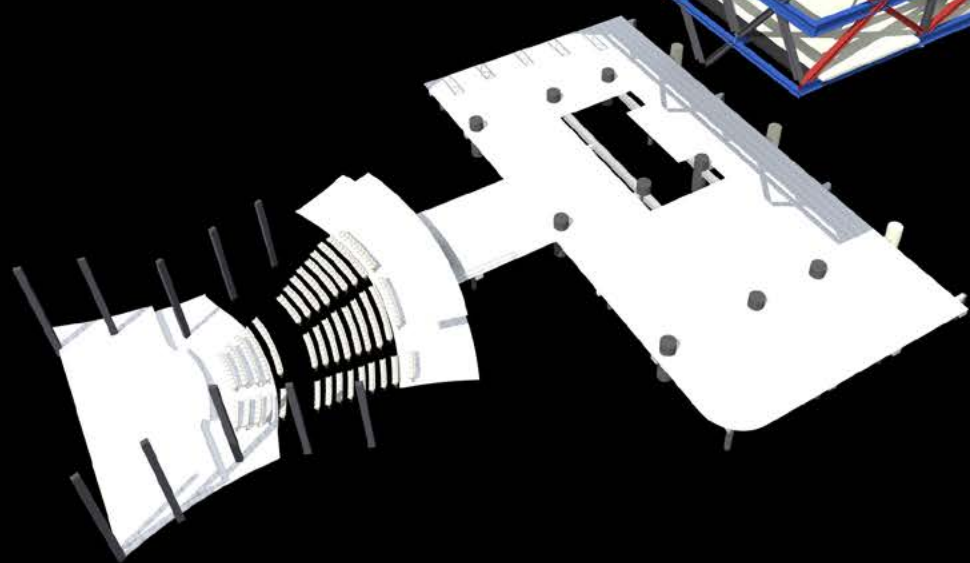
MODULAÇÃO 6m
ESTRUTURA METÁLICA
Pilares centrais com grelha reduzida



MODULAÇÃO 9m
ESTRUTURA CONCRETO



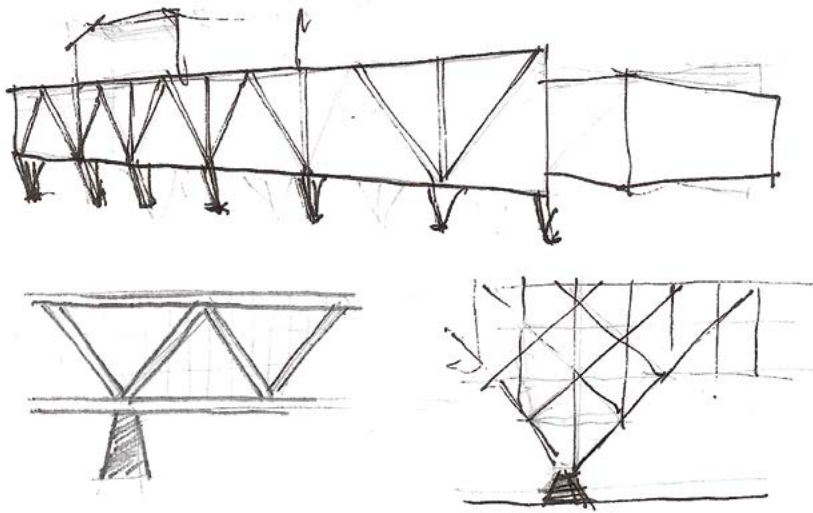
ESTRUTURA METÁLICA



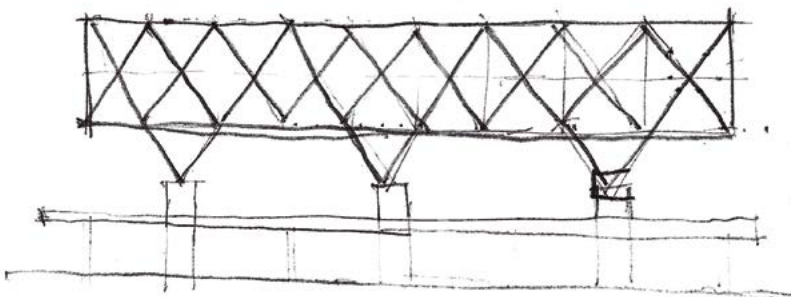
ESTRUTURA CONCRETO

- VIGA METÁLICA
- CONTRAVENTAMENTO ESTRUTURA

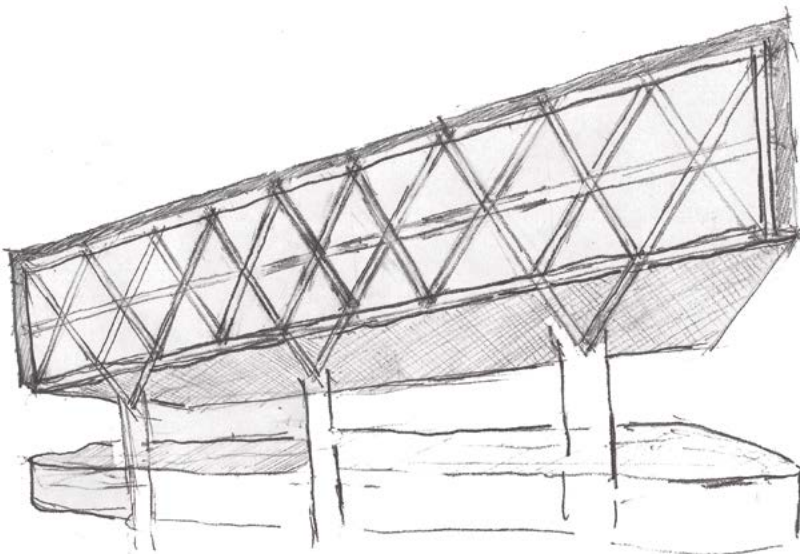
Fig 87 - Sistema misto entre estrutura metálica (piso +1 e +2) e concreto (piso subsolo), havendo a transição no pavimento térreo com pilares de 1,5m Ø



88

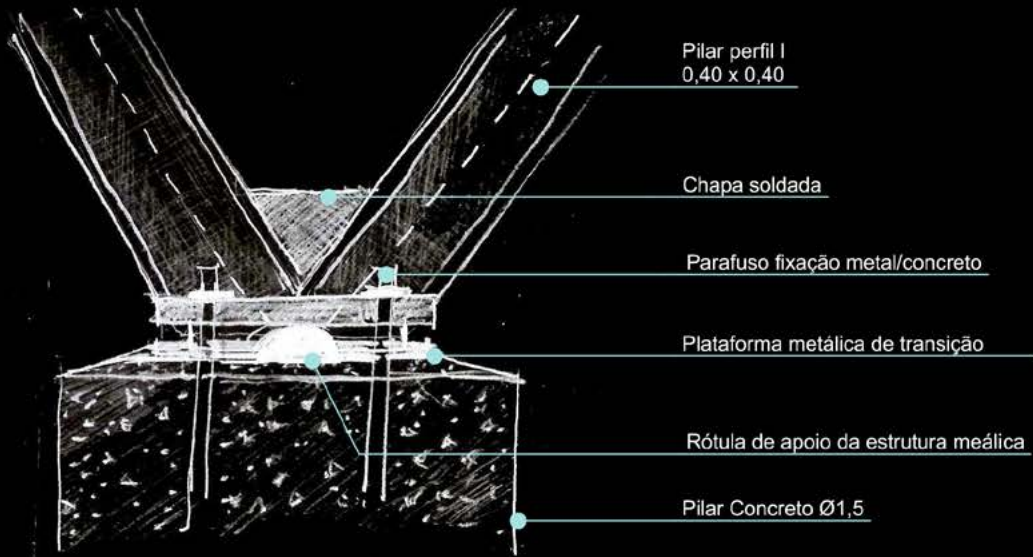


89



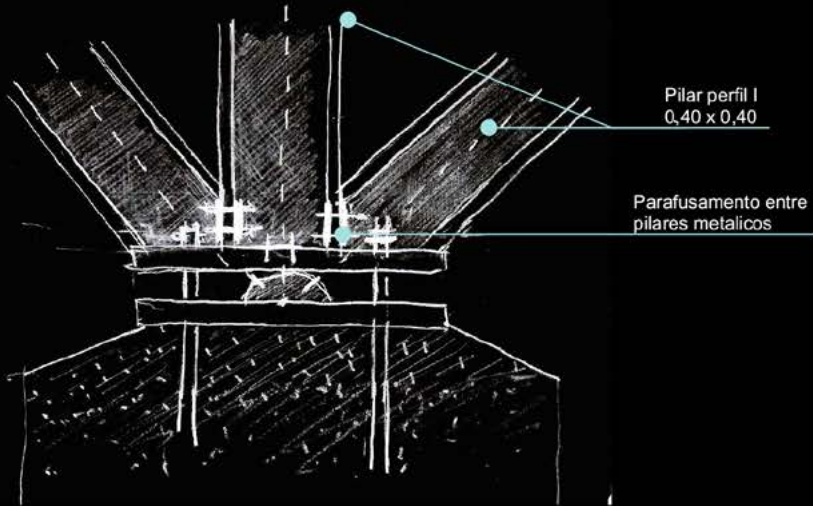
90

Fig 88, 89 e 90 Croquis de estudo da estrutura



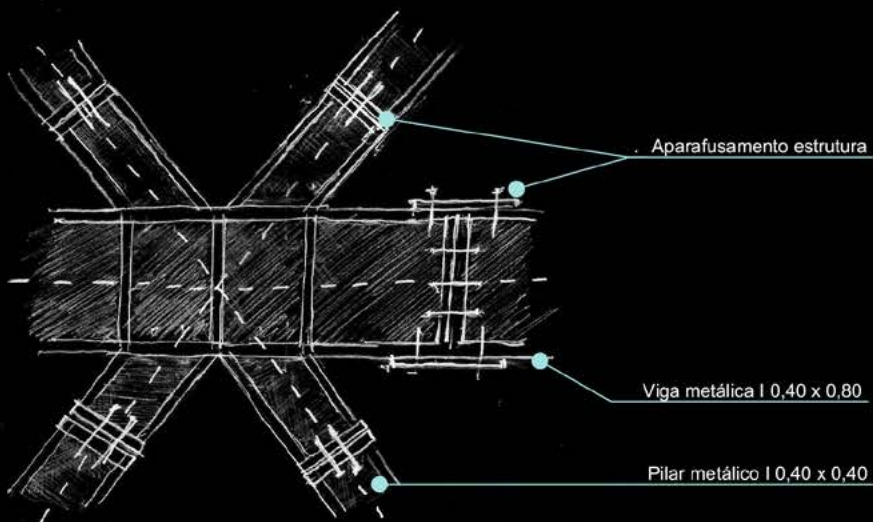
DETALHE 01

Pilar Fachada
ESCALA 1:25



DETALHE 02

Pilares centrais
ESCALA 1:25



DETALHE 03

Escala 1:40

No pavimento subsolo do Centro Cultural se utiliza estrutura convencional de concreto com pilares a cada 9m no sentido longitudinal e laje nervurada no teto. Os esforços estruturais são amenizados pelos balanços de 1,5m, com exceção da fachada sul onde mísulas apoiam a viga interna. Como as atividades desse pavimento não necessitam de grandes vãos, a espessura da laje não se torna um problema, deixando um pé-direito mínimo de 2,70m já considerando o forro acústico.

Para a estrutura do Teatro, formada por treliças metálicas na cobertura, são utilizados também pilares de concreto a cada 5m aproximadamente. A cobertura metálica da passarela que liga o Teatro ao Centro Cultural não toca a estrutura principal do centro, se apoiando no teatro e em pilar na outra extremidade.

A escada possui todos os seus componentes metálicos e viga invertida nas bordas dos lances que serve como apoio ao guarda corpo de aço e vidro. Seu principal apoio são as vigas metálicas do edifício, mas também possui único apoio (no patamar central) na coluna dos elevadores através de uma mísula (Figura 91 e 92).



Fig 91 e 92 – A estrutura da escada em lance U se apoia nas vigas centrais do edifício e numa mísula que surge da coluna dos elevadores. O painel utilizado na escada é uma adaptação da autora de uma arte gráfica feita pelo designer e ilustrador americano Andy Gilmore. (Disponível em: <http://crowquills.com/>)

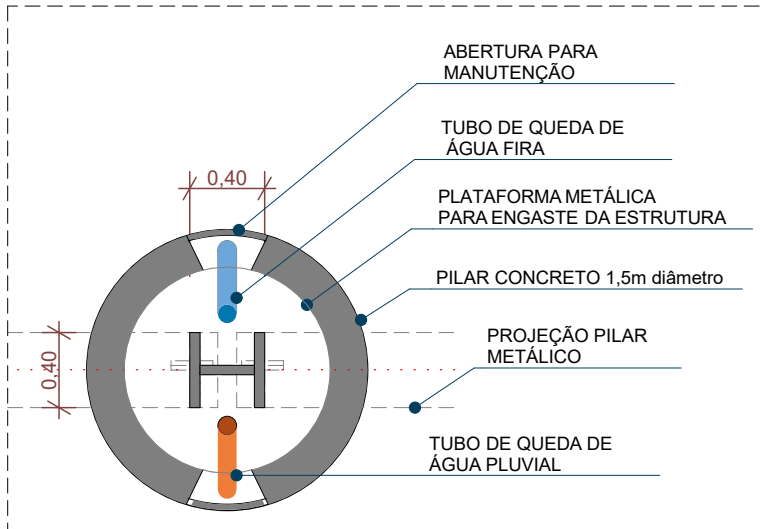
IMAGEM 14 - Acesso principal pavimento térreo. À esquerda balcão de informações, WC's e café com vista para a lagoa. A estrutura metálica e as instalações aparentes dão aspecto fabril ao edifício.



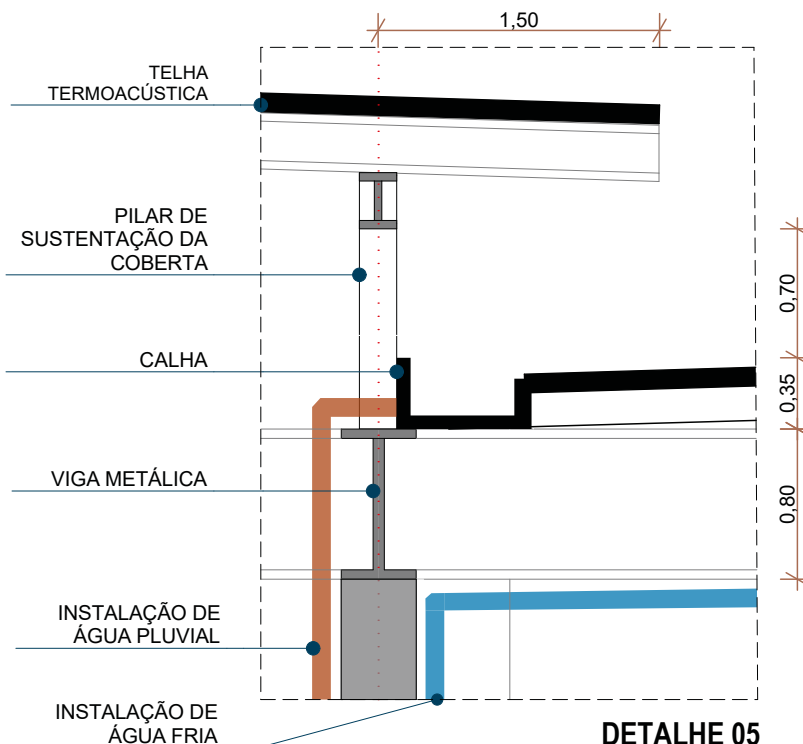
IMAGEM 15 - No pavimento subsolo, a estrutura é toda de concreto com lajes nervurada.

INSTALAÇÕES PREDIAIS

Em concordância à ambiência industrial criada as instalações prediais são aparentes e são coadjuvantes à estrutura metálica. Por essa razão os banheiros são localizados próximos ao pilar vertical da grelha central, facilitando essa passagem. Esse mesmo pilar serve de apoio também às instalações de água pluvial e elétrica (DETALHE 4 e 5).



DETALHE 04
INSTALAÇÕES PREDIAIS EMBUTIDAS NA ESTRUTURA
ESCALA 1:40



DETALHE 05
INSTALAÇÕES DE ÁGUA FRIA E PLUVIAL
ESCALA 1:40

COMFORTO TÉRMICO

A orientação do edifício minimiza o impacto solar no edifício e favorece a ventilação (Figura 93). Entretanto, durante metade do ano as fachadas sul e norte recebem insolação no período da tarde, carecendo de proteção. Para isso, são utilizados brises com tiras metálicas no sentido vertical nas fachadas sul e norte. A sua dimensão reduzida de 0,30x3,00 possibilita que sejam basculantes e não ocupe muito espaço no ambiente (DETALHE 6, figura 94).

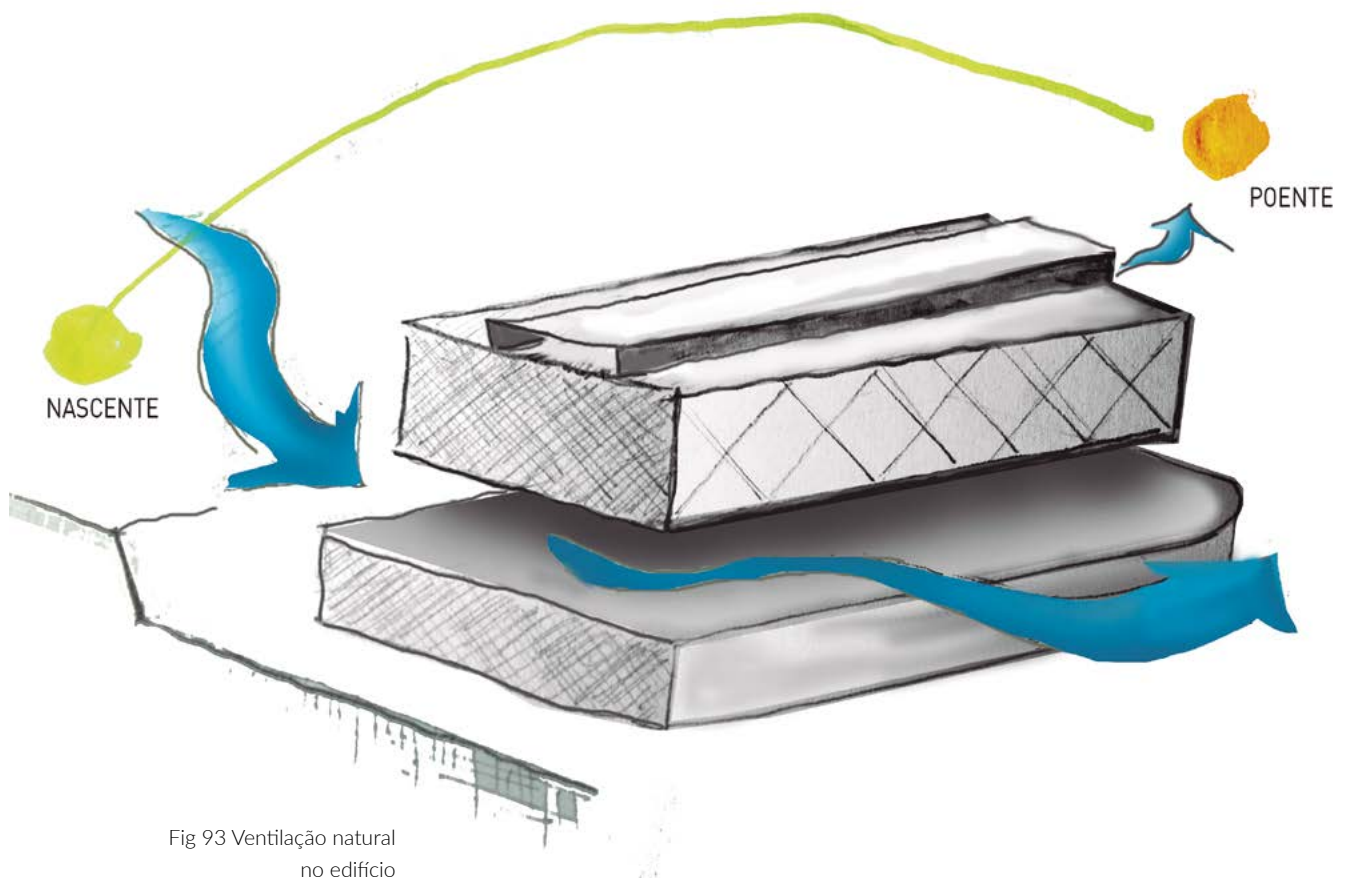
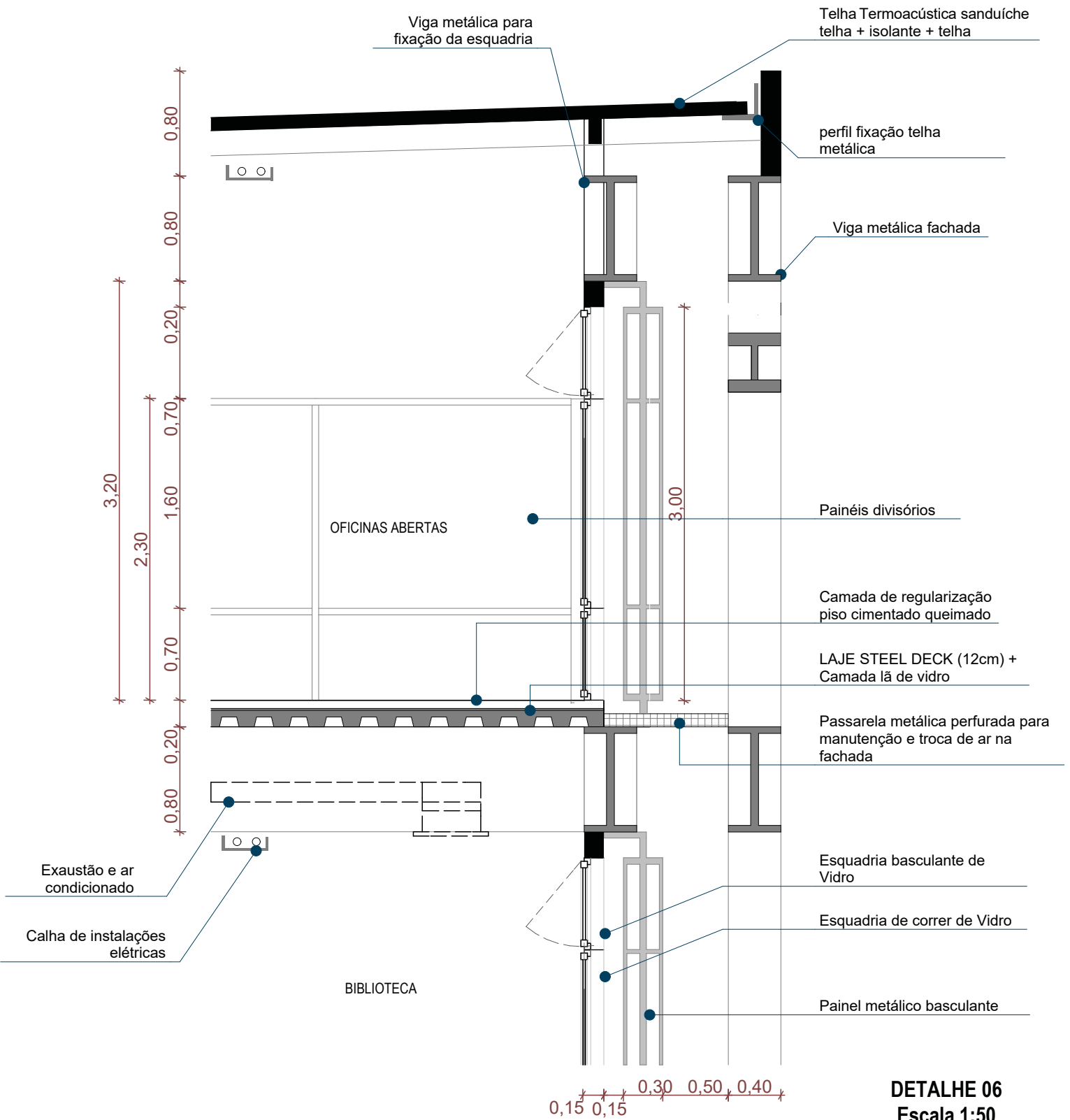


Fig 93 Ventilação natural no edifício

A biblioteca é inteiramente ar condicionada, enquanto os outros pavimentos carecem de ventilação natural nos corredores. Para melhorar a ventilação foram criadas aberturas laterais vedadas com os mesmos brises metálicos. Utiliza-se também abertura zenital com a cobertura central mais elevada.



DETALHE 06
Escala 1:50

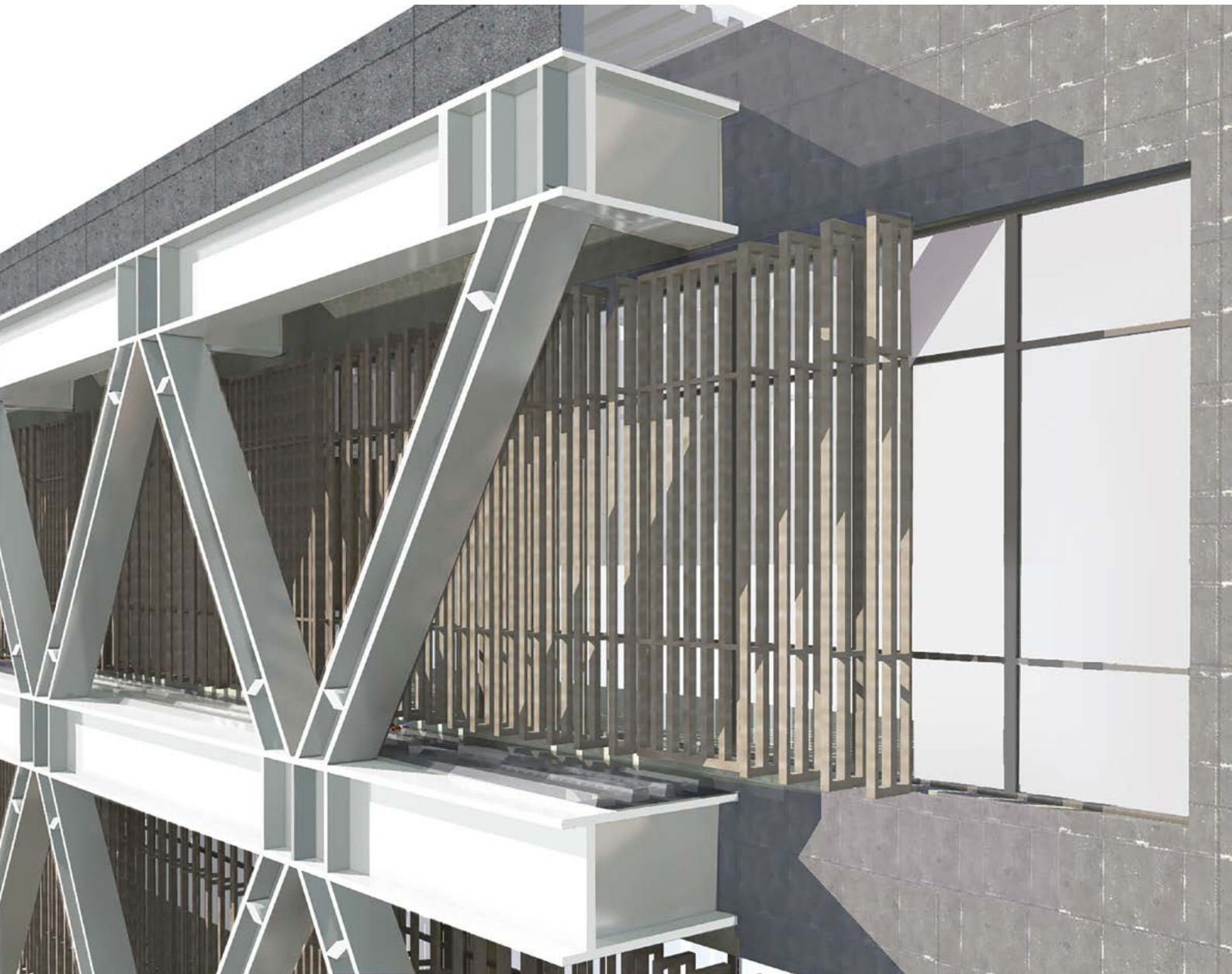


Fig 94 Brise vertical basculante como proteção solar nas fachadas.

COMFORTO ACÚSTICO

No teatro e auditório, as principais preocupações são quanto à acústica do ambiente. Para obter homogeneidade na distribuição do som é preciso criar possibilidades de difusão com descontinuidades entre paredes e tetos. Para isso, deve-se utilizar colunas e materiais de revestimento absorvente, como painéis madeirados utilizados.

As placas de isolamento do tipo acústico são perfuradas e elaboradas com fibras de madeira. Estas fibras, cuidadosamente lavadas, prensadas, secas e depois submetidas a tratamentos químicos especiais, contém milhares de células de ar. São estas células, juntamente com as perfurações das placas que absorvem o som. (CAZELOTO, TAMANINI, 2013)

A inclinação da curva de visibilidade foi calculada conforme anexo I presente no apêndice. Foi também calculada a posição de espelhos acústicos no forro de modo que não se tenha a visualização da coberta.

IMAGEM 16 - Vista da plateia para o palco. As placas acústicas no forro e nas paredes laterais garantem que o som se propague atingindo adequadamente todas as cadeiras.



IMAGEM 17 - Vista do palco para a plateia. Nota-se as entradas principais ao fundo e as saídas de emergência nas laterais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dualidade técnica e artística da arquitetura permite desenvolver conceitos lúdicos e funcionais dos elementos da construção. A profissão exige pensar em diversas escalas, muitas vezes com soluções globais que afetam o meio urbano ao detalhe do encaixe da estrutura.

O presente trabalho é uma consolidação do aprendizado que tive durante os 6 anos de faculdade. Aprendizado esse que não possui começo nem fim, pois a arte de projetar se faz com cada uma de nossas memórias. A paixão pessoal por matemática e a fascinação por triângulos, por exemplo, explica muita coisa do projeto.

O trabalho foi conduzindo diversos caminhos ao longo da jornada e foram muitas as dificuldades, a começar pela escolha do terreno com algumas questões polêmicas. Não poderia ser diferente, pois é o desafio que move a humanidade.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

BENÉVOLO, Leonardo. **A arquitetura no novo milênio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

BONDUKI, Nabil Georges. **Affonso Eduardo Reidy - Série Arquitetos Brasileiros**. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Portugal: Editorial Blau, 1999.

DIAS, Luís Andrade de Mattos. **Edificações de aço no Brasil**. São Paulo: Zigurate Editora, 1993.

GHEL, Jan. **Cidade para pessoas**. Tradução Anita Di Marco. Reimpressão da 1ed. 2013. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1982.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para arquitetura**. Editora: CosacNaify, 2006. Publicado originalmente nos EUA pela Princeton Architectural Press.

SILVA, José Borzacchiello. 2015. **De aço no Brasil**. São Paulo: Zigurate Editora, 1993.

VAINER, André; FERRAZ, Marcelo. **CIDADELA DA LIBERDADE: Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia**. Edições SESC São Paulo, 2013.

Teses:

RUFINO, Maria Beatriz Cruz. **Incorporação da Metrópole: Centralização do capital no imobiliário e nova produção do espaço em Fortaleza.** Tese (doutorado - Área de concentração: Habitat), FAUUSP, 2012. Orientador: Paulo César Xavier Pereira. São Paulo.

LOPES, Francisco Clébio Rodrigues. **A centralidade da Parangaba como produto da fragmentação de Fortaleza (CE).** Dissertação (mestrado - Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental) Universidade Federal do Ceará. Orientador: José Borzacchiello da Silva. Fortaleza, 2006.

MOURA, Gyl Giffony Araújo. **A construção da memória social como política pública: O caso do Centro Cultural Bom Jardim, em Fortaleza, Ceará.** Dissertação (mestrado - Área de concentração: Memória Social) – UNIRIO. Orientador: Prof. Dr. Alejandro Javier Lifschitz. Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Rachel Facundo Vasconcelos de. **Políticas Públicas para a juventude: O caso do Centro Urbano de Cultura, Artes, Ciências e Esporte – CUCA BARRA – Fortaleza.** Dissertação (mestrado. Área de Concentração: Organização, Produção e Gestão do Território no Semiárido) – UVA (Sobral). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zenilde Baima Amora. Sobral, 2012.

Publicações:

BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo: Relatório da primeira etapa de pesquisa.** Centro de Estudos da Metrópole: CEBRAP. São Paulo, abril 2005.

BRAZ E SILVA, Angela M. N; ROCHA, Nadja M. S. O papel da paisagem cultural no processo de planejamento urbano. **Artigo apresentado no Terceiro Colóquio Ibero-Americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto.** Belo Horizonte, setembro 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo, conexto, 2011.

CAZELOTO, Kenydei; TAMANINI, Carlos Augusto de Melo. Acústica para teatros. **AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**. v.11, nº.3, jul./set., 2003

Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Inventário ambiental de Fortaleza 2003**. Diagnostico versão final.

RAMOS, Luciene Borges. Centro Cultura: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. **Artigo apresentado no Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, 2007.

Retratos de Fortaleza Jovem, Relatório Síntese de Gráficos. Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2007.

SILVA, M.J.V. LOPES, P.W.; XAVIER, S.H.V. **Acesso a Lazer nas Cidades do Interior: um Olhar Sobre Projeto CINE SESI Cultural**. VI Seminário 2009 ANPTUR. São Paulo/SP, 2009.

I Caderno de Diretrizes e Propostas para elaboração do Plano Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de Fortaleza, julho 2012. **Estudo das vantagens competitivas do Centro da cidade de Fortaleza** (P.M.F, 2004)

Sites Consultados:

<http://www.paroquiabomjesusdosafritos.org.br/>

<http://www.fortaleza.ce.gov.br/redeuca>

<http://www.metroo.com.br>

<http://www.agenteimovel.com.br/mercado-imobiliario/a-venda/fortaleza,ce/>

Jornal O povo (29/10/2012). Título: Parangaba: Bairro comemora 91 anos com muita história para contar. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2012/10/29/noticiasopovonosbairros,2944394/bairro-comemora-91-anos-com-muita-historia-para-contar.shtml>

APÊNDICE

ANEXO I

Código de Obras e Posturas Lei N.º 5.530 De 17 de Dezembro 1981 Seção Iv Culturais

Art. 376 – As edificações deverão satisfazer, além das exigências para a categoria, constantes da Seção I do presente Capítulo, aos requisitos seguintes:

V. Qualquer que seja a área da sala de espetáculos, a sala de espera terá área, no mínimo, de 16,00m². Para os balcões, a área será de 10,00m²;

e) que haja ampla visibilidade da tela ou palco, por parte de espectador situado em qualquer um dos lugares. Para demonstrar essa condição tomar-se-á a altura de 1,125m para a vista do espectador sentado; a reta que liga o piso do palco, ou a parte inferior da tela, até a vista de cada espectador, deverá passar, pelo menos, 0,125m acima da vista do espectador da linha (ou assento) anterior;

f) que o ângulo da visibilidade de qualquer lugar com eixo perpendicular à tela ou boca de cena seja, no máximo. De 60°;

Art. 377 – As edificações para teatro e similares deverão, ainda, atender aos seguintes requisitos:

I. O ponto no centro do palco para a linha de visão, referida na alínea “e” do item X do artigo anterior, será tornado 0,50m acima do piso do palco e a profundidade de 3,00m a contar da boca de cena; II. A cobertura do palco deverá dispor de chaminé, nas condições do item II do artigo 130 para ventilação e, especialmente, para tiragem dos gases quentes ou fumaça que se formem no espaço do palco;

VII. Haverá camarins ou vestiários de uso coletivo, que deverão, pelo menos: a) estar separados em agrupamentos para cada sexo, dispondo cada conjunto da área total de 20,00m², no mínimo;

ANEXO II

ABNT 9050 /2015

8.2 Locais de reunião

8.2.1.1 Quantidade dos espaços para P.C.R. e assentos para P.M.R. e P.O.

Tabela 8 — Espaços para pessoa em cadeira de rodas e assentos para P.M.R. e P.O.

Capacidade total de assentos	Espaços para P.C.R.	Assento para P.M.R.	Assento P.O.
Até 25	1	1	1
De 26 a 50	2	1	1
De 51 a 100	3	1	1
De 101 a 200	4	1	1
De 201 a 500	2% do total	1%	1%
De 501 a 1 000	10 espaços, mais 1% do que exceder 500	1%	1%
Acima de 1 000	15 espaços, mais 0,1% do que exceder 1 000	10 assentos mais 0,1% do que exceder 1 000	10 assentos mais 0,1% do que exceder 1 000

8.2.1.2.3 A localização dos espaços deve ser calculada traçando-se um ângulo visual de 30° a partir do limite superior da boca de cena até a linha do horizonte visual (L.H.), com a altura de 1,15 m do piso. A altura do piso do palco deve ser inferior à L.H. visual com altura de 1,15 m do piso da localização do espaço para P.C.R. e assentos para P.M.R., conforme figura 147.



Figura 147 — Ângulo visual dos espaços para P.C.R. em teatros — Exemplo

8.2.1.3 Dimensões dos espaços para P.C.R. e assentos para P.M.R. e P.O.

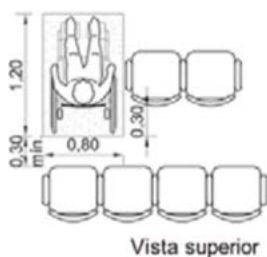


Figura 149 — Espaços para P.C.R. na primeira fileira — Exemplo



Figura 150 — Espaços para P.C.R. na última fileira — Exemplo

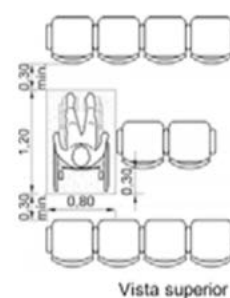


Figura 151 — Espaços para P.C.R. em fileira intermediária — Exemplo

ANEXO III

Brigada de Incêndio Decreto 17.364 de 22 de Agosto de 1985

Regulamenta a Lei n.º 10.973 de 10 de dezembro de 1984, que dispõe sobre o Código de Segurança Contra Incêndio.

Art. 47 - As saídas do locais de reunião de público devem se comunicarem diretamente com a via pública, ou corredores, galerias e pátios, desde que se comuniquem diretamente com a via pública.

Art. 48 - Os Teatros, Cinemas, Auditórios , Boates e Salões Diversos terão os seguintes dispositivos Contra Incêndio e Pânico:

- a) Entre as filas de cadeiras de uma série, deverá existir espaço livre de , no mínimo, 1,20 (um metro e vinte centímetros) de largura;
- b) O número de assentos por filas será de 15 (quinze) e por coluna de 20 (vinte), constituindo séries de 300 (trezentos) assentos no máximo;
- m) Para o público haverá sempre, no mínimo, uma porta de entrada e outra de saída do recinto, com largura mínima de 2m (dois metros) situados em pontos distantes, de modo a não haver sobreposição de fluxo. A soma das larguras de todas as portas equivalerá a uma largura total correspondente a 1m (um metro) para cada 100 (cem) pessoas
- n) Os locais de espera terão área equivalente, no mínimo, a 1m² (um metro quadrado) para cada 8 (oito) pessoas;

ANEXO IV

Resolução Conama Nº 303, de 20 de Março de 2002

Art. 3º Constitui Área de Preservação Permanente a área situada:

- III - ao redor de lagos e lagoas naturais, em faixa com metragem mínima de:
- a) trinta metros, para os que estejam situados em áreas urbanas consolidadas;
 - b) cem metros, para as que estejam em áreas rurais, exceto os corpos d'água com até vinte hectares de superfície, cuja faixa marginal será de cinquenta metros;

Nº 369, de 28 de Março de 2006

Seção III Da implantação de Área Verde de Domínio Público em Área Urbana

§ 2º O projeto técnico que deverá ser objeto de aprovação pela autoridade ambiental competente, poderá incluir a implantação de equipamentos públicos, tais como:

- a) trilhas eco turísticas;
- b) ciclovias;
- c) pequenos parques de lazer, excluídos parques temáticos ou similares;
- d) acesso e travessia aos corpos de água;
- e) mirantes;
- f) equipamentos de segurança, lazer, cultura e esporte;
- g) bancos, sanitários, chuveiros e bebedouros públicos; e
- h) rampas de lançamento de barcos e pequenos ancoradouros.

ANEXO V

LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA
 ANEXO 6 - CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES PO GRUPO E SUBGRUPO
 GRUPO: INSTITUCIONAL
 TABELA 6.21 SUBGRUPO - EQUIPAMENTOS PARA CULTURA E LAZER - ECL

CÓDIGO	ATIVIDADE	CLASSE ECL	PORTE (III) m²	Nº MÍNIMO DE VAGAS DE ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS
85.32.41	Centro Social Urbano.	4-PE	Qualquer	1 vaga /100 m² A.T.
92.13.41	Cinema. (V)	5	Até 500	1 vaga / 20 lugares
		PGT1	501 a 1000	
		PGT2	1001 a 1500	
		PGT3	Acima de 1500	
92.31.21	Teatro. (V)	5	Até 500	1 vaga / 20 lugares
		PGT1	501 a 1000	
		PGT2	1001 a 1500	
		PGT3	Acima de 1500	
92.39.81 92.39.84	Exploração de locais e instalações para diversões - Circo.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.50.01	Centro de Convenções.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
95.50.02	Planetário.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
90.50.03	Aquário.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.51.71	Biblioteca Central (II)	4-PE	Qualquer	1 vaga / 30 m² A.U.
92.51.72	Biblioteca Especializada (II)	1	Até 250	1 vaga /100 m² A.T.
		2	251 a 1000	
		3	Acima de 1000	
92.51.73	Biblioteca de Bairro (II)	1	Até 250	1 vaga /100 m² A.T.
		2	251 a 1000	
		3	Acima de 1000	
92.52.51	Museu. (II)	1	Até 250	Será objeto de estudo
		2	251 a 1000	
		3	Acima de 1000	
92.53.31	Parque Metropolitano.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.53.32	Parque Urbano.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.53.33	Parque de Vizinhança / Parque de Bairro.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.53.34	Horto Florestal	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.53.35	Jardim Zoológico.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.41	Clube Desportivo e/ou Social.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.42	Autódromo/Kartódromo	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.43	Aeroclube.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.44	Estádio. (V)	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.45	Ginásio. (V)	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.46	Hípica.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.61.47	Hipódromo.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.62.21	Clube de Campo.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.62.22	Camping.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.62.23	Exploração de locais e instalações para parque de diversões.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.62.24	Colônia de Férias.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo

A.T.-Área do Terreno

A.U.- Área Útil, excluída a área destinada a estacionamento (redação dada pelo art. 32 da Lei nº 8603, de 17 de dezembro de 2001).

Obs.: (II) Refere-se a área construída, excluída a área destinada a estacionamento (redação dada pelo art. 32 da Lei nº 8603, de 17 de dezembro de 2001).

(III) Refere-se a área do terreno.

(V) Neste caso o porte se refere ao número de lugares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO